



HENRY VALLEJO INFANTE
RITA JULIANA S. POLONI
LAIANA PEREIRA DA SILVEIRA
JEAN PETERSON NOTIS
organizadores

O NATAL NOS UNE

edição Mariíta Ramírez, patrimônio vivo de Guayana

Coletânea interdisciplinar multilíngue de perspectivas plurais


casalettras

Coleção
**O NATAL
NOS UNE**
vol. 2



HENRY VALLEJO INFANTE
RITA JULIANA S. POLONI
LAIANA PEREIRA DA SILVEIRA
JEAN PETERSON NOTIS
organizadores

O NATAL NOS UNE

edição Mariíta Ramírez, patrimônio vivo de Guayana

Coletânea interdisciplinar multilíngue de perspectivas plurais

Coleção
**O NATAL
NOS UNE**
vol. 2



casaletras
Porto Alegre
2025

COMISSÃO ORGANIZADORA 2024

Henry Rafael Vallejo Infante – UFPR
Rita Juliana Soares Poloni – UFPEL
Claudia Inês Parellada – UFPR
Jean Peterson Notis – UFRGS
Aldo Francisco Valoto – UFPR
Paulo Marins Gomes – UFPR
Norma González de Zambrano – UPEL - IPC
Dayana Zdebsky de Cordova – UFPR
Ysmabelle Eliodor – UFPEL
Franciéle Gonçalves Soares – UFPEL
Rafael Pinheiro Deina – UFPR
Letícia Quintana Lopes – UFPEL
Nathalia Vieira Ribeiro – UFPEL
Laiana Pereira da Silveira – UFPEL

COMISSÃO CIENTÍFICA 2024

Henry Rafael Vallejo Infante – UFPR
Rita Juliana Soares Poloni – UFPEL
Claudia Inês Parellada – UFPR
Noemí Frías Duran – UPEL-IPC
Yuleima Rodríguez – UPEL-IPC
Flavia Giribone Acosta Duarte - UCPEL

Copyright ©2025 dos organizadores.

Os dados e conceitos emitidos nos trabalhos, bem como a exatidão das referências bibliográficas, são de inteira responsabilidade dos autores.

LICENCIADA POR UMA LICENÇA CREATIVE COMMONS



Você é livre para:

Compartilhar - copie e redistribua o material em qualquer meio ou formato. O licenciante não pode revogar essas liberdades desde que você siga os termos da licença.

Atribuição - Você deve dar o crédito apropriado, fornecer um link para a licença e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer maneira razoável, mas não de maneira que sugira que o licenciante endossa você ou seu uso.

Não Comercial - Você não pode usar o material para fins comerciais.

Não-derivadas - Se você remixar, transformar ou desenvolver o material, não poderá distribuir o material modificado.

Sem restrições adicionais - Você não pode aplicar termos legais ou medidas tecnológicas que restrinjam legalmente outras pessoas a fazer o que a licença permitir.

Este é um resumo da licença atribuída. Os termos da licença jurídica integral está disponível em:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/legalcode>

EXPEDIENTE:

Projeto gráfico, diagramação e capa:

Editora Casaletras

Ilustração da capa:

Adaptação da arte de divulgação do evento

Editor:

Marcelo França de Oliveira

CONSELHO EDITORIAL CASALETTRAS

Dr. Airton Pollini

Université Haute-Alsace, Mulhouse, França

Dr. Amurabi Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC

Dr. Aristeu Lopes

Universidade Federal de Pelotas/UFPeL

Dr. Elio Flores

Universidade Federal da Paraíba/UFPB

Dr. Francisco das Neves Alves

Universidade Federal do Rio Grande/FURG

Dr. Fábio Augusto Steyer

Universidade Estadual de Ponta Grossa/UEPG

Dr. Giorgio Ferri

Università degli Studi "La Sapienza", Roma, Itália

Drª Isabel Lousada

Universidade Nova de Lisboa

Dr. Jonas Moreira Vargas

Universidade Federal de Pelotas/UFPeL

Dr. Luiz Henrique Torres

Universidade Federal do Rio Grande/FURG

Dr. Manuel Albaladejo Vivero

Universitat de València, Espanha

Dr. Marcelo França de Oliveira

Biblioteca Rio-Grandense

Drª Maria Eunice Moreira

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS

Dr. Moacyr Flores

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul/IHGRGS

Drª Yarong Chen

Beijing Foreign Studies University, China

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

0113 0 Natal nos Une: edição Mariña Ramírez, patrimônio vivo de Guayana - Coletânea interdisciplinar multilíngue de perspectivas plurais. Coleção O Natal nos une, vol. 2. / Henry Vallejo Infante; Rita Juliana S. Poloni; Laiana Pereira da Silveira e Jean Peterson Notis (Org.). [Recurso eletrônico] Porto Alegre: Casaletras, 2025.

146 p.

Bibliografia

ISBN: 978-65-5220-031-0

1. Antropologia - 2. Cultura popular (Antropologia Cultural) - 3. Natal (celebração) - 4. Memória social - 5. Patrimônio cultural - I. Infante, Henry Vallejo et al. - II. Título.

CDU: 301(306)

CDD: 301



EDITORIA CASALETTRAS
Intercity Premium Offices - Av. Borges de Medeiros,
2105, sala 906 - Praia de Belas • Porto Alegre, RS,
Brasil. CEP: 90110-150
contato@casaletras.com
www.casaletras.com



SUMÁRIO

PREFÁCIO: NARRATIVAS, MEMÓRIAS E BENS ENTRELAÇADOS: A SOLIDARIEDADE ACADÊMICA E A POTÊNCIA DOS NATAIS.....	7
<i>Claudia Inês Parellada</i>	
INTRODUÇÃO: O NATAL NOS UNE.....	11
CONCEPÇÃO DE “GUAYANESIDADE” NATALINA COMO CONSTRUÇÃO ONTOEPISTÊMICA DO PENSAMENTO DE MARIÍTA RAMÍREZ.....	16
<i>Henry Vallejo Infante</i> <i>Rita Juliana Soares Poloni</i>	
SIGNIFICADOS DE LA MÚSICA EN LA NAVIDAD CARAQUEÑA A PARTIR DE UN ENTRETEJIDO DE TEMPORALIDAD Y TERRITORIALIDAD.....	35
<i>Noemí Frías Durán</i>	
A ESTRELA DO NATAL.....	53
<i>Paulo Marins Gomes</i>	
O NATAL DENTRO DE NÓS.....	55
<i>Tâmara Caroline da Silva Ramos Coimbra</i>	
SABORES DA RESISTÊNCIA: AS PRÁTICAS CULINÁRIAS NATALÍCIAS EM ANGOLA	56
<i>João Baptista Manuel</i> <i>Rafael Pinheiro Deina</i>	
CONTEXTO SOCIAL DA CELEBRAÇÃO DO NATAL 2024 NO HAITI: PERSPECTIVAS POLÍTICAS.....	68
<i>Jean Peterson Notis</i>	

LA FÊTE DE NOËL EN HAÏTI : UN RITUEL DE RÉSILIENCE ET DE BIEN-ÊTRE AU SERVICE DE LA SANTÉ MENTALE.....	79
--	----

Ithamar Jean

LES COULEURS DE NOËL EN HAÏTI: UN LANGAGE UNIVERSEL, UN OUTIL PUISSANT DE RENFORCEMENT DES LIENS SOCIAUX	89
--	----

Ronise Dupuy

DE LA DIOSA MADRE A LA NAVIDAD: LA INFLUENCIA DE LAS DEIDADES FEMENINAS EN LA MITOLOGÍA SOLAR Y LA CELEBRACIÓN DE LA NATIVIDAD	100
--	-----

Maryeling Pérez Yacott

UNA APROXIMACIÓN A LA NOCIÓN DE TIEMPO EN ALGUNAS CANCIONES DE NAVIDAD EN VENEZUELA	113
---	-----

Norma González de Zambrano

LA HALLACA VENEZOLANA, PERENNIDAD Y SÍMBOLO DE UNIÓN FAMILIAR	125
---	-----

Sandra Marina Valero López

Sergia Cadenas Uzcátegui

GASTRONOMÍA NAVIDEÑA VENEZOLANA.....	136
--------------------------------------	-----

Carmen Cecilia González Vilorio



PREFÁCIO

Narrativas, memórias e bens entrelaçados: a solidariedade acadêmica e a potência dos Natais

CLAUDIA INÊS PARELLADA¹

Esse livro, um dos RESULTADOS de um projeto coletivo fabuloso onde houve a articulação de pesquisadores visitantes do Programa Solidariedade Acadêmica, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a docentes e discentes dos Programas de Pós-graduação em Letras e em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Paraná, oferece uma visão abrangente de trajetórias espelhadas em diversidade cultural e linguística e do entrelaçamento de saberes tradicionais.

1 Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Paraná/ PPGAA UFPR e Coordenadora do Núcleo de Arqueologia do Museu Paranaense/ MUPA SEEC- PR.

O evento internacional “III Encontro Internacional e Multilíngue de Perspectivas Plurais: O NATAL NOS UNE, EDIÇÃO MARIITA RAMÍREZ, PATRIMÔNIO VIVO DE GUAYANA”, realizado em dezembro de 2024, em áreas centrais de Curitiba, capital do Paraná, no Edifício Dom Pedro I, UFPR, e no auditório da Secretaria de Estado da Cultura, reuniu muitos pesquisadores, inclusive de músicas tradicionais. Foram compartilhados saberes e práticas em múltiplas modalidades, como palestras, espetáculos musicais, oficinas artísticas e aspectos da gastronomia.

No evento analisaram-se as conexões, pretéritas e/ ou presentes, de materialidades e/ ou patrimônios imateriais, que permeiam questões de gênero, identidade, memória, migração, conflitos, violência e diversidade cultural, além dos contextos territoriais e espaciais. Compareceu um público bem abrangente, com diversidade cultural e de gênero, e, que construiu pontes e diálogos colaborativos contemporâneos, decoloniais, articulando narrativas, vivências e experiências.

É importante destacar que o evento e o Programa de Solidariedade Acadêmica estão vinculados ao debate e uma maior comunicação de práticas de conhecimento, materialidades e direitos, favorecendo pesquisas transversais, entre diferentes áreas, e ampliando a de inserção de pesquisadores e professores visitantes e pós-doutorandos/as.

Também é digno de menção que ocorreram maiores articulações entre Programas de Pós-graduação nas áreas de Humanidades, minimizando a fragmentação de saberes, potencializando o diálogo entre conhecimentos relativos às epistemologias acadêmicas e ontologias de um mundo plural, porém globalizado. A integração com o PPG em Letras foi muito importante para consolidar narrativas e materialidades mediadas pelas memórias e diversidades culturais.

Buscou-se a promoção da solidariedade e da colaboração interinstitucional, além da qualificação e formação de alunos de graduação e pós-graduação, proporcionando e fomentando maior qualificação na produção científica através de parcerias mediadas pelo projeto que incluiu o evento.

As redes colaborativas e uma maior internacionalização, dos cursos de pós-graduação na UFPR, estão estreitamente entrelaçadas no desenvolvimento do Programa de Solidariedade Acadêmica. Com

elas procurou-se ampliar a formação mais abrangente de antropólogos, arqueólogos e linguistas, articulando várias abordagens teóricas e metodológicas em pesquisas com temáticas relacionadas a memórias, linguagens, festividades, e os rituais e práticas associadas ao Natal, em suas múltiplas concepções. Acervos institucionalizados em museus e/ou coleções privadas, músicas tradicionais, representações natalinas nos mais variados países, essas foram algumas das temáticas debatidas em diálogos contemporâneos e decoloniais.

A publicação desse livro reúne certamente muito dos objetivos e dos resultados esperados pelo Programa da CAPES, especialmente o de ampliação da rede de saberes e da mútua aprendizagem sobre diferentes formas de construção de conhecimento alcançando múltiplos olhares e narrativas.

Afinal, os participantes do evento, uma das atividades concretizadas no Programa de Solidariedade Acadêmica, vem de países, culturas, comunidades distintas e assim trazem outras formas de aprender, ensinar, pesquisar... Assim, compartilham e dialogam com as comunidades locais e regionais, possibilitando ressignificações das memórias individuais e coletivas. Pesquisadores da América do Sul e Central, da Europa e da África, em diferentes línguas e olhares, desvelando um Natal onde a doação, o compartilhamento, as parcerias e novos mosaicos de redes de conhecimento foram tecidos com muitas vozes.

O Programa da CAPES que propiciou a realização do evento “III O Natal nos Une” buscou entrelaçar saberes, como linguagens, literaturas e materialidades, mediados através de memórias e diversidades culturais e linguísticas, com discussões teóricas como a antropologia dos objetos e as arqueologias do presente. Aqui pode ser incluída a arqueologia colaborativa, a arqueologia etnográfica e a forense, com análises arqueológicas mais amplas e com filtros decoloniais, entre outros horizontes interpretativos.

A coordenação do evento pelo Prof. Dr. Henry Vallejo Infante, professor visitante da Venezuela que atua em múltiplas fronteiras do conhecimento, trouxe na terceira edição do “O Natal nos Une” a trajetória e o talento da musicista Mariïta Ramirez, que encantaram o público e mostraram a qualidade e a potência desse grande evento, que repercutiu em espaços acadêmicos e culturais no Paraná.

Nossos agradecimentos a todos que organizaram e participaram do III Encontro Internacional e Multilíngue “O Natal nos Une”, proporcionaram, além desse belíssimo livro, vários momentos inesquecíveis onde diferentes contribuições, em variadas abordagens, enriqueceram ainda mais uma data com tanto valor simbólico: o Natal!



INTRODUÇÃO

O NATAL NOS UNE

O ano de 2022, um pequeno grupo de estudantes estrangeiros do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Pelotas, uniu-se para construir, no ambiente acadêmico, um espaço acolhedor de troca de saberes relacionados ao Natal — data festiva celebrada em diversas culturas. Movidos pela necessidade de superar os vazios emocionais causados pela distância geográfica em relação aos seus lugares de origem, às memórias familiares e aos afetos cotidianos, bem como pela vontade de amenizar a saudade dos sabores gastronômicos tradicionais e das celebrações populares que marcaram suas infâncias, esses estudantes decidiram, de forma coletiva, criar um espaço de encontros destinado ao compartilhamento de saberes. Tal iniciativa visou promover a integração e a reflexão sociocultural entre latino-americanos, a partir de experiências afetivas e interculturais.

A proposta tomou forma por meio de histórias, memórias, práticas gastronômicas e manifestações performáticas com conteúdo natalino teórico-prático, que proporcionaram um encontro interlinguístico e plural entre pesquisadores de distintas áreas do conhecimento. Compreender o

Natal a partir dessas múltiplas expressões permitiu ampliar sua leitura, não apenas como uma celebração religiosa ou familiar, mas como um campo temático denso, atravessado por realidades sociais, históricas, simbólicas e afetivas. Dessa forma, o evento consolidou-se como um espaço acadêmico e comunitário de reflexão crítica sobre as formas como as festividades natalinas estão presentes nas nossas cotidianidades, revelando sua potência interdisciplinar e intercultural.

Desde a primeira edição deste encontro acadêmico e comunitário, realizada de forma totalmente presencial na cidade de Pelotas, o evento passou por significativas transformações. A partir da articulação com o Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Paraná, foram criados espaços de diálogo com realidades diversas, culminando na realização da segunda e da terceira edições em formato híbrido. Essas novas configurações permitiram o acolhimento de experiências que frequentemente permanecem invisibilizadas, possibilitando a cocriação de sinergias críticas voltadas à desconstrução de narrativas hegemônicas, como os discursos patriarcais religiosos e as violências políticas que se intensificam durante o período natalino. Em meio a essas tensões, foram recriados tópicos de discussão capazes de oferecer interpretações mais sensíveis e perspectivas esperançosas diante das adversidades. Além disso, o evento tem promovido dinâmicas inclusivas voltadas a jovens pesquisadores comprometidos com as causas sociais, enriquecendo-se com momentos musicais e gastronômicos que estreitam vínculos entre os participantes e fortalecem o caráter comunitário do encontro.

Com três edições do *O Natal nos Une* já realizadas e a quarta em fase de planejamento, podemos afirmar com grande entusiasmo que permanecemos fiéis aos objetivos que motivaram a origem do projeto. A cada nova edição, cresce o número de pesquisadores de diferentes latitudes que, movidos por interesses sociais, culturais e acadêmicos, compartilham suas experiências e investigações por meio de textos que respondem a propósitos como:

1. Promover encontros multiculturais com a inclusão de pesquisadores internacionais para desenvolver diálogos de conhecimento que permitam expressar diversas manifestações natalinas em total horizontalidade.

2. Identificar os sistemas simbólicos e de representação social a partir de uma perspectiva descolonizadora, fundamentada em princípios de fraternidade, protagonismo participativo, valorização das diferenças e respeito aos direitos socioculturais individuais, coletivos e comunitários no contexto das celebrações natalinas, de modo a reafirmar a universidade como um espaço plural, inclusivo e livre de preconceitos em relação às manifestações populares do Natal.

3. Analisar os processos históricos, políticos e culturais das nações dos participantes em torno do Natal, em coerência com a visão de justiça social, democracia, equidade, desenvolvimento sustentável, integração latino-americana e erradicação do racismo e machismo, a fim de cocriar epistemologias que promovam a educação intercultural em uma sociedade honestamente fraterna.

4. Implementar a organização da produção intelectual de apresentações, conferências e textos publicáveis que promovam e fortaleçam a valorização de memórias afetivas, ancestrais, comunitárias e coletivas, assim como a preservação dos patrimônios materiais e imateriais de nossas culturas latino-americanas.

5. Sistematizar conteúdos interculturais, processos e dinâmicas de ensino e aprendizagem teóricos e práticos, desenvolvidas no encontro como uma experiência universitária-comunitária que garanta a integração intercultural completa das diversidades sociais.

Em outras palavras, o Encontro Internacional, Multilíngue e de Perspectivas Plurais: *O Natal nos Une* vem se consolidando como um espaço de integração, divulgação e reflexão sociocultural, em âmbito nacional e internacional, por meio de histórias, memórias, saberes gastronômicos e manifestações performativas com conteúdo natalino de natureza teórico-prática. Esse processo tem favorecido o diálogo interlinguístico entre pesquisadores, promovendo o exercício pleno da diversidade cultural, em consonância com a autodeterminação do sujeito acadêmico, seus imaginários e o patrimônio étnico que representa.

É importante mencionar que a edição mais recente do Encontro Internacional, Multilíngue e de Perspectivas Plurais: *O Natal nos Une 2024*, intitulada *Mariíta Ramírez – Patrimônio Vivo de Guayana*, prestou homenagem a uma mulher extraordinária que, ao longo de sua vida, tem se dedicado à preservação e revitalização das memórias, tradições

e expressões musicais, poéticas e instrumentais do Natal na região da Guayana, na República Bolivariana da Venezuela. Sua participação foi motivo de grande alegria, não apenas por seu exemplo de vida e profundo amor por sua herança local, mas também pela generosidade com que compartilhou, em um diálogo sensível e acolhedor, seus saberes sobre a arte sonora nos tempos natalinos.

Além de homenageada, Mariíta Ramírez é também tema do capítulo inaugural desta coletânea, que propõe uma leitura afetiva e crítica de sua atuação como agente cultural e referência viva da identidade guayanesa. O texto, elaborado por Henry Vallejo Infante e Rita Juliana Soares Poloni, analisa a concepção de “guayanesidade” natalina como uma construção ontoepistêmica, a partir do legado de Mariíta na contínua revitalização das tradições culturais à margem do rio Orinoco, destacando seu papel na transmissão intergeracional de saberes e práticas comunitárias.

Ainda no campo das manifestações artísticas e musicais, a pesquisa de Noemí Frías Durán explora os significados da música nas celebrações natalinas em Caracas, abordando o entrelaçamento da temporalidade e da territorialidade como pilares da caraquenhidade festiva. A música também é o fio condutor da análise de Norma González de Zambrano, que interpreta canções natalinas venezuelanas como narrativas da Natividade marcadas por múltiplas dimensões temporais.

O simbolismo visual e sonoro do Natal haitiano é abordado em profundidade em três contribuições distintas. Ithamar Jean propõe uma leitura do Natal como ritual de resiliência e bem-estar em meio às crises humanitárias, econômicas e políticas que atravessam o país. Complementarmente, Ronise Dupuy investiga o poder das cores natalinas como linguagem simbólica que reforça os laços comunitários por meio do sincretismo religioso e das expressões artísticas populares. Já Jean Peterson Notis enfoca o contexto social e político da celebração de 2024 no Haiti, destacando os limites e possibilidades do Estado diante da insegurança pública.

O Natal como resistência cultural também é abordado na análise de João Baptista Manuel e Rafael Pinheiro Deina sobre as práticas culinárias em Angola. Os autores discutem como a alimentação natalina se tornou um gesto de preservação identitária frente à imposição colonial. Na mesma linha temática, Sandra Marina Valero López e Sergia Cadenas

Uzcátegui examinam o papel da hallaca venezuelana como símbolo de união familiar e herança ancestral, complementando a reflexão proposta por Carmen Cecilia González Vilorio sobre a gastronomia natalina no cotidiano venezuelano, onde o preparo coletivo dos pratos fortalece os vínculos sociais e culturais.

A coletânea também inclui abordagens mais amplas sobre os fundamentos simbólicos e míticos do Natal. Maryeling Pérez Yacott apresenta uma análise sobre a influência das deusas-mãe e das mitologias solares na construção da festividade natalina cristã, ressaltando os processos de sincretismo e ressignificação religiosa ao longo do tempo.

Do ponto de vista da criação poética, esta edição é enriquecida por dois poemas que ampliam o alcance estético e emocional da obra. “A Estrela do Natal”, de Paulo Marins Gomes, questiona com contundência a lógica do consumo e da exclusão social que marcam, muitas vezes, o cenário natalino, propondo uma reflexão crítica sobre os símbolos da festividade. Em contraste e complementaridade, o poema “O Natal dentro de nós”, de Tâmara Caroline da Silva Ramos Coimbra, convida à renovação pessoal e à interiorização do espírito natalino como um gesto diário de amor, perdão e transformação.

Convidamos, assim, os leitores e leitoras a mergulharem nesta obra plural, na qual se entrelaçam saberes acadêmicos, memórias afetivas e expressões artísticas, na certeza de que o Natal, para além de uma celebração, é um campo fértil de encontros, resistências e esperanças — porque, mais do que nunca, **o Natal nos une**.

A entrega deste novo produto intelectual conta com:

Prof. Dr. HENRY VALLEJO INFANTE

PPGAA – UFPR

Prof. Dr. RITA JULIANA S. POLONI

PPGMP – UFPel

Ma. LAIANA PEREIRA DA SILVEIRA

PPGMP – UFPel

Lcdo. JEAN PETERSON NOTIS

PPGCP – UFRGS



Concepção de “Guayanesidade” natalina como construção ontoepistêmica do pensamento de Mariíta Ramírez¹

HENRY VALLEJO INFANTE²
RITA JULIANA SOARES POLONI³

Resumo: Considerando alguns aspectos fundamentais para uma aproximação à mentalidade de uma personalidade admirada e querida pelos guayaneses, como Mariíta Ramírez — que se destacou desde a infância no canto popular, nas danças tradicionais da região, na composição musical, nos vínculos afetivos com seu território e na difusão dos saberes lúdicos identitários —, este estudo busca compreender como, por meio de seu exemplo cotidiano, ela promoveu ao longo de mais de sessenta anos a constante revitalização dos valores e costumes dos nascidos às margens do rio Orinoco. Destaca-se sua linguagem doce na interpretação per-

1 O presente trabalho se realizou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

2 Professor Visitante (CAPES) do PPGAA-UFPR, Doutor em Cultura e Arte para a América Latina e Caribe pela Universidad Pedagógica Experimental Libertador – Instituto Pedagógico de Caracas. Pós-Doutorado em Crescimento Espiritual (UPEL-IPC), Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas, Pós-Graduação em Telemática e Ciência da Computação em Educação a Distância pela Universidad Nacional Abierta, Especialista em Educação Indígena pela Universidad Nacional Experimental del Magisterio Samuel Robinson, e Licenciado em Educação pela Universidad Central de Venezuela. E-mail: vallejo.henry@gmail.com

3 Rita Juliana Poloni é doutorada em História da Arqueologia pela Universidade do Algarve (2012), mestre em Teorias e Métodos da Arqueologia pela Universidade do Algarve (2007), pós-graduada em Antropologia Cultural pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (2011), bacharel e licenciada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (2003). Realizou estágio pós-doutoral pela UNICAMP (2012-2015), e pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel (2016-2020). É professora do Departamento de Museologia e Conservação e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel (2020), líder do grupo de pesquisa do CNPq Arqueologia da Repressão e da Resistência e editora da Revista Memória em Rede (UFPel).

formática e o diálogo horizontal e acolhedor que a caracteriza. O objetivo central consistiu em interpretar a concepção de “guayanesidade” natalina como uma construção ontoepistêmica do pensamento dessa mulher, considerada patrimônio vivo de Guayana, Venezuela.

Palavras-chave: Natal; música guayanesa; identidade cultural; Mariíta Ramírez

Introdução

Antes de entrar em contato com o sistema de pensamentos, emoções e diversas concepções que compõem a visão ontoepistemológica desenvolvida por décadas por Mariíta Ramírez — como mulher, filha, irmã, mãe e avó —, é importante destacar que ela atua há mais de sessenta anos como cantora-compositora e pesquisadora das tradições de sua região, e há quarenta e quatro anos de forma institucional, como fundadora e diretora da Fundação Cultural Grupo Parapara.

Essas ações foram motivadas por um sentimento livre e espontâneo de amor pelas memórias de sua paisagem cultural. Paralelamente às realidades capitalistas da vida cotidiana contemporânea, Mariíta desenvolveu um modelo estratégico de autogestão econômica, como suporte administrativo, para revitalizar — por meio de uma pedagogia própria e afetuosa — os costumes e tradições, sempre com o objetivo de salvaguardar as heranças identitárias materiais e imateriais do modo de vida dos povos e cidades interligados pelas margens do rio Orinoco.

Para contextualizar melhor o panorama geográfico que compõe o cenário cultural onde Mariíta Ramírez desenvolveu sua ação educativa, considera-se essencial apresentar ao leitor uma breve síntese sobre a Região de Guayana, divisão topográfica da República Bolivariana da Venezuela. Essa divisão se baseia, primeiramente, em três elementos de grande importância para a cartografia do espaço físico nacional: as planícies e terras baixas (com elevações até 500 metros acima do nível do mar), as áreas altas florestais interiores (com altitudes de até 2.000 metros) e as regiões montanhosas (com altitudes de até 5.000 metros). Essas condições geográficas determinam diretamente certos tipos de clima, flora e fauna e, portanto, formas específicas de sentir, manifestar e compreender o mundo. Isso se reflete nos mitos presentes no pensamento ancestral, como a Serpente de Sete Cabeças do Orinoco⁴, os Encantos

4 Lenda de Guayana: Serpente de sete cabeças do Orinoco, disponível em: <https://radio.otilca.>

Florais⁵ que colocam em risco a vida dos pescadores, ou o “Pelón ou Pelón”⁶ que ataca especialmente mulheres que se banham sozinhas no rio — imaginários presentes em versos musicais nas canções populares da região. Nesse sentido, Yi-Fu Tuan (2015) comenta:

“O primeiro tipo de espaço mítico é uma extensão conceitual dos espaços familiares e cotidianos dados pela experiência direta. Quando imaginamos o que se encontra do outro lado da cadeia montanhosa ou do oceano, nossa imaginação constrói geografias míticas que podem ter pouca ou nenhuma relação com a realidade. Os mundos da fantasia são construídos sobre pouco conhecimento e muita vontade” (p. 112).



FIGURA 1 – Mariíta Ramírez durante as aulas de Cuatro que são ministradas na sede da Fundação Cultural Grupo Parapara para autogerir o trabalho de preservação e revitalização das memórias musicais guayanasas. Fonte: <https://www.facebook.com/photo?fbid=1133037493406906&set=t.100000832777876>

org/leyendas-venezolanas-la-culebra-de-siete-cabezas-del-orinoco/#:~:text=Aunque%20el%20mito%20m%C3%A1s%20conocido%20sobre%20la%20Piedra,personas%20que%20pasean%20por%20la%20orilla%20del%20r%C3%ADo.

5 Lenda de Guayana: Contam os pescadores que quando navegam pelas águas do Orinoco, às vezes aparece flutuando na correnteza uma bela flor, mas nenhum deles tenta pegá-la porque sabem que é um Encanto em forma de flor, espírito maligno do rio que afoga quem tenta pegar a flor.

6 Lenda de Guayana: El Pelón o Pelúo del Orinoco, disponível em: <https://radio.otilca.org/leyendas-venezolanas-el-peluo-del-orinoco/>

Dentro dessas amplas identificações, podemos destacar outros aspectos fisiográficos que permitem caracterizar elementos naturais como tipo de vegetação, produtos naturais do território, relevo, variedade de solos e recursos hídricos. Esses elementos enriquecem as memórias subjetivas e intersubjetivas de seus habitantes a partir dos sentidos — percebendo crepúsculos e colorações nas águas, aromas de plantas e flores endêmicas, sons da fauna nativa, texturas únicas e matérias-primas autóctones presentes na gastronomia local. Esse vínculo afetivo fundamenta o conceito de *topofilia*.

Sobre isso, Tuan (1980) explica:

“Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para proporcionar algumas satisfações enraizadas na cultura. Atitude é primordialmente uma postura cultural, uma posição frente ao mundo. Ela tem mais estabilidade do que a percepção e é formada por uma longa sucessão de experiências. [...] Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal” (p. 4-5).

Ao estabelecer essas distinções de ordem natural, a geografia, como disciplina das ciências sociais, passa a analisar o paisagismo antrópico para regionalizar conjuntos naturais e sistemas produtivos. Em outras palavras, evidencia-se a transformação dos ecossistemas como resultado da interação entre meio ambiente e dinâmicas humanas — como a fundação de cidades, núcleos de poder, divisões político-administrativas, tipos de cultivo e critérios econômicos.

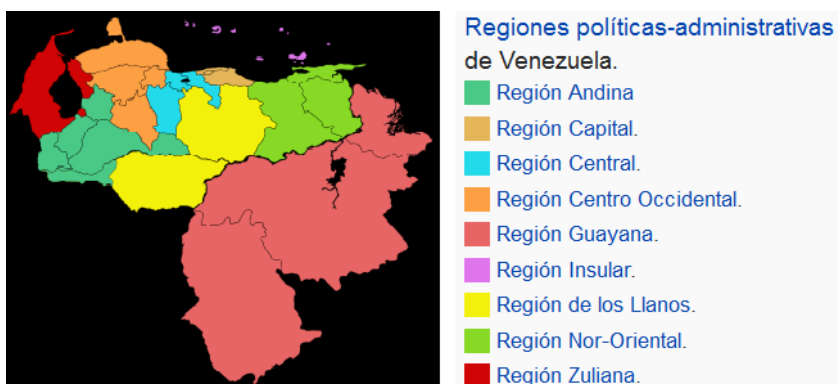


FIGURA 2 – Mapa da República Bolivariana da Venezuela com a divisão em cores por Regiões político-administrativas. Fonte: <https://regioncentraldevenezuela.blogspot.com/>

Por isso, Mariíta Ramírez, profunda conhecedora das memórias e da história da Região de Guayana, e inspirada por suas musas enquanto cantora e musicista especializada no “cuatro”, instrumento de corda típico venezuelano,⁷ compõe canções que relatam eventos importantes, como o Congresso de Angostura⁸, os jogos tradicionais (como os Cavalinhos de São João, o Jogo de Paraparas e a Dança das Zarandas⁹), e preserva composições natalinas de sua avó, tia, irmãos e vizinhos, como Don Alejandro Vargas (o Trovador de Angostura). Essas composições — *parrandas*, *aguinaldos* e *vilancetes* — retratam formas próprias de viver e celebrar o ciclo natalino conhecido como Páscoa Florida, mantendo viva a identidade cultural das comunidades da região.

Após esta breve introdução destinada a situar o leitor não familiarizado com o território venezuelano, considera-se importante declarar que, para o presente estudo, optou-se por desenvolver interpretações do pensamento ontoepistêmico que emergem da concepção paradigmática e do enraizamento na paisagem cultural das extensas margens do rio Orinoco. Essa abordagem foi conduzida sob uma perspectiva fenomenológica (Schutz, 2008), aproximando-nos do pensamento dessa mulher bolivarense, alicerçado nas memórias coletivas (Halbwachs, 1950) daqueles que cresceram ouvindo sua voz no rádio e participando de sua prática pedagógico-cultural, centrada na sementeira do conceito de *guayanesidade* entre os conterrâneos da Região de Guayana. Esse conceito é inspirado na *topofilia*, conforme proposta por

7 Instrumento de corda com um interessante processo histórico que gerou a identidade crioula da música venezuelana, especialmente porque tem suas origens na época colonial e goza de ampla vigência entre os músicos de todas as idades atualmente. Seu nome vem do fato de possuir quatro cordas que são afinadas: Lá, Ré, Fá# e Si. O artefato sonoro originalmente se chamava “Guitarrita” por seu forte meio em relação à Guitarra Renascentista. O Cuatro está presente em todos os gêneros populares e tradicionais da música venezuelana, desde a executada em pequenos pueblos até a apresentada em grandes concertos de gala.

8 Uma das datas mais importantes a serem comemoradas na República Bolivariana da Venezuela é a do Congresso de Angostura de 1819, encontro dos deputados representantes de todas as regiões, que foi convocado pelo libertador Simón Bolívar, e ocorreu em um palácio em frente à Praça Maior da cidade de Angostura (hoje Praça Bolívar de Cidade Bolívar). Para muitos historiadores, foi lá que, após o célebre discurso proferido por Simón Bolívar, a nação nasceu, pois foram lançadas as bases da Constituição da República.

9 Em toda a Região Guiana existem três jogos tradicionais que praticam meninas e meninos. O jogo de Parapara e o encontro para dançar piões e peneiras é típico durante os últimos dias da quaresma, enquanto as corridas de Cavalinhos de São João são realizadas no dia 24 de junho.

Tuan (1980), e se desenvolve por meio de uma programação cíclica que responde aos interesses e necessidades dos habitantes da região.



FIGURA 3 – Mariíta Ramírez durante uma sessão de fotos na fazenda: PDVSA La Estancia, Caracas. Fuente: Acervo personal del autor.

Para tanto, adotou-se o paradigma socioconstrucionista (Wiesenfeld, 2001), o qual orientou a aplicação de técnicas como a entrevista qualitativa (Márquez, 2009), a observação participante (Martínez, 1999) e a análise hermenêutica (Ghiso, 2000), nutrida por trechos biográficos registrados em documentos oficiais do Estado, livros, pesquisas universitárias, reportagens e revistas de arte e cultura venezuelanas.

Mariíta Ramírez – Breve Perfil

Na segunda parte deste estudo sobre a concepção de *guayanesidade* natalina como construção ontoepistêmica do pensamento de Mariíta Ramírez, é necessário apresentar alguns aspectos essenciais da história de vida dessa ilustre mulher, com o objetivo de utilizar esses elementos como base argumentativa da análise proposta.

María Del Valle Ramírez nasceu na cidade de Ciudad Bolívar, em 1951. É filha do famoso sapateiro Antonio Cigilberto Pulido (conhecido

como “El Conde Pulido”) e de María Auxiliadora Ramírez. Passou as primeiras décadas de sua vida no setor da Plaza Centurión, região que, na época, reunia uma grande variedade de artistas: poetas, pintores, dançarinos, tocadores de cuatro, compositores — entre os quais se destacava seu vizinho, Don Alejandro Vargas (o Trovador de Angostura), autor de canções como *El Sapo*, *La Barca de Oro*, *Casta Paloma*, *El Caimán*, entre outras conhecidas nacional e internacionalmente.

A sensibilidade artística de Mariíta manifestou-se desde a infância, ao escutar atentamente os cantos natalinos interpretados por seus familiares com instrumentos como cuatro, violão e percussão, com destaque para sua avó. Em uma entrevista concedida em dezembro de 2021, ela compartilha:

“Doña Elvira Pulido, minha avó paterna, nasceu em 1883 e partiu no Dia dos Inocentes de 1978. Ela foi o alicerce daquele império artístico familiar e possuía uma magnífica voz, além de ser uma compositora destacada da vertente tradicional e romântica das parrandas de Angostura. *Minha avó Elvira sempre era acompanhada por sua irmã Rafaela, mais conhecida como ‘a culisa’¹⁰ Pulido, que tocava seu sonoro violão. Essas irmãs Pulido eram admiradas e respeitadas, pois a casa de Dona Elvira, na rua 19 de Abril, era um centro mágico de encontro para entusiastas cantores e parrandeiros daqueles tempos festivos. Ela sempre nos dizia com convicção: ‘Vocês nunca vão aproveitar a parranda natalina como eu vivi — homens e mulheres tocando e cantando a noite toda, ah, mas com respeito!’*”

Esses testemunhos revelam a herança musical familiar que acompanhou Mariíta durante a vida — algo que não apenas moldou sua sensibilidade artística, mas também fortaleceu seus laços afetivos com a identidade local e regional herdada da ancestralidade.

Sobre isso, Mauro Pinheiro e Raoni Borges (2015) comentam:

“O fenômeno das emoções — entendido como as redes de sentimentos geradas nos processos intersubjetivos, cristalizados como cultura objetiva e formas sociais, mas também expressos e atualizados enquanto cultura subjetiva e conteúdo social — aparece como fato social total para a compreensão do espaço societal, a partir de sentimentos como luto, medos, vergonha, gratidão, pertencimento, confiança, solidariedade, entre outros” (p. 62).

10 Culisa (feminino) e Culí (masculino) é uma expressão popular utilizada na Guiana para se referir a pessoas de pele escura com cabelo muito liso e brilhante, fenotipicamente semelhantes aos hindus.

Mariíta iniciou sua trajetória como figura pública muito cedo, participando de programas de rádio em Ciudad Bolívar, época em que as emissoras contavam com auditórios para programas de talentos infantis ao vivo. Nessas ocasiões, ela se apresentava ao lado de figuras reconhecidas, muitas vezes acompanhada por Don Alejandro Vargas.



FIGURA 4 – Mariíta Ramírez na década de 60 do século XX, depois de atuar em um programa de talentos ao vivo em uma Rádio de Ciudad Bolívar. Fuente: Acervo pessoal de Mariíta Ramírez.

Entre o trovador e a jovem cantora existia uma grande afinidade, que não apenas lhe permitiu interpretar suas canções, mas também escrever suas letras, uma vez que Don Alejandro não sabia ler nem escrever. Esses aspectos a levaram, já na vida adulta, a assumir a responsabilidade de preservar e difundir a rica herança musical do compositor e cantor — um legado que abrange valsas, parrandas, joropos, calipsos, entre outros — até chegar à criação mais representativa e autêntica de sua arte sonora:

o gênero tradicional denominado *Guasa Guayanesa*. Essa manifestação, que ocorre juntamente com os “pájaros” de carnaval, constitui uma das expressões sociais mais significativas no imaginário e no sentimento do povo guayanês (Vallejo Infante, 2019).



FIGURA 5 – Mariíta Ramírez recebendo o diploma de reconhecimento como homenageada no III Encontro Internacional e Multilíngue de Perspectivas Plurais: O Natal Nos Une (2024), das mãos de Paulo Marins na Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Fonte: Arquivo pessoal do autor

Como cantora, musicista especializada no cuatro, percussionista, compositora e com talento para a dança, Mariíta Ramírez integrou, desde jovem, diversos grupos musicais, como: *Los Hermanos Tomedes*, Orquestra de Sonny Maestre (como cantora convidada), o grupo musical de Carmito Gamboa, *La Cuerda de Carmito*, o Orfeão Universitário da Universidad de Oriente e o Coral Inocente Carreño. Como artista de projeção internacional, esta destacada guayanesa representou a Venezuela em diversos países, apresentando-se em locais como Washington D.C., Estados Unidos (1975), Trinidad e Tobago (1980), Bogotá e outras localidades da Colômbia (2010), bem como em várias cidades do México (2012), e mais recentemente, em Curitiba, estado do Paraná, Brasil, onde foi homenageada durante o III Encontro Internacional e Multilíngue de Perspectivas Plurais: *O Natal Nos Une* (2024). Esses palcos internacionais atestam a importância de sua missão

de vida, razão pela qual é reconhecida como um dos Tesouros Humanos Vivos da UNESCO:

Um dos marcos que consolida essa ideia ocorreu quando a UNESCO, em 1996, incluiu Mariíta entre os bens culturais suscetíveis de serem reconhecidos como Tesouros Humanos Vivos. Essencialmente, essa designação refere-se a pessoas que possuem os conhecimentos e técnicas necessários para interpretar ou recriar determinados elementos do patrimônio cultural imaterial (Amaya-Corchuelo, p. 108).

Mariíta foi merecidamente agraciada com inúmeros reconhecimentos, prêmios, ordens e condecorações, por seu extraordinário trabalho como portadora, guardiã e difusora da memória cultural (Candau, 2012). Assim, em 2006, ela passou a ser reconhecida institucionalmente como Patrimônio Cultural Vivo do Município Heres, no Estado Bolívar – Venezuela, conforme consta no *Catálogo de Patrimônio Cultural Venezuelano 2004–2005, Região Orinoco – Bolívar, Município Heres BO 05*, onde está registrado:

“María del Valle Ramírez, mais conhecida como Mariíta Ramírez, nasceu em Ciudad Bolívar. É a sétima de oito irmãos, todos artistas. Inicia-se na música sob influência de seus pais, cujo esforço se canalizou na formação escolar e nos programas de talentos transmitidos ao vivo por diversas emissoras locais. Atualmente, essa guayanesa é diretora e fundadora de um dos grupos musicais mais importantes do estado, o Grupo Parapara. Seu grupo preserva a identidade das expressões culturais por meio do canto e da dança da música popular. Mariíta é a principal difusora do legado artístico do trovador de Ciudad Bolívar, Don Alejandro Vargas. Já se apresentou com várias agrupações, como Hermanos Tomedes, La Cuerda de Carmito, Orfeão Universitário; também participou de eventos em Washington, na Organização dos Estados Americanos, em Trinidad e Tobago, no programa de televisão *Venezuela y Punto*, e no *Jazz del Orinoco*” (p. 67).

Em 1981, essa “mãe dos músicos populares de Ciudad Bolívar” criou o Grupo Parapara nos espaços da Casa da Cultura Ateneo “Carlos Raúl Villanueva”. Com o passar dos anos, esse grupo tornou-se uma das instituições mais representativas da memória e identidade que compõem a *guayanesidade*, sendo formalmente constituído como *Fundação Cultural Grupo Parapara*. Trata-se de um espaço educativo-cultural pioneiro no fortalecimento do sentimento de pertencimento orinoquense, por meio

do qual se desenvolve um trabalho contínuo com escolas e instituições da região, com uma programação voltada às tradições do sudeste venezuelano. Essa programação inclui música popular guayanesa, datas patrióticas locais como 15 de fevereiro (Congresso de Angostura), além da revitalização do jogo de paraparas, dança das zarandas, cavalinhos de São João, artesanato, danças originárias como o *mare-mare* do povo Kari'ña¹¹, e danças herdadas dos períodos colonial e republicano.



FIGURA 6 – De derecha a izquierda: María Barreto (guitarra), Mariíta Ramírez (cuatro) y Alfredo Ramírez (mandolina), durante los primeros ensayos del Grupo Parapara en la Casa de la Cultura Ateneo “Carlos Raúl Villanueva” de Ciudad Bolívar, 1981. Fuente: Archivo Fundación Cultural Parapara.

Pela sua trajetória, incansável trabalho e pela preservação das tradições identitárias da região, a Fundação Cultural Grupo Parapara também passou a integrar o *Catálogo de Patrimônio Cultural Venezuelano 2004–2005, Región Orinoco – Bolívar, Municipio Heres BO 05*, conforme descrito:

11 O Mare Mare é uma dança ancestral do povo Kari'ña que é realizada com grupos de pessoas abraçadas, formando um bloco que se move em conjunto ao ritmo da maraca e do tambor, três passos para frente, três passos para trás.

“Organização privada fundada há vinte e dois anos por iniciativa de María Ramírez. Seu nome deriva de um jogo popular guayanês. Funcionou como grupo durante três anos e, posteriormente, foi registrada como fundação. Dedica-se à pesquisa, compilação, difusão e arranjo da música popular guayanesa, assim como à consolidação do acervo cultural por meio da divulgação de atividades relacionadas à história, jogos, personagens, comidas, música, entre outros. Em sua sede são oferecidos cursos de cuatro, violão, flauta, maracas, percussão popular, dança e muito mais. Também presta assessoria a estudantes de todas as etapas no campo da cultura popular, além de comercializar artesanatos típicos da região” (p. 64).

Focalizando mais diretamente o Natal guayanês — no qual os habitantes se identificam com canções em ritmo de *parrandas* e *aguinaldos*, com a icônica *hallaca*, o *pan de jamón* e o doce de mamão verde (*dulce de lechosa*) — podemos ainda destacar o presépio de *paraparas*, uma tradição iniciada na década de 1990 por este autor (Henry Vallejo Infante), surgida da necessidade de arrecadar recursos econômicos para dar continuidade ao trabalho pedagógico de visitar escolas e liceus, com o intuito de apresentar, envolver e revitalizar nas novas gerações o acervo cultural guayanês:

“Para a elaboração do presépio do Menino Jesus, utiliza-se o fruto da zaranda. Este é cortado com uma serra manual, retiram-se as sementes, faz-se a limpeza para eliminar resíduos e, em seguida, lixa-se. Após esse processo, inicia-se a pintura da parte externa do fruto com tinta fria em tons escuros. O interior é pintado de azul para dar a aparência do céu e acrescenta-se purpurina prateada para simular o firmamento estrelado. Depois, adiciona-se musgo e são colocadas as sementes da árvore do paraparo, que representarão as figuras humanas de São José e da Virgem Maria. A imagem do Menino Jesus é feita com sementes de *capacho* e é colocada sobre um pequeno pedaço de tecido, que funciona como berço ou ‘moisés’. As figuras são cobertas com tecido de algodão e seus rostos são desenhados com pincel fino. Por fim, confecciona-se uma cerca com pequenos gravetos e acrescentam-se flores secas. Na parte externa do fruto, adicionam-se laços de fita de cetim ou uma pequena estrela dourada” (p. 92).

Entretanto, o trabalho que, sem dúvida, tem sido desenvolvido majoritariamente por Mariíta Ramírez é o de natureza sonora e imaterial, por meio da oralidade de seus discursos sobre a herança dos antepassados guayaneses — especialmente em relação às tradições, à flora e fauna

orinoquenses e aos fatos históricos que moldam o paisagismo cultural. Essas identidades são registradas em canções no ritmo das *parrandas*, que ela interpreta ano após ano junto ao Grupo Parapara. Entre essas composições, destacam-se temas de sua autoria como *Es el parapara*, *Jardín Guayanés* (composta por seu irmão, Cigilberto Ramírez), e *La Parranda de Elvira*, escrita por sua avó paterna. Também merece menção a canção *Corre Caballito*, um *aguinaldo* anônimo do século XIX, que foi compilado e difundido por Monsenhor Constantino Maradei Donato durante sua atuação como professor no Liceu Fernando Peñalver. Constantino nasceu em Ciudad Bolívar e, quando criança, ouviu esse canto nas vozes de um grupo de freiras que habitavam um convento no local hoje conhecido como Plaza Centurión, no centro histórico. Ao assumir a direção do orfeão do liceu, o sacerdote ensinou esse tradicional *aguinaldo*, com ares de *villancico*, aos seus alunos.¹²

Coro (Refrão)

É o *parapara* que canta para vocês aqui
Ritmos de Guayana para todo o país

I

Em Ciudad Bolívar e também no interior
Este belo jogo foi uma tradição de valor
Vamos convidar todos para preservar
E as parapiolas juntos vamos semear

II

A Praça Bolívar foi testemunha fiel
Dos pares ou ímpares que tanto joguei com prazer
Com meus *paraparas* animo minha gente
Cruzando os punhos com um sorriso contente

III

Paraparo formoso, eu vou te balançar
Depois te esvazio e ponho ao sol pra secar
Com mamãe, papai, e meus avós também
Vivíamos esse jogo tão cheio de bem

IV

Sementinha preta e muito popular
Que em nossas regiões não pode faltar
O ponto de encontro é a Praça Bolívar
Vamos jogar, pessoal, para essa arte renovar

12 Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=Q6O6ilDaGZU>

V

Com o *quimindune* e a *sota galleta*
As crianças jogavam com muita destreza
Punho sobre punho, os braços cruzando
Perguntas, respostas... e todos brincando¹³

Valorizar o pensamento ontológico (visão de mulher guayanesa) e epistemológico (modos de criar, cocriar, recriar e revitalizar as memórias regionais que compõem o conhecimento guayanês) que Mariíta Ramírez vem entretecendo, desde o Centro Histórico de Ciudad Bolívar, como guardiã e, ao mesmo tempo, geradora de novas interconexões memoriais, é de importância vital. Isso porque, como nos lembra Esteban Emilio Mosonyi (2012, p. 64): “É importante ter em mente a transformação do passado em presente e a permanência de muitas formas do passado em nossa própria época, por meio de uma série de transformações e com uma dinâmica própria em todos os casos.”, Essas práticas, sustentadas pelo compartilhamento de saberes em total horizontalidade e fundamentadas no vínculo emocional com o território enquanto comunidade, são cultivadas por essa destacada defensora das tradições e costumes regionais.

Os sólidos alicerces que constituem as bases identitárias regionais e locais nas terras orinoquenses — a partir da concepção de *guayanesidade*, que inclui também o ciclo natalino — se alimentam de um pensamento holístico. Esse pensamento abarca toda a complexa rede subjetiva e intersubjetiva do cotidiano local, e está em consonância com o que afirma Adolfo Colmenares (2012), ao definir identidade social como:

“O conjunto de características que permite a uma sociedade, comunidade ou grupo de pessoas se distinguir de outros, e aos indivíduos reconhecerem-se ou serem reconhecidos como membros desse grupo. O estudo científico desse tipo de identidade pertence ao campo da antropologia e da sociologia. [...] Encontraremos dois níveis: o dos dados exteriores, que permitem nomear ou reconhecer uma pessoa como membro de um grupo, e outro mais profundo, relacionado às características de seu comportamento. Dizer de um povo que são excelentes artistas, valorosos guerreiros, pessoas cordiais e pacíficas, de grande honestidade, são afirmações que envolvem juízos de valor. Dizer, por outro lado, que as mulheres usam determinado vestuário típico é apontar características externas. O

13 Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=Qk5jBQvq2PQ>

primeiro nível de identidade é composto, então, por meras descrições; o segundo, por juízos de valor, que são fruto de análise e interpretação” (p. 124).

Com base no constructo conceitual de *Guayanesidade*, cunhado por Mariíta Ramírez em diversos encontros educativo-culturais ao longo da década de 1990, é possível compreender esse termo como uma visualização de toda a sua vida dedicada à maior contribuição conhecida na região para o fortalecimento das memórias e identidades ao longo das margens do Orinoco.

Seu trabalho não remunerado, altruísta e desinteressado — voltado à proteção, preservação, defesa e revitalização do patrimônio histórico-cultural, popular, musical, dançante, lúdico e mítico —, desenvolvido junto a uma comunidade de conterrâneos que compartilham o sistema de valores e crenças do espaço geográfico em que nasceram, torna sua trajetória de vida um símbolo autêntico de tesouro humano guayanês.

Memória musical como sustentação da cultura regional



FIGURA 7 – Atuação de Mariíta Ramírez durante o primeiro concerto realizado pelo Grupo Parapara na Casa da Cultura Ateneo “Carlos Raúl Villanueva”, Ciudad Bolívar, 1981. Fonte: Arquivo Fundação Cultural Grupo Parapara.

A vida e a obra de Mariíta Ramírez — enquanto mulher, filha, vizinha, mãe, avó, guayanesa, musicista, cantora, compositora, educadora, orientadora, mecenas e gestora, entre tantas outras facetas que escapam ao alcance deste breve estudo — evidenciam seu empenho na consolidação de uma *metamemória musical*, capaz de manter vivas as *protomemórias* da *guayanesidade* (Candau, 2012). Sua trajetória ultrapassa os limites do ato de cantar ou preservar canções: ela encarna um modo de existência onde a memória se expressa em corpo, ritmo, afeto e paisagem.

Compreender o percurso de Mariíta Ramírez como agente cultural na Região de Guayana exige sensibilidade para perceber a delicada tessitura que une o vivido ao transmitido. Assim, sua prática evoca o que ainda pulsa no corpo e na experiência sensível: sons, gestos, aromas, texturas. Ao cultivar festas como as parrandas, os aguinaldos e os jogos tradicionais, Mariíta invoca uma memória que antecede a palavra — uma memória que se escuta, se dança, se toca e se sente.

Em diálogo com Candau (2012) somos convidados a reconhecer nas expressões musicais a permanência de afetos ancestrais que sobrevivem no cotidiano. Um aguinaldo cantado em roda, o cheiro de doce de lechosa preparado à época natalina, ou o som do cuatro ecoando pelas ruas do país são mais do que eventos isolados: são fragmentos vivos de uma identidade em constante renovação. Cada performance de Mariíta e do grupo Parapara torna-se, assim, ato de atualização do sensível coletivo.

Mas, para além de uma protomemória vívida e da construção de uma metamemória musical popular venezuelana, podemos também pensar o trabalho de Mariíta como inserida no contexto de compartilhamento de uma memória cultural, tal como concebida por Jan Assmann (2016). Trata-se de uma memória objetivada, formalizada e exteriorizada em símbolos, rituais, narrativas e instituições — aquilo que perdura além da lembrança imediata, o que pode ser transferido de uma geração a outra e reatualizado em contextos diversos. Ao fundar a *Fundación Grupo Parapara*, organizar festividades natalinas e transformar repertórios orais em práticas educativas, podemos considerar que Mariíta atua precisamente nesse campo da memória. Mais do que preservar tradições, Mariíta as inscreve em uma estrutura de reencenação coletiva.



FIGURA 8 – Mariíta Ramírez às margens de seu amado Rio Orinoco. Foto feita por Héctor Cabrera no ano de 2011.

Cada aguinaldo ensinado a uma criança, cada jogo de paraparas revivido em uma praça, cada dança das zarandas reapresentada em escolas transforma-se em um elo entre gerações — um gesto que reincorpora a memória a partir de instituições que garantem sua durabilidade no tempo e sua potência identitária no espaço. Sua ação não apenas rememora: ela institucionaliza o lembrar. Nessa lógica, festas, objetos, imagens e melodias tornam-se dispositivos de continuidade cultural, formas pelas quais o grupo se reconhece e se projeta.

Sua prática, porém, não se limita a preservar. Ela também transgride, reconstrói e reinscreve. Quando Mariíta canta composições de sua avó ou dança coreografias de matriz indígena e afrodescendente, ela reencena o

que Michael Pollak (1989) denomina *memórias subterrâneas* — aquelas silenciadas pelas narrativas oficiais, mas que persistem na oralidade, nas práticas informais e na resistência cotidiana. Essas memórias, muitas vezes femininas, negras ou ribeirinhas, encontram em sua voz e corpo um canal de enunciação e legitimação. A artista torna-se, assim, ponte entre o que foi marginalizado e o que pode ser reintegrado ao patrimônio partilhado.

A atuação de Mariíta Ramírez nos convida, portanto, a repensar as fronteiras entre o vivido e o institucional, o afetivo e o político, o marginal e o celebrado. É nesse entrelaçamento de registros, tons e histórias que Mariíta Ramírez adquire a espessura simbólica de um verdadeiro patrimônio vivo. Ela não apenas transmite conteúdos: ela gera sentidos, organiza afetos, desloca silêncios e oferece gramáticas para uma vida comum.

Mariíta Ramírez, como patrimônio vivo de Guayana, representa a institucionalidade cultural autêntica do Natal na região. Suas composições natalinas, interpretações musicais de outros autores locais, somadas ao seu exemplo de gestão cultural, trabalho pedagógico com meninas, meninos e adolescentes, e ao seu amor por tudo aquilo que identifica e dignifica o sistema de valores e crenças das populações locais, sustentam uma memória social que se transforma e se retroalimenta diante das mudanças da modernidade, sem jamais esquecer suas raízes ancestrais. Assim, garante-se a continuidade dos modos de vida que simbolizam a essência do mundo vivido nesse território.

Referências

AMAYA-CORCHUELO, Santiago. Tesoros Humanos Vivos, patrimonio alimentario y desarrollo territorial. Em: Oosterbeek, Luiz; Scheunemann, Ingelore; Ferreira, Francisca; Igansi, João. (Org). **Gestão Integrada do Patrimônio Cultural. Humanidades Sociedade e Ambiente**. Pelotas: Editora da UFPEL, 2020.

ASSMANN, JAN. Memória comunicativa e memória cultural. *História Oral*, v. 19, n. 1, p. 115-127, jan./jun. 2016

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Traducción Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

Catálogo de Patrimonio Cultural Venezolano 2004 - 2005, Región Orinoco – Bolívar, municipio Heres BO 05. Caracas: Ministerio del Poder Popular para la Cultura – Instituto de Patrimonio Cultural 2006.

COLOMBRES, Adolfo. **Nuevo manual del promotor cultural I**. 2 ed. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 2012.

GHISO, Alfredo. **Potenciando la diversidad** (Diálogo de saberes, una práctica hermenéutica colectiva). Medellín: Universidad de Antioquia, 2000.

HALBWACHS, Maurice. La mémoire collective. Version numérique par Mme Lorraine Audy, stagiaire, Et Jean-Marie Tremblay en collaboration avec la Bibliothèque Paul-Émile-Boulet de l'Université du Québec à Chicoutimi, 1950. Disponible en: https://www.academia.edu/17123309/141999311_Halbwachs_Maurice_La_Memoria_Collectiva_pdf Acceso en: 30 jun 2023.

MÁRQUEZ, Efraín. La Perspectiva Epistemológica Cualitativa en la formación de docentes en investigación educativa. **Revista de Investigación**, Universidad Pedagógica Experimental Libertador, 2009.

MARTÍNEZ, Miguel. La investigación cualitativa (síntesis conceptual). **Revista IIPSI** Facultad de Psicología UNMSM, v. 9, n. 1, p. 123-146, 2006.

MOSONYI, Esteban. **Identidad nacional y culturas populares**. Caracas: Fondo Editorial Fundarte. 2012.

Pinheiro, Mauro; Borges, Raoni. **Da Subjetividade às Emoções. A antropologia e a sociologia das emoções no Brasil**. Recife: Edições Bagaço; João Pessoa Edições do GREM, 2015.

POLLAK. Michel. Memória, Esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

TUAN, Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência** [livro eletrônico]. Tradução: Livia de Oliveira - Londrina: Eduel, 2015.

TUAN, Fu. **Topofilia. Um estudo da percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. Tradução: DIFEL - São Paulo: Difusão Editorial S.A., 1980.

SCHUTZ, Alfred. **El problema de la realidad social**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, S. A. 2008.

VALLEJO INFANTE, Henry. Alejandro Vargas: el juglar creador de la Guasa Orinoquense. **Patrimônio e Memória**, Assis, SP, v. 15, n. 2, p. 79-98, jul./dez. 2019. Disponível em: <pem.assis.unesp.br>.

WIESENFIELD, Esther. **La Autoconstrucción. Un estudio psicosocial del significado de la vivienda**. Caracas: Editorial Latina. 2001.



Significados de la música en la navidad caraqueña a partir de un entretejido de temporalidad y territorialidad

NOEMÍ FRÍAS DURÁN¹

Resumen: Al sumergirnos en el mundo de vida las personas que nacieron o viven por largo tiempo en Caracas, capital de la República Bolivariana de Venezuela, cuando llega la Navidad, emergen complejos significados impregnados de emoción, alegría y felicidad que se hacen presentes en cualquier rincón de la ciudad que se viste de fiesta, cuyo detonante genuino es la música. En esta investigación, sustentada en la fenomenología social y el método narrativo-biográfico, conoceremos las múltiples notas y géneros musicales que propician la convergencia de subjetividades e intersubjetividades, que marcan la pauta de un inédito entretejido temporo- espacial imbuido de espiritualidad generación tras generación, promoviendo la caraqueñidad de las fiestas navideñas en un imaginario social que asume la equidad en la génesis musical que proporciona el disfrute melodioso de los aguinaldos, las gaitas, las guarachas, la rumba caribeña, entre otros referentes que se constituyen en los invitados permanentes de los hogares caraqueños en Navidad.

Descriptor: Significados- Música navideña; caraqueñidad; temporalidad; territorialidad

1 Doctora en Cultura y Arte para América Latina y El Caribe. Coordinadora del Centro de Investigaciones Culturales "Mariano Picón Salas". Universidad Pedagógica Experimental Libertador- Instituto Pedagógico de Caracas.

Palabras para abrir el debate

Sin temor a equivocarnos, la navidad como contexto espiritual convoca a compartir alegrías, recuerdos y hasta momentos nostálgicos salpicados de destellos de tristeza, generalmente por coincidir con fechas icónicas que activan los recuerdos memoriados, impregnados de significados permanentes para nosotros y nosotras, integrantes de esta gran patria nuestraamericana.

Bajo esta premisa, emergen múltiples aristas en el entramado emocional que se desprende del ámbito de la navidad, asumido como espacio sociofamiliar que tributa al reencuentro, al compartir alegrías e interactuar impregnados de felicidad, alimentada de la fortaleza espiritual, que genera la devoción, creencias, tradiciones sumergidas en un amplio compartir desde la amistad, la solidaridad, entre otros valores que se revisten de un sin igual protagonismo, en este contexto del espacio caraqueño y más allá.

En este sentido, afloran de manera espontánea vivencias de nuestro mundo de vida y de relación con los otros en diversidad de contextos, llámese familiar o laboral que, sin duda, guardan coherencia con el espacio social donde hacemos vida como ciudadanos(as) o como profesionales. Bajo esta perspectiva, reconocemos la alegría, camaradería, empatía y una profunda solidaridad, que en el contexto de la navidad impregna nuestros corazones, sin distinción de estatus social o ámbito territorial donde estamos residenciados. Sin dejar de mencionar en este aspecto, lo referente a la ciudad capital Caracas, que se viste de múltiples colores, sentires y en especial, musicalidad, por la diversidad cultural que convergen en ella, sin dejar de reconocer su similitud, con relevantes especificidades, a lo largo y ancho del Territorio Nacional.

Sonoridad musical. Una mirada interpretativa a partir del mundo de vida de quien investiga

En diálogo amplio con los lectores, abrimos el compás de nuestra disertación sustentada en las categorías temporo espaciales con relevante base étnico-cultural, derivada de las apreciaciones y vivencias de quien escribe, fortalecida de la mirada de una profesional de la docencia en la geohistoria y cultura, que tributan a la construcción de nuestro lugar de enunciación y postura epistémica fenomenológica.

Bajo esta mirada ontoepistemológica, y asumiendo el contexto musical como génesis central de este diálogo, considero que en Venezuela el cúmulo de significados que genera la sonoridad musical del aguinaldo² está vinculado, entre otros aspectos, al villancico³ de herencia europea en el proceso de colonización, que asumía protagonismo en las festividades organizadas por la iglesia católica para conmemorar el nacimiento del niño Jesús.

Por su parte en Caracas, espacio geográfico de mi nacimiento en la década de los años cincuenta del siglo pasado, especialmente en las llamadas Escuelas Municipales⁴, entre los aspectos distintivos con las Escuelas Nacionales, se encontraba la incorporación de actividades culturales entrelazadas con la formación pedagógica de manera permanente, lo que incidía en trascender la imposición de la simple celebración de una festividad o efeméride.

Desde una lectura crítica de lo señalado, podemos aseverar, que el espacio memoriado (donde estuvimos residenciados, estudiamos y/o compartimos con amistades desde la infancia hasta la edad madura) se erige como un arma espiritual para irrumpir el olvido y, tributa a dar pauta a la permanente emocionalidad que nos conecta con momentos y etapas de nuestro sendero de vida, donde circunstancialmente la música en todas sus variantes y géneros, siempre fue protagonista. Al activarse estos sentidos, percibimos que nos fortalece espiritualmente desde el recuerdo cuyo epicentro nos conecta con la memoria sonora⁵.

La memoria sonora, se convierte en este sentido, en un entramado de múltiples aristas asentadas en nuestra dinámica temporo espacial. Bajo esta premisa, en una perspectiva cronológica que circunda la celebración

2 Aguinaldo: género musical derivado en el ámbito venezolano de los villancicos surgidos en la época colonial, posteriormente, a medida que trasciende del espacio eclesiástico adquiere un carácter popular en época de Navidad en todo el Territorio Nacional.

3 Villancicos: Cantos llegados con el europeo a estas tierras americanas cuya proyección en territorio venezolano las ubicamos inicialmente en las iglesias en el contexto histórico de la Navidad.

4 Escuelas Municipales: ámbito educativo circunscrito al ámbito de administración, gerencia y gestión educativa del Municipio (espacio territorial micro a partir del cual gira la praxis pedagógica) Para mediados del siglo XX se le dio significativa preponderancia al fortalecimiento cultural en el ámbito educativo.

5 Memoria Sonora, inmersa en la memoria colectiva nos sumerge en el mundo de los sonidos que se agolpan en el entramado de mente y espíritu y se acunan en nuestra memoria en la medida que adquieren significados derivados de relaciones intersubjetivas.

navideña, nos centramos inicialmente en la sonoridad de los aguinaldos, teniendo como espacio interactivo de interconexión inmediata al ámbito de la *escuela primaria*, donde transitamos la infancia. En este sentido, se agolpa a nuestra mente, a nuestros recuerdos la *pandereta* como instrumento musical artesanal propio de las celebraciones navideñas en ese espacio de significativa inocencia, ternura y paz que nos acogió durante nuestra niñez.

La pandereta de nuestros recuerdos infantiles en la escuela, entre la década de los 50 y 60 del siglo XX, se constituía en una base de madera aproximadamente de 4 a 5 centímetros de ancho cortado en forma vertical, al cual se le colocaba pequeñas clavijas que progresivamente serían el elemento receptor de al menos tres chapas⁶, las cuales previamente se aplastaban fuertemente con un mazo de hierro o martillo hasta lograr una forma plana y circular. Culminado este procedimiento con las referidas chapas, en cada clavija se colocaban alrededor de cinco chapas, de manera que la *pandereta* al final de su elaboración poseía aproximadamente 20 chapas, que al contacto repetido y armónico con la mano generaba una sonoridad rítmica, utilizada para el acompañamiento vocal de los aguinaldos en ese contexto escolar que simbolizó nuestra infancia en navidad.

Sin duda, estas vivencias generadas en colectivo con los compañeros y compañeras, primero del jardín de infancia y posteriormente a lo largo de la escuela primaria, se suscitaban año tras año, a partir de la segunda semana del mes de noviembre, para culminar en las vacaciones escolares a mediados del mes de diciembre. Un calendario que quedó plasmado en nuestro subconsciente y que se activa desde el recuerdo emocional, en ese mismo período temporal al percibir la sonoridad de los aguinaldos.

En este marco de reflexiones, considero que ese espacio bullicioso propio de la escuela primaria y más aún, durante la celebración de las festividades navideñas, se erigió como el punto de partida para que particularmente en una de las parroquias de Caracas, emblemática por su arduo trabajo cultural, como era y sigue siendo La Pastora⁷, bajo la

6 Chapas: Pequeño objeto de material de hojalata en forma circular utilizado para tapar bebidas gaseosas (refresco) preferiblemente

7 La Pastora, parroquia ubicada al norte de la ciudad de Caracas, considerada el espacio territorial donde converge la génesis cultural de la capital

dirección del maestro Ely Moisés Peña, se constituyera en el año de 1959 el Conjunto de aguinaldos Los Tucusitos⁸.



Imagen 1 - Iglesia de la Parroquia la Pastora, Caracas.

Fuente: <https://caracasinfinita.wordpress.com/2016/02/28/parroquia-la-pastora-caracas/>

Sea propicia la ocasión para compartir reflexiones en torno al conjunto de Aguinaldos Los Tucusitos que realiza Gerardo Rojas (2022)⁹ :

Los Tucusitos es una agrupación musical del género del aguinaldo parrandero urbano y familiar, para diferenciarlo del aguinaldo tipo villancico, propio del mundo del templo religioso, nació de los talleres del aula de música y coro de la Escuela Nacional “Crucita Delgado”, del sector de Lídice de la Parroquia caraqueña de La Pastora, bajo la dirección del profesor Moisés Peña, con niños alumnos del plantel, en su mayoría habitantes de los sectores aledaños, se tiene como fecha de su fundación el 4 de noviembre de 1959, haciéndose profesionales en 1961, han logrado editar 23 discos y en diciembre de 2018, fueron declarados “Bien Cultural de la Nación”. (p.25).

8 Los Tucusitos. Grupo de aguinaldos de significativa relevancia en la navidad venezolana

9 Gerardo Rojas. Doctor en Cultura y Arte para América Latina y el Caribe “Los Tucusitos. Expresión musical del imaginario colectivo en los espacios urbanos de Caracas” (2022).

En este orden de ideas el autor profundiza en su disertación con miras a destacar la relevancia que el género de aguinaldo ha tenido en Caracas fundamentalmente a través de Los Tucusitos, pero que indudablemente se extendió a nivel nacional. Señala a su vez, el entramado sociocultural que subyace en el imaginario colectivo con respecto al contexto navideño en su perspectiva temporal:

Es por allí por donde debemos remontar los orígenes ancestrales de Los Tucusitos, como una expresión histórica, devenida no solo de las remotas costumbres socio-económicas del país; sino del encuentro de los pueblos ancestrales con el mundo del cristianismo que llegaron a bordo de las naves de la conquista ibérica. En particular, las tradiciones cristianas, que se transmiten alrededor, del esplendoroso suceso del Nacimiento del Niño Jesús, y según se leen en las Escrituras Sagradas, fueron y deberían seguir siendo, un hecho de profunda alegría para la humanidad, se trata del acto supremo de Dios de enviar a su hijo al plano terrenal, esta disposición celestial, se convirtió inicialmente en un grandioso motivo de alegres temas de cantos de peregrinajes y romerías acompañadas de oraciones poéticas de salmos, canticos, odas, madrigales, villancicos, aguinaldos y parrandas, casi en esa misma secuencia que ha acompañado musicalmente la historia navideña hasta nuestros días, que con el paso de los siglos fue derivando desde una música lánguida y entristecida por los compases sacros, evitando las manifestaciones más ruidosa de esa misma alegría navideña, no obstante entre los pueblos perduró el permanente renacer y se apropió de géneros más alegres, de los aguinaldos y las parrandas, hasta encontrarse con los nuevos tiempos de Los Tucusitos. (p.31).

Interpretamos de la disertación del autor y en coherencia con lo señalado en párrafos anteriores, el progresivo auge que fue tomando el género musical del aguinaldo, que poco a poco se expandió a nivel nacional teniendo como sus grandes embajadores musicales a Los Tucusitos, constituido por niños y niñas entre 6 y 12 años, a quienes sin duda, los animaba el canto, el disfrute de una sin igual sonoridad, que con el respaldo abierto y consecuente de la radio y televisión de relevante impacto comunicacional en ese tiempo histórico, propiciaron la inquietud de conocer y tararear con entusiasmo, la diversidad de interpretaciones que con el transcurrir del tiempo se han convertido en relevante joyas musicales¹⁰, como lo son: *Fuego al cañón*, *Tucusito Tucusito*, *Serena*, *Tun Tun*, entre otros.

10 Disponible en <https://music.apple.com/ec/artist/los-tucusitos/591489319>

A partir del sendero de vida transitado hasta el presente, quien investiga, comparte con los lectores la emotividad, nostalgia, alegría y paz, sobre todo mucha paz, que se activa inmediatamente con la sonoridad de estos aguinaldos navideños. En nuestros recuerdos memoriados cuan película, transcurren vivencias de la escuela primaria, de los compañeros y compañeras y con esa etapa crucial que para todos y todas lo constituye la niñez, sin temor a equivocarme, nos reconforta cuan baño espiritual, cuando nos aqueja alguna tristeza.

Los Tucusitos como expresión musical tradicional navideña, concebidos como “bien cultural de la nación”, han trascendido el espacio caraqueño. La calidad interpretativa de la música navideña generada a través de Los Tucusitos y difundida por diferentes medios de comunicación, han contribuido de manera relevante para que Los Tucusitos se convirtiera en un icono de las fiestas decembrinas a lo largo del Territorio Nacional y fuera de sus fronteras a nivel internacional, lo que nos permite afirmar que constituyen una expresión de la venezolanidad.

En este mismo orden de ideas, vinculadas a la Navidad venezolana, tenemos a la *gaita*, venida desde el occidente del país. Lugarizando¹¹ el sonido de las gaita, se asoman el *viejo Empedrado*, *El Saladillo*, *Boulevard de Santa Lucia*, *Parroquia Chiquinquirá*, entre otros lugares emblemáticos de la ciudad de Maracaibo, espacios en el cual visualizamos casas que como una expresión de resistencia cultural, se han organizado para conservar y resguardar sus fachadas de colores cálidos y energéticos, a través de los cuales, se proyecta la semiótica entretejida de espiritualidad del ser marabino, ser zuliano, que aviva para convertirse en un “todo” el sonido de la gaita, que a partir del mes de octubre avizora que se acerca la temporada de la música gaitera y con ello, el grito de la navidad zuliana.

11 Lugarizar lo asumimos como el proceso mediante el cual el lugar afirma su identidad, la querencia al espacio de convergencia social donde confluyamos consuetudinariamente.



Imagen 2: El saladillo. Maracaibo, Venezuela.

Fuente: Luis Alvarado Bruzual. Color y más color Diciembre 02- 2015.

La gaita, atiza con sin igual fuerza, el gentilicio de ser marabino, de ser zuliano. En la rítmica de la gaita, reconocemos la profunda sonoridad que emerge desde el entramado instrumental que marca pauta: el furruco, la tambora, el cuatro (en ocasiones incluyen la guitarra), las maracas y con el acompañamiento vocal y del coro de voces, animan con espontánea coreografía dancística.

Agrupaciones como: Rincón Morales, Gran Coquivacoa, Barrio Obrero de Cabimas, Maracaibo 15, Cardenales del Éxito entre otros marcan la pauta del clarín gaitero dentro y fuera del Zulia. En este auge de la música gaitera, a partir de la década de los 70 del siglo XX hasta el presente, debemos reconocer el carácter social que se le ha imprimido a través de composiciones escritas que develan las significativas problemáticas socioeconómicas y políticas, que en diferentes tiempos históricos nos ha afectado desde la escala local a la escala nacional.

El carácter musical social que asume en ocasiones la gaita, sin duda motiva a la escucha con detenimiento de la prosa constitutiva de sus composiciones, proporcionando protagonismo al espacio lugarizado desde el cual se deja entrever la denuncia, la problemática social que

se vocifera musicalmente, para luego abordar el espectro nacional, constituyendo una de las aristas distintivas con respecto al aguinaldo.

Podemos afirmar en este sentido, que ese carácter de protesta social, ha emergido en la medida que gran parte de los directores y/o integrantes de estos Conjuntos Gaiteros ha percibido la pertinencia del ritmo y sonoridad de la gaita como un medio innovador y de impacto para llegar al público, sensibilizarlo y hasta promover en ellos el accionar en la búsqueda de soluciones a la problemática social que en común los afecta.

Por otra parte, nuestra memoria sonora se agiliza significativamente y nos conecta con paisajes de nuestro sendero de vida, vinculado a la adolescencia, familiarizado con los estudios y compañeros de Educación Media en el tránsito a la vida universitaria, cuando se activa la conversa crítica, de reflexión a normativas que no compartimos y/o la oportunidad de expresar libremente nuestras ideas, criterios e irrumpen con fuerza en lo hasta ese momento establecido. Por otra parte, propio de esa adolescencia que es compleja, se entrelaza simultáneamente, el deseo de compartir en otros espacios de relevante ebullición

En esa dinámica temporo espacial, destacamos el protagonismo que adquieren y representan los Centros Comerciales o los espacios abiertos icónicos como el Poliedro¹² en la ciudad de Caracas, que se constituyeron en espacios de convergencia de agrupaciones gaiteras, así como, la constitución de conjuntos gaiteros provenientes de los Liceos y de muchas de las Universidades del país, cuyas interpretaciones, indudablemente, eran el reflejo de la denuncia y crítica a problemáticas sociales del contexto inmediato entretejidas con la prosa de la gaita tradicional venida del Zulia, como lo referimos anteriormente.

El protagonismo aludido a la gaita entre los jóvenes adolescentes de Educación Media y del contexto universitario encontró en la radio y televisión, un apoyo incondicional como medio comunicacional, que en ocasiones, lograron elevar a la fama a cantantes de este género musical, en correspondencia a la demanda de sintonía e igualmente en la relevante producción discográfica que acompañó este boom gaitero.

12 Poliedro: espacio ubicado hacia el sur este de Caracas de amplias dimensiones que se utiliza para la congregación masiva de personas para actividades recreativas, culturales y políticas, entre otras.

Aunque en el presente no posea tanta fuerza mediática, no puede negarse que un sin fin de interpretaciones de los conjuntos simbólicos que comentamos, están anclados en el recuerdo memoriado de aquellos adolescentes que hoy en su etapa madura recuerdan con alegría y nostalgia a la vez, en especial, la población venezolana que en el presente se encuentran en condición de emigrantes en el mundo entero. No cabe duda que al llegar la navidad, ese elevado contingente de migrantes venezolanos, no dejarán de indagar en las redes sociales para escuchar interpretaciones emblemáticas como: Amparito, Onomatopeyica, San Benito, Pa' que Luis, Pascua,¹³ entre otras interpretaciones populares.

El Caribe en la Navidad Caraqueña

Aunque no ha sido realmente amplia y profunda la formación y divulgación del conocimiento sobre El Caribe y, más aún, nuestra significativa interrelación y entretejido étnico cultural construido en tiempo y espacio, sin duda alguna, no ha podido detenerse el vaivén de emotividad y espiritualidad que en sí mismo nos circunscribe el vocablo Caribe y, la consecuente activación de los latidos de corazones, cuando a través de diversos medios de comunicación se deja fluir su emblemática sonoridad musical.

Basta tan solo una detallada y minuciosa mirada al mapa del continente americano y observar el entramado insular del espacio caribeño que desde su visualización nos ofrece una red tejida en la que la territorialidad acorazonada y bañada por las aguas de ese gran Caribe se erige majestuoso. Un Caribe que nos habla de desafíos, de riegos que inciden en elevar la adrenalina al zarpar en embarcaciones que nos remontan al activo quehacer marítimo de los pueblos originarios, que facilitó la comunicación, solidaridad, unión y lucha en colectivo ante el adversario, ante el invasor siglos atrás.

La ancestralidad construida en tiempo y espacio entre caribes y arawak desde el Orinoco con los Tainos, Siboneys en Puerto Rico entre otros, que posteriormente, convergen con los pueblos y civilizaciones del Congo, Angola, Yoruba, por nombrar algunos, derivada de la ardua

13 Disponible <https://www.youtube.com/watch?v=il3yi9E-9dk&list=PLTB0REnDCaDMDnSIPC D877WxvHHKJg9Rf>

Disponible https://www.youtube.com/watch?v=_APMzTjuMzA

diáspora que se propició de manera abrupta desde nuestra madre “África”.

Como negar la fuerza espiritual que emerge del sonido del tambor, bongó, tumbadora, charrasca, chequeré, maracas, buleador, pechiche, batá, clave, los güiros y junto a esos instrumentos iconos de la sonoridad caribeña, sea oportuno y necesario, referirnos a sus intérpretes que se destacan en el contexto de la navidad caraqueña, punto de partida de este estudio y, donde desempeñan desde la sonoridad musical, un lugar de relevante querencia en el melómano¹⁴ en la escala local de la Gran Caracas (imagen No.3), específicamente las parroquias donde convergen mayoritariamente ciudadanos afrovenezolanos y sin duda, también se proyecta por todo el Territorio Nacional (imagen No.4), si consideramos que más del 50% de nuestra población es afrodescendiente.

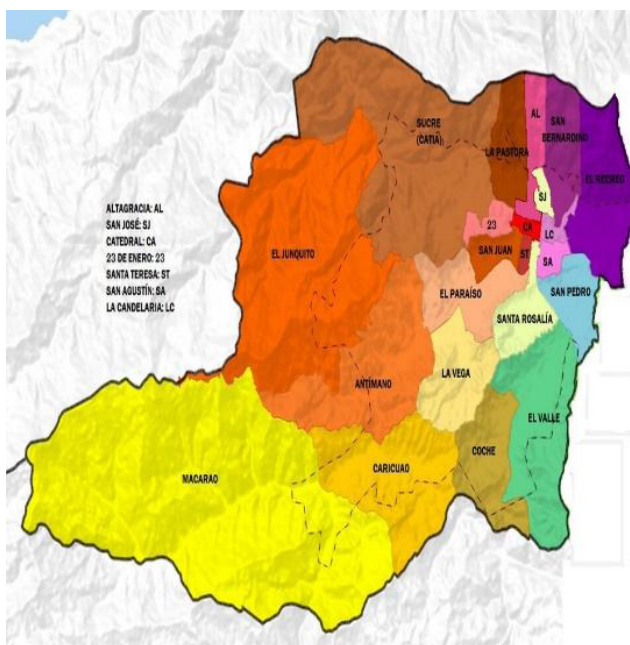


Imagen 3 - Caracas y sus parroquias

Fuente: <https://commons.wikimedia.org/wiki/User:Sparkve>. 4 de enero 2020.

14 Melómano: amante de la música



Imagen 4 - Mapa de Venezuela que permite visualizar su relevante interconexión espacial con el Caribe.

Autor: Mario Valero Martinez. Enero 2014

Fuente: Mapa Político de la República Bolivariana de Venezuela/ Download Scientific Diagram.

Sea propicia la ocasión para dar una mirada retrospectiva a la herencia caribeña que poseemos entretejida de ancestralidad indígena y africana. Nos recrea en este sentido con su sapiencia y amplia producción intelectual Jesús Chucho García¹⁵, generada de una amplia indagación en archivos nacionales e internacionales. El citado autor, nos refiere al abordar nuestra caribeñidad:

“...estamos hablando de un proceso histórico donde se entretejieron violenta y amorosamente, la diversidad cultural europea y la diversidad cultural africana, sobre todo de las culturas ubicadas al sur del desierto del Sahara, es decir, las llamadas culturas sudanesa y bantú” (p.33)

15 Jesús Chucho García. Doctor en Geografía Historia y Ciudadanía (2024), investigador y activista social. Su trayectoria investigativa se sustenta en una nutrida producción intelectual vinculada a estudios afrodiaspóricos y a la afroetnología de consulta directa en Archivos Históricos de varios países africanos.

Con el propósito de develar procesos que se nos han ocultado e inciden en el poco conocimiento que en lo referente a nuestra herencia africana- caribeña poseemos, el autor profundiza en su disertación:

“...con ellos venían un rosario de culturas con códigos religiosos, musicales y técnicas agrícolas específicas tanto como guerreros y filósofos. Pertenecían a las civilizaciones yoruba, Ashanti, fon, Wolf, mandinga, kongo, efik y efonk, loango, las cuales marcaron definitivamente, las construcciones culturales caribeñas (...) Entonces tenemos que la caribeñidad es la identidad plural inacabada producto del compendio histórico-cultural de todas las civilizaciones que se fueron sedimentando en los espacios insulares y de tierra firme bañados por el mar Caribe.” (p. 33)

En este orden de ideas y con miras a resaltar el entretejido de la musicalidad caribeña García (2007) nos refiere:

“... Los espacios festivos religiosos y callejeros fueron los laboratorios de los patrones musicales que constituyen el macro cosmo caribeño. Es evidente que la células rítmicas, tonales y percutivas afrosaharianas fueron las encargadas de estructurar el pentagrama de los distintos géneros musicales que hoy baila todo el Caribe”. (p 35)

Bajo la premisa de develar el entretejido cultural que nos caracteriza y que sin duda al referirnos a nuestra arista cultural el entrelazado africano- caribeño sobresale significativamente, José Marcial Guédez¹⁶ (2001) se une a este diálogo de saberes y nos comenta:

“Los esclavos negros que fueron introducidos en la Venezuela Colonial, los encontramos ubicados a lo largo de toda las costas del país, en los valles de Caracas, el Tuy, Aragua, Barlovento, Yaracuy, Serranía de Coro, Valles del Turbio (Barquisimeto), San Carlos, Sur del Lago de Maracaibo, Mérida, Trujillo, Llanos centrales, Barinas y algunas zonas montañosas. Este asentamiento se debió a las condiciones espaciales de que gozaban ciertas áreas geográficas, donde se realizaban las labores mineras o agropecuarias “. (p92)

Percibimos como nuevamente las categorías de tiempo y espacio se entretejen para develar la esencia de la musicalidad que subyace en

16 José Marcial Ramos Guédez . Historiador, escritor e investigador de significativas producciones intelectuales vinculadas a la Afrovenezolanidad.

la arista caribeña, que, con significativo protagonismo en el período navideño, arropa el Territorio Nacional, teniendo como punto de anclaje y ebullición a Caracas.

Bajo estas premisas, debemos referirnos a representantes emblemáticos inmersos en los ritmos caribeños cuyas letras y partituras aluden la diversidad de aristas y entramado de la cotidianidad caribeña en el contexto de la celebración de las fiestas navideñas que se han anclado en el recuerdo memoriado de los residentes en la territorialidad local caraqueña, tales como: La Pastora, San Juan, el Recreo (específicamente el sector de Pinto Salinas), 23 de Enero, San Agustín y la Vega. En ese alegre y bullicioso transitar en buscar de información desde sus propios actores sociales, salen a nuestro paso mujeres y hombres que al interrogarles sobre la música de su preferencia en la celebración familiar de la navidad, no titubean y a unísono exclamen “La Sonora Matancera”¹⁷.

“Definitivamente no hay Navidad donde en nuestra casa no se oiga a Celia Cruz, con la Sonora Matancera, esa relevante cantante cubana que sigue viva en el recuerdo de todos los melómanos, con sus canciones: Feliz Navidad, el Aguinaldo Antillano y su famosa interpretación que realiza de Jingle Bells. Nosotros como tú ves ya estamos pasaditos de edad y escuchar esas canciones te lo confieso nos hace sentirnos jóvenes, como si el tiempo se hubiese detenido y me veo no como el hombre de 60 años que tengo ahora sino el joven que entre 20 y 30 años arrasaba aquí en el barrio bailando. Aunque tú no lo creas, me hacían rueda cuando lanzaba mi tijereta y todos tenían que darme paso en la pista o en el patio, donde estuviéramos celebrando la fiesta del 24 de diciembre o la del 31 cuando estaba la emoción de recibir el Año Nuevo.” (José García, residente de la comunidad de El Guarataro- Parroquia San Juan).

Al proseguir en mi recorrido por otros espacios caraqueños, comenta la señora Gladys Tovar, quien reside en Pinto Salinas:

“A mis 55 años, me llena de emoción y nostalgia a la vez, escuchar las interpretaciones que realiza Carlos Argentino, uno de los más famosos cantantes de la Sonora Matancera. Te digo emoción y nostalgia, porque mi compañero de baile siempre fue mi esposo, ya fallecido, y oír: Llegaron las Navidades y los Reyes Magos, me conecta inmediatamente cuando

17 Sonora Matancera: agrupación musical de origen cubano ejecutante de géneros musicales como: boleros, son, rumba y guaracha.

llegaba toda la familia a nuestra casa a celebrar el 24 y 31 de diciembre y una y otra vez colocábamos esas canciones. Ahora él no está, y yo las coloco para recordar esos bellos momentos de felicidad. En mi familia una Navidad sin la Sonora Matancera, no es Navidad”

Sin duda, a través de estos testimonios interpretamos el entramado emocional, espiritual y nostálgico, que se genera al transcurrir nuestro tiempo cronológico (edad) donde nuestra memoria sonora asume un rol protagónico en el sentir, pensar y revivir con significativa emoción, la celebración familiar de la navidad, en este caso particular, con perspectiva caribeña.

Por otra parte, tal y como nos lo señala la Constitución de la República Bolivariana de Venezuela (1999) en su preámbulo, nuestra condición de país Multiétnico y Pluricultural, deja entrever la esencia de las múltiples aristas de la venezolanidad que en la cotidianidad de las festividades navideñas, no solo en el espacio de la Gran Caracas, sino a lo largo y ancho de todo el Territorio Nacional, se manifiesta con relevante especificidad geocultural.

Billo´s Caracas Boys la música en Navidad que une a Venezuela la anclada en un entretejido caribeño

Las reflexiones compartidas a través de nuestra música, sin duda alguna, deja entrever la incidencia de melodiosa sonoridad en el ámbito de la cotidianidad de las fiestas navideñas en los caraqueños y caraqueñas., sin dejar de lado, como aludimos anteriormente, al resto de la población venezolana que desde esa misma especificidad geocultural e histórica también la celebra.

Bajo esta premisa, develamos la convergencia de esas raíces étnicas con sus matices y especificidades que se hace sentir en una *territorialidad* sentida y vivida desde la escala local, regional, nacional y nuestramericana, entramado que adquiere un papel protagónico a través de la memoria sonora, que se erige como relevante espacio de encuentro, de compartir e invita, en el caso de los venezolanos y venezolanas, a la inclusión desde lo recreativo popular-familiar, como lo representa y constituye desde mediados del siglo XX hasta el presente, la orquesta Billo´s Caracas Boys¹⁸.

18 Billo´s Caracas Boys, agrupación musical fundada por el dominicano Luis María Frómeta en la

Luis María Frómeta Pereira, conocido popularmente como Billo Frómeta, tanto en Venezuela como en el mundo entero, aunque nacido en República Dominicana, rápidamente fue asumido como un caraqueño más por su larga estadía en nuestras tierras y profunda querencia acompañada de admiración, que siempre prodigó en sus múltiples composiciones musicales a la capital de Venezuela, hasta el extremo de considerarse, tanto en el pasado como en el presente, el cantor de Caracas y, en consecuencia, constituirse en un invitado permanente en la celebración de la navidad en diferentes ámbitos familiares.

Caracteriza a esta agrupación musical y posiblemente de allí su popularidad, interpretaciones y arreglos musicales que involucra diversidad de géneros como: merengue, rumba, danzón, bolero, pasodoble, entre otros, que da espacio para insertarse las diferentes generaciones según sea su destreza y gusto dancístico. Sin duda, en esta significativa apertura de expresión corporal al bailar las composiciones musicales de Billo's Caracas Boys, se aprecia la interrelación, el encuentro y en especial, el compartir familiar entretejido con allegados y vecinos que deriva asumir y/o considerar al contexto navideño, como una familia extendida, donde no hay espacio para la discriminación y mucho menos para la exclusión.

Lo relevante es que la música de esta emblemática orquesta, traspasa el ámbito familiar y adquiere protagonismo en la cotidianidad del ciudadano de a pie como: Centros comerciales, peluquerías, estaciones de servicios, terminal de autobuses y diversidad de espacios al aire libre, donde desde el mes de noviembre, anuncian la navidad con melodías como: *Cantares de Navidad*; *Gaita con Billo*; *Cantemos con alegría*; *Navidad que vuelve*; *Aguinaldo con Billo*, entre otras interpretaciones que convierte a Caracas y al resto del país, en un ambiente navideño que convoca a la unión y al compartir en armonía la génesis espiritual implícita en la navidad, en un sendero inmerso en diversidad de notas musicales que aluden, vociferan y celebran el sentir navideño desde un entramado temporo espacial, que sin lugar a dudas, tributa a la memoria sonora, que en el actual proceso migratorio que afecta al país, se erige como bastión de anclaje de nuestra venezolanidad.

Reflexiones para seguir dialogando

El diálogo iniciado en el marco de las festividades navideñas en Venezuela, con especial énfasis en la ciudad capital Caracas, nos deja entrever varias aristas relevantes en un país donde prevalece el entramado significativo que nos habla, por una parte, de la herencia multiétnica que nos distingue y, por otra parte, una pluriculturalidad que se proyecta en la cotidianidad con fuerza en diferentes aristas.

A través de esta discursiva, le hemos dado protagonismo a la música en el contexto temporo espacial de la Navidad, cuyo entramado social lo soportamos metodológicamente en el Enfoque Geohistórico¹⁹ que hace gala del abordaje retrospectivo “presente-pasado-presente”, con miras a develar relaciones e interrelaciones desde diferentes escalas, en el cual han acontecido procesos socioculturales, políticos y económicos, que han incidido vivir y sentir la Navidad desde diferentes perspectivas, donde la musicalidad protagonista por excelencia, no ha perdido su esencia natural del espacio para compartir, encontrarse tanto en el presente como en el pasado, desde el terruño o a escala internacional cuando nuestros hijos e hijas, en su condición de migrante en las nuevas tierras donde están residenciados, enarbolan la bandera de la venezolanidad, desde el recuerdo de la *memoria sonora* que en la conjunción de espiritualidad e identidad, rompen la barrera del distanciamiento geográfico y acunan la patria en su mente.

Asumimos, con relevante convicción, que en el amplio contexto nuestroamericano, la celebración de la Navidad posee un lugar privilegiado. Develamos a partir de esa reflexión, la especificidad geocultural de la que se desprende todo un contingente de musicalidad que nos remonta a la herencia europea del villancico en tiempos de la Colonia, transformado en la dinámica geohistórica en aguinaldo, para lugarizarse a través de la Gaita Zuliana que desborda las fronteras a partir del mes de octubre e insertarse en la escala nacional y, con el apoyo de la fuerza mediática de diferentes redes sociales, proyectarse en el ámbito nuestroamericano y mundial, donde la dinámica migratoria a partir de la vocalización de: Amparito, Grey Zuliana, Onomatopeya, entre otras, se

19 Enfoque geohistórico. Ramón Tovar (1986) “Se sustenta en la permanente interrelación de la Geografía e Historia para el abordaje de problemáticas desde una perspectiva de conjunto en condiciones históricas dadas”

convierten en Gps para la localización inmediata del ambiente festivo de los venezolanos y venezolanas en tiempos de Navidad.

Así mismo, nuestra indagatoria nos deja entrever a través de testimonios en interrelación con fuentes escritas, la herencia caribe sustentada fundamentalmente del entretejido de los pueblos originarios y las múltiples civilizaciones africanas traídas en condición de esclavizados. Entretejido cultural e identitario que en lo referente a la musicalidad y expresión dancística se llena de múltiples facetas de algarabía en la navidad, con especificidades coherentes a la dinámica geocultural sobre la cual hemos disertado.

Referencias

CONSTITUCIÓN DE LA REPÚBLICA BOLIVARIANA DE VENEZUELA. Imprenta Nacional. Caracas 1999.

GARCÍA, JESÚS. **Caribeñidad**. Fundación Editorial el Perro y la Rana. Biblioteca popular para los Consejos Comunales. Caracas. 2006

ROJAS BENAVIDES, GERARDO. **Los Tucusitos. Expresión Musical del Imaginario Colectivo en los Espacios Urbanos de Caracas**. Tesis del Doctorado en Cultura y Arte para América Latina y El Caribe. Universidad Pedagógica Experimental Libertador. Instituto Pedagógico de Caracas. Caracas. 2022.

RAMOS GUÉDEZ, JOSÉ. **Contribución a la historia de las culturas negras en Venezuela Colonial**. Fondo Editorial IPASME, Caracas.2001

RICOEUR, PAUL **Memoria, Historia y Olvido**. Fondo de Cultura Económica. México.2004.

TOVAR, RAMÓN. **El Enfoque Geohistórico**. Caracas. Academia Nacional de la Historia. 1986.



A estrela do Natal

Barba branca e botas pretas,
Não é um velho metaleiro.
Uniforme vermelho hey ho houhouhou
Não é um salva-vidas,
Muito menos o Salvador.

Mas é a estrela da festa,
É quem nos traz alegria.
Todos esperam sua vinda,
Sua chegada triunfal,
Na noite de Natal.

O bom velhinho nunca esquece de ninguém,
Menos o menino pobre, que, afinal, não é ninguém.
O bom velhinho, tão generoso, dá presentes...
Mas quem paga é o décimo terceiro do trabalhador.
E fique contente!

Nada como o espírito de Natal!
Mesa farta, família reunida...
Dá até pra esquecer que tem gente passando fome, dormindo na rua,
Abandonado na esquina...

Mas não é responsabilidade sua!
Não venha se fazer de bonzinho!
Destes o Papai Noel cuida.
É por isso que acredito no bom velhinho.

Ele é a estrela da festa,
É quem nos traz alegria.
Todos esperamos sua vinda,
Sua chegada triunfal,
Na noite de Natal.

PAULO MARINS GOMES¹

1 Técnico Administrativo do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná, possui mestrado em filosofia e graduação em administração, ambos pela UFPR, e formação em teologia na Faculdade Presbiteriana de Teologia - FATESUL.



O Natal dentro de nós

Chegou o Natal, mais um dia 25 de dezembro, e já um ano novo se aproxima; Se despedir do ano velho e receber 365 dias novos. Natal, em sua essência, é uma época de renovação, de olhar o mesmo com outros olhos, de se renovar.

Qual será a nossa nova versão de pessoa para esse ano novo que se aproxima? Quais as vivências? Aprendizados?

É preciso também nos perdoar, erramos, falhamos, magoamos alguém? Não somos perfeitos, somos humanos. Podemos fazer tudo diferente, começando hoje, amanhã e nos próximos dias, pois estamos vivos, respirando, sentindo e vivendo.

O coração pulsa dentro de nós, como lá fora está frenético os preparativos para a festa de Natal, mas precisamos saber, o Natal não é algo externo, ele acontece, aqui, dentro de nós, de dentro pra fora.

Desejo que neste contexto, sejamos renovados e que possamos nos renovar a cada dia, não só hoje em pleno Natal, mais em todos os outros dias, sorrir, amar, fazer os momentos serem sentidos e vividos, e construir boas memórias.

TÂMARA CAROLINE DA SILVA RAMOS COIMBRA¹

1 Aluna do Doutorado em Antropologia do PPGAA da Universidade Federal do Paraná (UFPR); Graduada em Ciências Sociais e mestrado em Antropologia, ambos pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).



Sabores da resistência: as práticas culinárias natalícias em Angola

JOÃO BAPTISTA MANUEL¹

RAFAEL PINHEIRO DEINA²

Resumo: Este artigo analisa as práticas culinárias natalinas em Angola como expressão de resistência cultural frente à colonização europeia. A partir do contato inicial com os portugueses no século XV e da imposição da religião cristã, os costumes locais passaram por transformações profundas. Contudo, a cultura alimentar angolana demonstrou resiliência, preservando técnicas e ingredientes ancestrais, especialmente nas festividades de Natal. As comidas típicas como quizaca, funge, mufete, calulu, entre outras, simbolizam a continuidade da identidade africana, mesmo diante de políticas coloniais de assimilação cultural. O estudo busca, assim, ressaltar como o ato de cozinhar e partilhar alimentos se transforma em resistência silenciosa e poderosa.

Palavras-Chave: Natal; Comidas típicas; Resistência

Introdução

Em 1483, o navegador português Diogo Cão chegou ao estuário do rio Zaire (Mzande). Ele retornaria à costa centro-ocidental africana em 1485, com a missão de estabelecer relações com as lideranças locais, visando garantir futuros benefícios comerciais para Portugal. Segundo Azevedo (2015), a chegada dos portugueses à África

1 Bacharel em Humanidades, mestre e doutorando em Antropologia e Arqueologia na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista CAPES. E-mail: joaobatista.manuel75@gmail.com

2 Licenciado em Música e mestrando em Antropologia e Arqueologia pela Universidade Federal do Paraná. Foi bolsista CAPES e atualmente é professor de Arte do Estado do Paraná. E-mail: rafael_pinheiro_deina@hotmail.com

Centro-Occidental foi interpretada à luz da cosmogonia tradicional bakongo, na qual o oceano era a linha divisória entre o mundo dos vivos e dos mortos, e a cor branca representava a morte. Assim, os primeiros visitantes foram considerados como vindos da terra dos mortos e, conseqüentemente, possuidores de avanços tecnológicos superiores às técnicas então conhecidas.

Devido a essa crença e outros fatores, o rei do Congo aceitou manter relações amistosas com os portugueses. No entanto, ao aceitar essas relações, alinhadas com a Igreja Católica, abriu-se espaço para o reconhecimento de uma nova religião, com novas práticas e ritos. Isso resultou na iniciação dos soberanos do Congo no culto católico e em uma jornada que os levaria ao período pré-colonial. O período pré-colonial, que se refere ao século XV, marca o início dos primeiros contatos e o comércio de seres humanos entre os séculos XV e XVIII, além das causas para o declínio do Reino do Congo (Vansina, 2010). Esse declínio, no século XIX, foi causado por fatores como guerras civis, divisões internas, intervenções de potências europeias e a propagação do tráfico de pessoas negras. Portugal, que inicialmente parecia amigável, tornou-se inimigo, passou ao período de Colonização Formal e expansão do colonialismo, abrangendo os séculos XIX e XX. Essa era culminou na Conferência de Berlim (1884–1885), que resultou na partilha da África entre as potências europeias e no surgimento de movimentos de independência em diversas nações africanas (Uzoigwe, 2010).

Em conseqüência da influência do colonialismo europeu, vários países africanos passaram a celebrar o Natal. Durante o período colonial, missionários cristãos introduziram a festividade do Natal para as comunidades locais, que por sua vez integraram essas tradições em suas próprias culturas. Atualmente, o Natal é celebrado em diversas nações africanas, sendo especialmente relevante em Angola, onde é uma festividade de grande importância, acompanhada de práticas culturais e rituais próprios (Tribuna, 2023).

Ao abordarmos o tema “Sabores de Resistência: as práticas culinárias natalícias em Angola”, destacaremos a relação entre a cultura angolana e a celebração do Natal. O Natal, uma festividade cristã introduzida durante o período colonial, foi adaptado pelas populações africanas de modo a integrar elementos culturais próprios, especialmente por

meio da culinária. Através da comida, práticas e saberes tradicionais foram preservados, criando uma narrativa de resistência silenciosa, mas profunda. Interessa-nos abordar o papel dessa gastronomia na preservação da identidade cultural do país e como ela se torna um símbolo de resistência ao colonialismo. Consideramos que a cultura, no que diz respeito às suas práticas, abrange as tradições, costumes e normas sociais que moldam o comportamento humano e as interações numa sociedade (Herzfeld, 2014). No âmbito da culinária, a cultura se revela nas receitas, ingredientes e técnicas de preparo que são compartilhadas e passadas de geração em geração. Portanto, a alimentação transcende o mero ato de nutrir-se; ela também representa a identidade e a história de um povo. Sendo assim, a:

identidade é construída de forma situacional e contrastiva, ou seja, que ela constitui resposta política a uma conjuntura, resposta articulada com as outras identidades em jogo, com as quais forma um sistema. É uma estratégia de diferenças. (Cunha, 1985, p. 206).

Dessa forma afastamos aqui toda ideia de “pureza cultural” que leva ao aprisionamento temporal das identidades não europeias. Dessa forma a gastronomia natalícia em Angola, se apresenta como o direito de ser coetaneamente, sem com isso tentar romantizar a violência colonial que trouxe consigo a imposição da religião do colonizador. Em outras palavras, nesse texto as reflexões sobre o preparo dos alimentos apontarão para agência e resistência.

O período colonial e o papel das igrejas no ato “civilizacional”

As missões católicas, fora a sua evangelização com uma abordagem universal, tinham no período colonial o propósito civilizacional, elas eram patrocinadas pela Santa Sé e pelo Estado português. Os africanos eram “vistos como sujeitos em um nível civilizatório inferior, a serem elevados para um dia alcançar o nível do homem branco.” (Dulley, 2017). Os missionários eram, idealmente, europeus, enquanto aos africanos era atribuída a tarefa de catequese. Embora diversos padres africanos tenham sido ordenados, eles eram, a princípio, designados para o clero secular, ocupando uma posição hierárquica inferior em relação aos padres europeus. “A religião católica alçava os sujeitos coloniais

um degrau acima na hierarquia do colonialismo em Angola, na qual os brancos portugueses (católicos) ocupavam as posições de poder.” (Dulley, 2017). A atuação missionária da Igreja Católica se dava entre igrejas urbanas, onde os membros eram, em sua maioria, portugueses e africanos que haviam se urbanizado, e em missões rurais, frequentemente localizadas próximas às missões protestantes. Contudo, pela atuação da Congregação do Espírito Santo, sua presença se estendia tanto nas áreas urbanas, onde se encontravam os colonos brancos, quanto nas regiões rurais. Essa congregação também desempenharia um papel crucial na formação de padres, sendo responsável pelos principais seminários em Angola (Dulley, 2017).

Diferente das missões católicas, as missões protestantes eram financiadas por associações de leigos dos países de origem dos missionários, e enfrentavam suspeitas e restrições do Estado português. Neste período “as missões protestantes, por sua vez, tendiam a dividir o território entre as denominações nele presentes, de modo que cada denominação se ocupasse de um grupo etnolinguístico.” (Dulley, 2017). Essas missões não estavam isentas de tributos sobre suas instalações e produtos importados, incluindo medicamentos. O objetivo com as missões não era estabelecer uma estrutura religiosa duradoura nas colônias, mas sim criar condições que permitissem sua contribuição para o surgimento de uma igreja protestante africana autossuficiente, sem necessariamente afastar uma visão evolucionista.

Os africanos eram vistos “como insuperavelmente diferentes. Sendo essa diferença valorizada como algo que confere autenticidade.” (Dulley, 2017). Além disso, os protestantes não só visavam transferir a liderança da igreja aos africanos, como também se concentravam predominantemente em áreas rurais, o que explicava a maior presença de pastores africanos em regiões não urbanas. Entretanto, mesmo entre os protestantes, a passagem de poder para as mãos dos africanos foi marcada por tensões e ocorreu tardiamente. “Bem como o fato de os africanos nunca saberem o valor do salário dos missionários norte-americanos, muito mais altos, enquanto o salário dos pastores africanos era de conhecimento de todos e discutidos nas reuniões.” (Dulley, 2017).

A presença das missões católicas e protestantes em Angola, durante o período colonial não apenas modificou as práticas de fé, mas também

reorganizou os espaços públicos, impactando de maneira profunda a convivência social e cultural das comunidades locais. A Igreja Católica, com seu foco na evangelização e na civilização, se posicionou como um dos principais agentes na ocupação e controle desses espaços, frequentemente sobrepondo-se às práticas culturais locais. Os templos e as escolas católicas não serviam apenas como locais de adoração, mas também como ferramentas de dominação cultural, estabelecendo estruturas que se alinhavam com os valores europeus (Silva, 2018). Simultaneamente, as missões protestantes, mesmo sofrendo mais restrições do governo colonial português, tiveram um papel fundamental na reformulação dos espaços públicos, especialmente em regiões rurais. Ao segmentar o território entre diferentes denominações religiosas e concentrar-se em determinados grupos etnolinguísticos, as missões protestantes contribuíram para a desintegração e reformulação das redes sociais convencionais. Esta dinâmica fomentou novas maneiras de se apropriar e excluir desses espaços, com o objetivo de, a longo prazo, estabelecer uma igreja africana autossuficiente (Dulley, 2017).

Ainda sobre o jugo colonial, em 1926 e 1961, a administração portuguesa promulgou o Estatuto do Indigenato que vigorou em Angola. “Este foi um estatuto legal distinto e oposto ao de cidadão, dentro da dualidade jurídica que, no caso de Portugal, foi imposta em algumas das suas colônias entre 1926 e 1961.” (Neto, 2015, p. 121). Esse estatuto determinava formalmente os direitos e a ausência de direitos dos indígenas.

Ressalta-se que o termo indígena não pode ser entendido de acordo o sinônimo de “aborígene”, “originário” ou “nascido em”. Esse é um termo usado para designar os povos não civilizados ou os negros mediante as categorias presentes no Estatuto do indigenato (Manuel, 2023).

Segundo Neto, (2015, p. 121): o primeiro desses “Estatutos” foi produzido em 1926 condensando práticas anteriores e legislação colonial dispersa. Representou um corte definitivo com tendências governativas mais liberais do século dezenove e correspondia às políticas coloniais segregacionistas dominantes nas primeiras décadas do século vinte. Portanto, esse Estatuto explicitava que os indivíduos de raça negra ou dela descendentes que não demonstravam hábitos, costumes e práticas culturais semelhantes à portuguesa não poderiam ser

considerados cidadãos portugueses. Desta feita, a sua integração à nação colonial dependeria de uma transformação gradual dos seus hábitos e costumes. Para isso seria necessário a satisfação de vários critérios, desde econômicos, culturais e políticos.

Assim sendo, durante esse período colonial, o domínio da língua portuguesa, o comer com garfo e faca, e o comer as comidas portuguesas, estava relacionado à imagem de ser civilizado, pois era requisito para se tornar assimilado e usufruir de alguns aspectos de cidadania. Por essa razão aponta Ngunga (2021) que foi nessa era que se desprezou crescentemente as línguas africanas apelidadas de dialetos e que muitos negros assimilados eram proibidos de utilizá-las nas escolas. [...]. Nos espaços públicos, havia desprezo para aqueles que por distração ou necessidade ousassem comer algumas comidas típicas africanas ou comê-las com as mãos, tendo em conta que existe comidas africanas que a melhor forma de comer é com as mãos, logo, havia um esforço claro de desencorajamento do seu uso e tentativa da sua supressão. Ao que se percebe, segundo Ngunga (2021) os “assimilados”, além de serem obrigados a abandonar a língua de seus ancestrais para adotar o português, que se tornou sua língua, e que também tiveram de ensinar aos seus descendentes, foram obrigados a deixarem outros aspectos da cultura africana, e um destes é a alimentação, portanto, o ato de não deixar a sua utilização nos sistemas de celebração de Natal ou mesmos nas festas, óbitos é uma demonstração de resistência cultural africana.

Para pensarmos a força da alimentação como resistência fazemos presente nesse texto alguns versos que nasceram do outro lado do oceano atlântico, especificamente no Brasil. É amplamente conhecida a trajetória de pessoas escravizadas vindas de África para a América, apesar do contexto nefasto que de forma alguma deve ser romantizado, essas pessoas trouxeram consigo todos seus saberes e ciências. Séculos depois os poetas e músicos Moraes Moreira e Paulo Leminsk, um baiano e um paranaense escreveram os seguintes versos “Sai o Sol e a Lua, sai mamãe e sai papai, bloco vai pra rua, mancha de dendê não sai”. Versos presentes na música intitulada Mancha de Dendê Não Sai, que foi lançada no ano de 1984, em um disco homônimo. A expressão mancha de dendê não sai nos remete a uma prática milenar vinda de África para o Brasil que é o ato de cozinhar certos pratos utilizando o

chamado óleo de palma em Angola e no Brasil azeite de dendê. Com sua coloração que está entre o dourado e avermelhado, dá sabor e cor aos alimentos e deixa marca nos tecidos em que toca. Essa metáfora que nasce dos versos dos poetas citados deve acompanhar nossas reflexões sobre as comidas de Natal em Angola e sua resistência duradoura como mancha de dendê.

As comidas típicas do Natal

No Natal, em relação à gastronomia angolana, os pratos comumente preparados pelas famílias estão divididas em duas categorias: temos os pratos típicos do país, tido como culturais e os não culturais. Dentre os não culturais são: Bolo de amendoim ou de chocolate, bolo simples, o cozido de frango com batata inglesa, arroz com azeitonas, e o churrasco. Portanto, os pratos típicos do país são: *Quizaca*, *Funge* de milho ou de bombó, *Chiguanga* com *Macaíabo* (Bacalhau refogado com Cebola), *Fúmbua*, *Mufete*, *Calulo* de carne seca ou de peixe.³

Quizaka é um prato típico do povo bacongo, feito com folhas de mandioca, que são amplamente utilizadas na culinária do norte do país e na capital. O ingrediente principal é proveniente das folhas da mandioca, ricas em vitaminas. Depois de colhidas, as folhas são lavadas e moídas em pilão até obter uma consistência homogênea. No entanto, segundo Ivaneth(2016), já não é necessário fazer esse todo processo porque os mercados já vendem a Kizaca triturada, com isso só será necessário fazer as folhas passarem por um longo processo de pré-cozimento através de fervura. Após essa etapa, diversos ingredientes são adicionados para o seu preparo. Esse prato é de fácil preparação, exigindo poucos ingredientes de baixo custo. Por isso, é presença quase garantida nas mesas das famílias angolanas, tanto pela sua simplicidade no preparo, quanto pelo seu sabor delicioso. (Ivaneth, 2016).

A especialidade do norte do país também inclui o *4funge de bombó*, enquanto no Sul é mais comum o *funge de milho*. Contudo, o *funge* é a

3 Para maior aprofundamento acessar. SOUSA, Em Casa da Sra. KIZACA DE MUAMBA CRUA (COMIDA AFRICANA). Youtube, Luanda. 14. nov. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mzDnRdyWXs8>. Acesso em: 31 ago. 2024.

4 Segundo Sonhi (2023), este alimento trancedeu a gastronomia, pelo que, passou a ser usado para o ensino de frações matemática pelo professor Hermenegildo nos Estados Unidos de América. Para maior aprofundamento ler: SONHI, Alexa. Notícias - O angolano que ensina frações matemáticas com bolas de funge. Jornal de Angola. Luanda, 10.dez.2023. Disponível em: <https://>

comida mais famosa de Angola é consumido em todas as circunstâncias, seja em festas ou em momentos de luto (Angola Turismo, 2024). Além disso, sua preparação é de fácil execução e possui um baixo custo. O *funge* de Bombó é feito com fubá derivado da mandioca, obtido a partir da raiz do pé de *Quizaka*, também conhecida como Aipim e Macaxeira, como mencionado no blog África pelo mundo (2023).

Para produzir o fubá de mandioca, os produtores utilizam diversas técnicas como lavar uma grande quantidade de mandioca, descascá-la, cortá-la em pedaços e deixar de molho por sete ou doze dias. Após esse período, a mandioca adquire um sabor azedo devido ao contato com a água. Em seguida, é levada para secar por sete a doze dias (África pelo mundo, 2023). Consequentemente os pedaços ficam secos e passam a ser chamados de bombó. Esse por sua vez é moído e se torna em fubá. Contudo, em outros casos em que não existe moedor ela é pisada no pilão.

A mandioca também pode ser utilizada para fazer a *Chiquanga*, conhecida como pão de mandioca cozido. Em termos de sabor, a *chiquanga* tem um sabor bastante suave, o que a torna um ótimo acompanhamento para qualquer prato, e é servido quente ou em temperatura ambiente. Tradicionalmente, as porções de mandioca são envolvidas em folhas de banana, amarradas com barbante e posteriormente cozidas. Ao comer, as folhas são descartadas, e a *chiquanga* é primeiro amolecido com os dedos e depois usado como uma concha para pegar molhos, sopas ou ensopados (*TasteAtlas*, 2025).

A *Fumbua*, de acordo com a Redação Paladar (2024), é um molho típico da culinária africana, bastante popular em Camarões, Angola e Zaire. A receita é feita com as folhas de *Fumbua*, planta encontrada na região da África Ocidental. Essa saborosa receita é geralmente servida com *funge*, frango, *Macaibo* e peixe. No entanto, embora sua preparação seja fácil, seu custo não é baixo.

Mufete é caracterizado como um prato típico da ilha de Luanda. Em todo o país, essa é uma das comidas mais apreciadas pelos angolanos, assim como o *funge*, que está presente em qualquer evento. Esse prato é feito por uma combinação de diversos alimentos, como *bananas-pão*

(*banana da terra*) batata-doce, mandioca e *farinha museque* (farofa). Além disso, utiliza feijão de óleo de *palma* (óleo de dendê), peixe carapau ou *Caxuxu* grelhado e vinagrete. A maionese e a mandioca são opcionais.

O ⁵*Calulú* de carne seca ou de peixe é considerado uma das especialidades angolanas que alcançou fama internacional. Esse prato tem como ingredientes principais, peixe carapau ou carne seca, peixe Corvina, Jimboa, tomate, Quiabo, óleo de palma, cebola e beringela. O *Calulú* é normalmente acompanhado por *Funge* ou *Chiquanga*.

Entre as bebidas típicas, mais consumida na comemoração do Natal, temos o suco de *Múcua*, *Quissãgua* e o *Maruvo*. Conforme é afirmado pelo site *Nutriboty* (2022)⁶, a *Múcua* é o fruto do *imbondeiro* (*Adansonia digitalata*), uma árvore sagrada africana.

Reconhecida por sua altura (podendo chegar a até 20 metros) e longevidade (podendo durar 2000 anos), ela possui inúmeros benefícios para a saúde. A *Múcua* possui duas vezes mais cálcio do que o leite e seis vezes mais vitamina C do que uma laranja, além de também ser rica em antioxidantes, ferro e potássio. É conhecida em Angola como “mukua” ou “máqua” e pode ter até 25 cm de comprimento. Em seu interior, contém um miolo seco que se dissolve facilmente na boca. Caracterizada por um sabor agridoce, ela é rica em diversas vitaminas e minerais. (*Nutriboty*, 2022).

Portanto, o suco de *Múcua* é fácil de ser feito e muito econômico. Algumas pessoas o tomam com açúcar, outras sem. Por outra, a *Kissãgua* se configura como a bebida típica de Angola, originalmente da parte sul. Ela é obtida tradicionalmente a partir de produção artesanal. Segundo Ebii Mirian Blog (2017), “a sua forma original é feita de milho a germinar designado em umbundu de *osovo*.” Entretanto, existem várias formas de ser feita, a qual pode ser com abacaxi ou arroz.

5 A UFES, em Agosto de 2024 fez uma homenagem no seu restaurante Universitário cozinhado o prato de cululo, reconhecendo a sua importância internacional e o seu bom paladar. UFES. Prato internacional, Angola é o país homenageado em Agosto. Restaurante Universitário. Brasil. 31, ago, 2024. Disponível em: <https://restaurante.ufes.br/conteudo/prato-internacional-angola-e-o-pais-homenageado-em-agosto> . Acesso em: 31 ago. 2024.

6 A Nutriboty surgiu em 2018. Nasceu do desejo de contribuir para o desenvolvimento rural de Angola de forma sustentável, enaltecer os saberes e a riqueza natural da terra, enriquecer as comunidades locais e, por último, levar mais saúde a todos, dentro e fora de Angola. Disponível em: <https://www.nutriboty.com/quem-somos-v2/>. Acesso em: 21 jun. 2025.

O maruvo é uma bebida alcoólica tradicional que representa um importante símbolo cultural da região norte de Angola. Esta bebida é produzida a partir da fermentação da seiva de diversas espécies de palmeiras, incluindo a palmeira-de-leque-africana e a matebeira.

No norte de Angola, o maruvo é bastante valorizado e frequentemente consumido durante cerimônias sociais, como funerais e celebrações de agradecimento ao trabalho voluntário na comunidade, entre outras ocasiões. Além disso, é também chamado de vinho de palma ou mandijevo (TPA, 2020).

Considerações finais

Apesar das pressões coloniais, a culinária angolana sobreviveu como espaço de resistência. Ingredientes e modos de preparo tradicionais foram preservados no cotidiano e, especialmente, nas festas natalinas. A alimentação, portanto, se transformou em símbolo de resistência.

A metáfora da “mancha de dendê” — que, uma vez impregnada, não sai — resume bem essa resistência. Assim como o azeite de palma marca as roupas, os saberes ancestrais marcam a identidade dos povos, permanecendo mesmo após séculos de opressão.

Apesar da brutalidade do colonialismo e da tentativa de apagamento cultural imposta por meio da religião, da língua e dos costumes europeus, o povo angolano soube ressignificar as celebrações natalinas. Ao preservar e valorizar sua culinária tradicional, resistiu silenciosamente, mas com firmeza, às imposições coloniais.

Os sabores que permeiam as mesas angolanas no Natal são muito mais que tradições alimentares: são memórias vivas, manifestações de identidade e afirmações de pertencimento. Como a “mancha de dendê” que não sai, a ancestralidade africana impregna o presente e aponta caminhos para o futuro. Comer, neste contexto, é também um ato político e espiritual. É manter-se vivo com dignidade, lembrança e resistência.

Portanto, de todas essas práticas podemos concluir que apesar de ser muito clara a imposição de sua religião e costumes por parte do colonizador o povo angolano ressignificou o Natal a seu modo. Transformando as práticas festivas e culinárias em consonância com sua identidade ancestral direcionada para o futuro. A capacidade de inventar e reinventar constantemente diferenças demonstra a agência

e resistência cultural angolana. Por vezes a resistência vem em fortes palavras de ordem em alto e bom som e em outras vezes com os lábios cerrados e silenciosos por conta do desfrute de um delicioso banquete produzido por saberes ancestrais.

Referência

ÁFRICA PELO MUNDO. Funge de bombo: prato tradicional angolano. 02. maio 2023. Disponível em: <https://africapelomundo.com.br/funge-de-bombo/>. Acesso em: 04 fev. 2024.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Negros Estrangeiros**: os escravos libertos e sua volta à África. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1985.

DULLEY, Iracema, “Missões católicas e protestantes no Planalto Central angolano: continuidades e descontinuidades” in: SILVA, Eliane; MOURA, Carlos; ABRANTES, Harley. (Org.). **Missões, religião e cultura**: estudos de história entre os séculos XVIII e XX. 1ed.Rio de Janeiro: Prismas, 2017.

HERZFELD, Michael. **Antropologia**: prática cultural e teoria. 1. ed. Bauru: EDUSC, 2014.

MANUEL, João Baptista. **Relações sociais em um Liceu em Luanda, Angola**: experiências no uso da língua e as relações de poder. 2023. Trabalho de conclusão de curso. (Bacharel em Humanidades) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção-Ceará, 2023.

NETO, M. da C. Maria do Huambo: Uma vida de “indígena”. Colonização, estatuto jurídico e discriminação racial em Angola (1926-1961). **Revista África**, [S. l.], n. 35, p. 119-127, 2015.

NUTRIBOTY. Múcua. 02 abr. 2022. Disponível em: <https://www.nutriboty.com/ingredientes-sustentaveis/mucua/>. Acesso em: 02 abr. 2024.

NGUNGA, Armindo Saúl Atelela. **Os desafios da investigação linguística em África**: o caso de Moçambique. África, São Paulo, n. 42, p. 86-108, 2021.

PALADAR. Fumbua. 04 fev. 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/paladar/receita/fumbua/>. Acesso em: 04 fev. 2024.

SILVA, Edgleice Santos da. **Mundos que se entrelaçam**: religião e política na África Centro Ocidental (século XVII). 2018. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2018.

Televisão pública de Angola (TPA). Maruvo - Bebida é um simbolo cultural e tradicional da região norte de Angola. Facebook, 30 ago. 2020. Disponível em: <https://www.facebook>.

com/TelevisaoPublicadeAngola/videos/maruvo-bebida-e%CC%81-um-simbolo-cultural-e-tradicional-da-regia%CC%83o-norte-de-angola/322544938858029/. Acesso em: 26 jan. 202

TASTEATLAS, World food atlas. Authentic Chikwanga Recipe: Democratic Republic of the Congo, Africa. 21 jun. 2025. Disponível em: <https://www.tasteatlas.com/chikwanga/recipe>. Acesso em: 21 jun. 2025.

TOMÁS, Cláudio Andrade da Conceição . **Discursos e práticas alternativas de reconciliação nacional e de construção da nação em Angola**: o caso da Igreja Evangélica Congregacional de Angola. 2010. Tese de mestrado. (Mestre em Estudos Africanos) Lisboa: ISCTE, 2010.

UZOIGWE, Godfrey N. . Partilha europeia e conquista da África: apanhado geral. In:

UNESCO. História geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 / editado por Albert Adu Boahen. Brasília – 2.ed. rev. . p. 21-7, 2010.

VANSINA, J. O Reino do Congo e seus vizinhos. (a partir de uma contribuição de T. Obenga). In: UNESCO. **História geral da África**, V: África do século XVI ao XVIII / editado por Bethwell Allan Ogot. – Brasília, p. 647-69, 2010.



Contexto social da celebração do natal 2024 no Haiti: perspectivas políticas

JEAN PETERSON NOTIS¹

Resumo: O objetivo desta pesquisa é analisar o contexto social da celebração do Natal de 2024 no Haiti de um ponto de vista político. A análise apresentará os fenômenos que impedem que a celebração desse ano seja vivenciada plenamente no país devido a problemas de insegurança pública que afetam os direitos da população, como o direito de ir e vir. Ao mesmo tempo, serão destacadas as estratégias que permitirão ao Estado de fortalecer sua ação política por meio da implementação de políticas públicas que ajudariam a contornar esses fenômenos.

Palavras-chave: Natal; Haiti; Política; Políticas públicas

Introdução

O contexto social da celebração do Natal de 2024 na República do Haiti, um país caribenhos que ocupa a parte ocidental da ilha Hispaniola, compartilhada com a República Dominicana, é de vital importância para a compreensão do atual estado de degradação política e social do país. Do ponto de vista político, a insegurança pública generalizada desafia o Estado a se aproximar do seu potencial administrativo, através de soluções concretas. O estudo analisa as iniciativas políticas que podem influenciar a vida cotidiana do povo haitiano, explorando uma série de eventos recentes no cenário político do Haiti

1 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e bolsista da CAPES com graduação em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), e-mail: jeanpetersonnotis@yahoo.com

e concentrando-se nos mais complexos por meio de uma abordagem qualitativa. A pesquisa tem como objetivo responder à seguinte pergunta: como o Estado pode restaurar o direito à segurança da população haitiana?

Em primeiro lugar, é apresentada uma visão geral das tradições culturais haitianas, das celebrações de Natal e dos fenômenos políticos, a fim de identificar as inconsistências e as relações que impedem as pessoas de usufruir de seus direitos, como a segurança pública e a livre circulação. Em segundo lugar, os fatos serão analisados a fim de destacar certos elementos que possam contribuir para o debate político e, *a posteriori*, para um equilíbrio racional do cenário político atual. E por fim, a problematização desses eventos do ponto de vista das políticas públicas. Pois, as políticas públicas tendem a ser concebidas para estabelecer um vínculo entre a sociedade civil e o Estado por meio de ações de intervenção na realidade social (Boneti, 2017).

A tradição do natal haitiano

A formação social e cultural do Haiti é o resultado de um amálgama de matrizes culturais (africana, indígena e europeia ou colonial), o que explica a presença de elementos com características típicas dessas matrizes na sociedade haitiana. Um dos legados coloniais deixados no país é a fé cristã, em especial o catolicismo, que, desde o período colonial, tem servido como categoria moral para orientar as relações sociais, culturais e políticas na ilha. Lewis (2014) descreve essa relação entre a trajetória histórica e social da Igreja quando afirma:

A história do catolicismo no Haiti remonta a 1492, quando Cristóvão Colombo plantou uma cruz em Baie-des-Moustiques como sinal de conquista. Durante o período colonial (1492-1803), quando a população ameríndia foi completamente dizimada, a Igreja Católica desempenhou um papel importante na legitimação da escravidão e do comércio de escravos. Após a independência, seu conceito de planejamento regional inspirou os líderes haitianos em seu planejamento urbano: as paróquias foram transformadas em cidades comunais (Lewis, 2014). (Tradução nossa)

Essa influência continuou mesmo após a independência da ex-colônia francesa, principalmente com a assinatura da Concordata em 1860, quando o catolicismo se tornou a religião oficial do Estado haitiano.

Esse acordo selou uma relação diplomática entre o Estado-nação haitiano e a Santa Sé (mais tarde, o Estado do Vaticano) que reuniu elementos como a fé e a política, o que, de um ponto de vista crítico, pode ser visto como uma relação profana mesmo *a priori*.

A tradição decorrente dessa relação bilateral, juntamente com as outras denominações cristãs no Haiti (batistas, adventistas, protestantes, pentecostais, metodistas etc.), sustentou as celebrações natalinas no país e é um dos feriados religiosos mais comemorados pela população haitiana. O que se justifica se considerarmos que 71 % da população se declarou cristãos católicos².

Assim, a celebração do Natal no Haiti é marcada por um amálgama de tradições religiosas e culturais, refletindo a história e a identidade do país. Na ocasião, o discurso religioso é mais fervoroso entre os cristãos praticantes e não praticantes. Embora não seja a celebração mais importante do calendário cristão, no Haiti ela continua sendo a mais proeminente, seguida não apenas pelas festividades de fim de ano, mas também pelo dia 1º de janeiro, o marco histórico da independência ou o dia oficial em que o Haiti se posicionou contra a estrutura escravagista e seus apoiadores.

O longo processo que levou à proclamação da independência do país, de 1789 a 1803, envolveu: uma luta entre brancos e mulatos; uma guerra social e racial entre senhores e escravos, entre negros, brancos e mulatos; uma guerra entre os habitantes de Saint-Domingue contra os invasores espanhóis e ingleses; e, finalmente, uma guerra de independência, a de uma colônia contra uma metrópole, ou seja, os haitianos contra os franceses, agravada por seu caráter duplo de guerra social e racial (Etienne, 2007, p. 110). Tradução nossa

Ainda para Etienne o Haiti, uma antiga colônia francesa, proclamou sua independência em 1º de janeiro de 1804, após uma longa, sangrenta e devastadora guerra de libertação nacional (1791-1803) (Etienne, 1999, p. 19).

A comemoração do Natal no Haiti combina elementos da cultura local, como música, dança e comida típica, com tradições cristãs. O calor do Natal é sentido na mídia tradicional e social com canções clássicas,

2 Disponível em: <https://consolataamerica.org/pt/a-igreja-catolica-no-haiti/>

que, por sua vez, ressoam com a experiência cultural do povo haitiano. As canções de Natal descrevem as festividades e, em alguns casos, expressam nostalgia por elas. O “*Esprit de Noël*”³, de (Larivierre Arly, 2009), é um exemplo clássico disso.

Intra

Papi, o que vou ganhar de presente de Natal?

Verso

As crianças de hoje não sabem mais nada sobre o Papai Noel.

Para elas, a festa é puramente material.

O estresse diário afeta todos os pais.

Quem se tornou negligente sem perceber?

As tradições estão desaparecendo, até mesmo as luzes de Natal não são mais acesas.

E em muitas casas não há mais pinheiros há muito tempo

Chorus

Quero reviver uma festa de Natal onde as pessoas dão as mãos.

Quero que o espírito de Natal toque o coração de cada cristão.

Versus

Antes, quando era Natal

Com o costume, todos eram fiéis

O espírito natalino se espalha por toda a família

A música de Natal está tocando nas ruas

As lojas estão decoradas, a cidade inteira está agitada

Embora eu não o conheça, quero lhe desejar Feliz Natal.

Choro

Quero reviver uma festa de Natal onde as pessoas dão as mãos.

Quero que o espírito de Natal toque o coração de cada cristão.

Bridge

La, la, la, la, la

Choro

Seja família ou amigos

Pode ser um inimigo ou um estranho

Abra seu coração e deseje a eles um Feliz Natal.

Verso

O amor que está faltando - é isso que está faltando

A união que está faltando - é isso que está faltando

Para tornar as festas de fim de ano mais bonitas,

3 Disponível em: <https://youtu.be/7qxE2PCMRA4?si=F4Rtli0FISIFeYSY>.

precisamos abrir nossos corações e dar uma mãozinha.
Um pouco de compartilhamento - é disso que precisamos.
Em nossos bairros - é disso que precisamos
Para que as crianças de hoje possam ter um Natal de verdade.

Choro

Seja família ou amigos
Pode ser um inimigo ou um estranho
Abra seu coração e deseje a eles um Feliz Natal.

Larivierre é uma figura influente na música nacional que fez uma contribuição significativa para a promoção da cultura haitiana, especialmente no gênero compas, como cantor e compositor do grupo *New Look*. Em *Esprit de Noël*, o artista apresentou a experiência do Natal no contexto haitiano sob diferentes ângulos e os motivos pelos quais as famílias haitianas se reúnem para celebrá-lo.

Ação política do estado e participação cidadã

Até agora, vimos que o período de Natal tem um aspecto cultural, religioso e social, e sabemos que ele tem um impacto econômico, pois impulsiona o comércio local, principalmente na área metropolitana de Porto Príncipe. Quanto a essas atividades comerciais, elas não têm sido possíveis recentemente devido ao contexto político e social caracterizado por uma crise multidimensional e insegurança generalizada.

O aumento da violência no Haiti causado por grupos criminosos e confrontos com os chamados grupos de "autodefesa" está contribuindo para um nível preocupante de insegurança para a população do país, disse hoje a Human Rights Watch. Os grupos criminosos fortaleceram seu domínio sobre a capital haitiana, Porto Príncipe, e estenderam suas atividades a outras regiões. Líderes da oposição e grupos de "autodefesa" realizaram protestos violentos contra o governo de transição (Human Right Watch, 2025) Tradução nossa

A insegurança pública que reina em Porto Príncipe, a capital da República do Haiti, pode ser vista, por um lado, como uma consequência da manipulação da opinião pública que levou a população haitiana a fazer escolhas irracionais durante os 37 anos de democracia do país, resultando na eleição de líderes incompetentes e não comprometidos com a democracia e a soberania nacional. De acordo com (Seitenfus, 2016)

Haití vive desde 1986 un conflicto doméstico de baja intensidad. Se trata de la inevitable lucha por el poder entre actores políticos. No vive una situación de guerra civil o el riesgo de crímenes colectivos o aun la perspectiva de genocidio. Al contrario: los índices de violencia están entre los menores de la región. La única particularidad de esta disputa política consiste en que no son respetadas las reglas del juego democrático (Seitenfus, 2016, p. 34).

Em segundo lugar, a incapacidade do Estado haitiano de resolver seus problemas internos. Em trinta e sete anos de democracia, as instituições que deveriam garantir os direitos dos cidadãos não o fizeram, demonstrando a incapacidade do Estado de salvaguardar os direitos legais de seus cidadãos.

Por consequência, as celebrações tradicionais de Natal não foram possíveis nos últimos anos (2018-2024) e as famílias foram forçadas a se reinventar devido à insegurança pública em todo o país, especialmente na área metropolitana. A situação em Porto Príncipe é caótica e está piorando progressivamente. A capital do país, está sob o domínio de várias gangues que controlam as principais estradas que ligam a capital a outras cidades do interior, bem como todas as regiões estratégicas.

Desde então, as gangues formaram uma coalizão⁴ para extorquir motoristas de ônibus e proprietários de pequenas e grandes empresas, criando um clima de insegurança crônica. Como resultado, a população é mantida refém de um poder paralelo e não pode usufruir de seu direito de ir e vir. Além disso, eles controlam determinadas áreas da região metropolitana, bem como algumas cidades do interior, que são consideradas perdidas desde 2018. De acordo com o *Le Territorial*, *Le Territorial*⁵, existem 64 regiões no país classificadas como perdidas, isto é, regiões que o governo do Haiti não detém domínio, resultando no colapso do Estado-nação haitiano.

Em resposta a essa situação caótica, o Conselho de Segurança da Organização da Nações Unidas (ONU) aprovou mais uma vez uma Missão Multinacional de Apoio à Segurança (MSM) para o início do

4 Viv Ansanm é um termo em crioulo haitiano que significa viver juntos. A coalizão de gangues Viv Ansanm é uma aliança de grupos armados que operam no Haiti, especialmente na área metropolitana de Porto Príncipe. Essa coalizão tem sido responsável por diversas atividades criminosas, incluindo sequestros, assassinatos e controle de territórios.

5 Disponível em: <https://leterritorial.com/article/64-territoires-perdus-en-haiti-la-republique-en-lambeaux-face-a-l-emprise-des-gangs/societe/656>.

primeiro trimestre deste ano, a pedido de alguns líderes haitianos. Considerando o histórico de intervenção militar no país e a realidade social e política do Haiti, não devemos esperar muito desta. Mesmo após a chegada dessa nova contingente, a insegurança continua a reinar em Porto Príncipe e, diante da ineficácia das forças policiais e do Estado haitiano, a população está organizando sua autodefesa, literalmente fazendo justiça com as próprias mãos. Daí a popular operação “*bwa kale*”⁶ para combater as gangues. Uma operação não muito diferente da “tolerância zero”⁷ de 2004.

Por fim, tendo em vista a realidade política no contexto haitiano, percebe-se que o Estado em algumas regiões do país não tem completamente nenhum controle sobre o monopólio da violência e da tributação. Portanto, é imperativo promover discussões construtivas, democráticas e inclusivas para refletir e resolver os problemas nacionais, que foram negligenciados por muito tempo no Haiti, quando os líderes dependiam inteiramente do mundo exterior para resolver os problemas nacionais. Essa dependência colocou em risco a soberania do povo haitiano. Para (Habermas, 2020) o exercício da soberania popular assegura ao mesmo tempo os direitos humanos. Sabendo que “a escolha de apoliticar-se está longe de ser considerado um acerto, justamente porque se trata da renúncia com a possibilidade de contribuir para a manutenção da ordem, da paz social, etc” (Albin, 2002). O processo democrático pressupõe a participação efetiva [...] o entendimento esclarecido e o controle dos programas de planejamento (Dahl, 2009).

Em vista de uma sociedade organizada precisamos da política, para que os conflitos de interesse se resolvam sem recurso à violência (Albin, 2002, p. 27). E “as perspectivas para a democracia estável num país são melhores quando seus cidadãos e seus líderes apoiam vigorosamente as práticas, as ideias e os valores democráticos” (Dahl, 2009, p. 174).

A crise multidimensional (política, social e institucional) que afeta o Haiti está em seu nível mais alto em todo o período democrático e

6 Esse é um conceito em crioulo haitiano que se refere à justiça popular, um tipo de justiça informal que se manifesta fora do sistema judicial oficial. O *Bwa kale* é caracterizado pela violência em larga escala ou pelo linchamento de pessoas suspeitas de cometer crimes, como roubo, sequestro ou assassinato e, é interpretado como uma reação ao declínio do sistema de justiça.

7 A campanha de segurança pública lançada no Haiti no segundo mandato de Jean Bertrand Aristide.

decorre de problemas de longa data que não foram devidamente resolvidos. Para ser mais exatos, pode-se dizer que muitos deles no início da transição da ditadura para a democracia, que gerou um cenário político e social conturbado. Nas colunas do *AlterPresse*, um jornal haitiano, Etienne diz

Quando a ditadura de Duvalier caiu (7 de fevereiro de 1986), na esteira da política neoliberal de Margaret Thatcher e Ronald Reagan de enfraquecimento do Estado nos países do Sul, uma grande parte da classe política haitiana prometeu dismantelar o Estado (*kraze Leta*) sem se preocupar em encontrar uma estrutura alternativa capaz de cumprir pelo menos sua função repressiva. Com o golpe de Estado de 29 de setembro de 1991, o embargo solicitado pelo ex-presidente Jean-Bertrand Aristide e imposto ao Haiti pelos Estados Unidos acabou destruindo uma economia já debilitada. (Etienne, 2024) Tradução nossa

Diante dessa trajetória caótica e amadora, a iniciativa estatal se tornou essencial para sanar os problemas que ameaçam comprometer o futuro de toda uma nação. Mas isso nos leva, nesta pesquisa, a questionar se o problema da insegurança pública no Haiti deve ser resolvido apenas pela intervenção estrangeira? Numa tentativa de responder a esta questão e formular recomendações, serão considerados dois pontos, o primeiro deles fundamentado na percepção democrática de Etienne (1999), quando afirma:

O processo democrático haitiano obviamente depende das forças democráticas haitianas e da vontade genuína de todos os setores da sociedade de trabalhar para o estabelecimento de um sistema político verdadeiramente democrático, que não pode de forma alguma ser o resultado de uma intervenção militar estrangeira (Etienne, 1999, p. 220).

No que diz respeito ao segundo e último ponto, as políticas públicas são utilizadas como instrumentos para intervir na realidade social e modificá-la com foco no futuro. De acordo com Boneti (2017)

“se entiende por políticas públicas el resultado de la dinámica del juego de fuerza que se establece en el ámbito de las relaciones de poder, relaciones esas constituidas por los grupos económicos y políticos, clases sociales y demas organizaciones de la sociedad civil. Tales relaciones determinan un conjunto de acciones atribuidas a la institución estatal, que provocan la dirección (y/o la redirección) de los rumbos de acciones

de intervención administrativa del Estado em la realidad social e/o de inversiones” (Boneti, 2017, p. 13).

Cabe mencionar, que as políticas públicas são geralmente formuladas por meio de um processo em que o poder instituído “o Estado” toma decisões que primeiramente condizem com as suas crenças. Por esse motivo, a natureza ou o objetivo das políticas públicas é um elemento essencial para entender as preocupações do governo. A partir disso, o Estado teria o papel de fazer a gestão imparcial e idônea, na aplicabilidade de recursos públicos, destinados aos serviços voltados para o bem-estar social.

Para garantir a eficiência e a eficácia dessas políticas, é condição, o bom funcionamento da Administração Pública (AP), isto é o corpo técnico responsável pela execução das políticas do Estado. Esse corpo técnico, como menciona Paludo (2013), está à disposição dos governos para a realização de seus objetivos políticos e do objetivo maior e primordial do Estado: a promoção do bem comum e da coletividade.

E, quando um Estado não se preocupa em garantir a qualidade de vida e o bem-estar de seus cidadãos, isso também pode significar que ele negligencia a formulação de políticas públicas eficazes para lidar com os problemas (Vilas, 2013 ; Paludo, 2013). Nesse caso, com base na realidade atual, podemos dizer que os órgãos que tomam decisões políticas no Haiti não estão funcionando e são administrativamente impotentes.

Como as políticas públicas são formuladas para responder a uma necessidade comunitária por meio da intervenção do Estado, sob essa ideia de bem comum, os interesses e as crenças particulares dos burocratas que formulam as políticas públicas ou daqueles responsáveis por executá-las vão ter um impacto significativo. Dessa forma, os burocratas são os profissionais qualificados e responsáveis por transformar as políticas públicas em projeto de intervenção na realidade social com medidas administrativas ou com investimento (Boneti, 2017). Sabe-se que em um sistema democrático, os representantes eleitos são incubidos de desenvolver e implementar políticas públicas com base nas demandas da população. Entende-se a lacuna existente em todos os setores da vida social do país, principalmente no acesso à segurança pública para poder comemorar em família suas festividades natalinas.

Considerações finais

O cenário político do Haiti é caracterizado pela instabilidade, que teve um impacto nas tradicionais celebrações de natal do país no ano de 2024, com muitas famílias lutando para se manterem seguras e preservarem as tradições em um contexto alarmante. O problema da insegurança pública no país está enraizado em problemas políticos, econômicos e sociais de longa data que não foram devidamente resolvidos, a ponto de causar uma crise multidimensional de natureza perpétua que impede o povo haitiano de desfrutar de seus direitos, ir e vir, reunir-se para celebrar momentos festivos, etc. Esses fenômenos precisam ser explorados para que se descubram variáveis desconhecidas que possam ser usadas como indicadores para a formulação de políticas públicas mais eficazes para combatê-los.

A erradicação desses fenômenos complexos no Haiti não será um presente do Papai Noel ou a intervenção miraculosa de uma força transcendente, mas o resultado de um Estado eficaz e do desempenho de seus cidadãos. Mas, para que isso aconteça, as regras do jogo democrático ou os critérios para legitimar o processo democrático no Haiti precisam ser reavaliados e atualizados. Por que é impossível contar com a contribuição efetiva dos cidadãos no modelo atual (minimalista), quando os mesmos só participam do processo em época de eleições. Eis a questão, Se existisse um modelo deliberativo onde os haitianos tivessem a oportunidade de deliberar, examinar e discutir assuntos de interesse comum no país, considerando as características locais ou crioulas, o cenário não seria diferente? Não será respondida a essa pergunta, a mesma é apenas uma provocação mas, ela provavelmente será explorada em pesquisas futuras, assim como as recomendações feitas neste estudo.

Referências

ALBIN; Michel. **Apresentação da Filosofia**. Tradução de Brandão Eduardo, São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HAITI: Alterpresse jornal do Haiti: **Haïti** : Une année 2024 épouvantable: Que nous réserve l'année 2025?. Disponível em <https://www.alterpresse.org/spip.php?article31267&fbclid=IwY2xjawKHDeBleHRuA2FlbQlxMQBicmlkETfKwkJUdGtBWXdWbVJ5SHdvAR71bn0SWyY2HGelKqhg_NunQrjfzdgROyVYyKopKi3rswLQqbHLz-QAqBY4qHQ_aem_cj1One0jP-b5z2bvbXofnQ>. Acesso em 20 de janeiro de 2025

BONETI; Lindomar. **Políticas Públicas por dentro**. San Pablo: Mercado de Letras, 2017.

CIDH. **Situação de droits humains en Haiti**. OEA: 30 aout 2022. Disponível em: <http://www.cidh.org/>. Acesso 12 de Janeiro de 2023.

DAHL; Robert. **Sobre a democracia**. Brasília: UnB, 2009.

ÉTIENNE; Sauveur Pierre. **Haiti: Misère de la démocratie**. Paris: L'Harmattan, 1999.

ÉTIENNE; Sauveur Pierre. **L'énigme haïtienne: Échec de l'État moderne em Haiti**. Montréal: Mémoire d'encrier et Les presses de l'Université de Montréal, 2007. Disponível em: <http://classiques.uqac.ca/>. Acesso: em 10 de agosto de 2023.

HABERMAS, Jürgen. **Facticidade e validade: contribuição para uma teoria discursiva do direito e da democracia**. São Paulo: Unesp, 2020.

HUMAN RIGHT WATCH. ONG investigativa. **Haïti: L'escalade de la violence met la population en grave danger**. Disponível em: << <https://www.hrw.org/fr/news/2025/04/17/haïti-lescalade-de-violence-met-la-population-en-grave-danger>>>. Acesso em 20 de abril de 2025

LARIVIERRE, Arly. **Esprit de Noël**, 2009. Disponível em: <<https://youtu.be/7qxE2PC-MRA4?si=F4Rtli0FISIFeYSY>>. Acesso abril de 2025

LE TERRITORIAL. Jornal do Haiti. **64 territoires perdus en Haïti : la République en lambeaux face à l'emprise des gangs**. Disponível em <<https://leterritorial.com/article/64-territoires-perdus-en-haiti-la-republique-en-lambeaux-face-a-l-emprise-des-gangs/societe/656>>. Acesso maio de 2025.

LEWIS; Ampidu Clormeus. **L'église catholique face à la diversité religieuse à Port au Prince (1994- 2012)**. França : OpenEdition Journal, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/assr.26016>>. Acesso maio de 2025.

PALUDO; Augustinho. **Administração Pública**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

PARADA; E. L. **Política y políticas públicas**, in Saravia, E. & Ferrarezi, E. (org.). Políticas públicas; coletânea, 1. Brasília: ENAP, 2006.

SEITENFUS; Ricardo. **Reconstruir Haiti: Entre la esperanza y el tridente imperial**. Tradução de Maluza, Zélia. Santo Domingo: Fundación Juan Bush, 2016.

VILAS; Carlos. Maria. **El poder y la política: contrapunto entre la razón y las pasiones**. Buenos Aires: Biblos, 2013.



La fête de Noël en Haïti : Un rituel de résilience et de bien-être au service de la santé mentale

ITHAMAR JEAN ¹

Résumé: Dans un contexte marqué par des crises multiples : économiques, politiques et humanitaires, la fête de Noël en Haïti dépasse sa portée religieuse pour devenir un moment clé de résilience individuelle et collective. Cet article se propose d'analyser les impacts psychologiques, sociaux et culturels de cette célébration, envisagée comme un mécanisme de bien-être face à une adversité constante. Pour ce faire, une méthodologie qualitative a été adoptée, reposant sur des entretiens menés auprès de psychologues, sociologues et membres de la communauté. L'étude met en évidence les fonctions thérapeutiques de certaines pratiques : réunions familiales, *chante Nwèl*, repas partagés. Ces rituels favorisent la reconnexion affective, allègent les tensions psychiques et renforcent les liens sociaux. Les résultats suggèrent que Noël peut être mobilisé comme levier stratégique en santé publique, notamment à travers des initiatives communautaires de soutien psychosocial. L'analyse ouvre également des perspectives pour d'autres contextes vivant des crises similaires.

Mots-clés : Noël; rituel; résilience; santé mentale

Introduction

Haïti, souvent décrite comme un pays de contrastes, est à la fois une terre de défis et de résilience. Face à des crises politiques, économiques, sociales et humanitaires qui ne cessent de s'enchaîner, où la précarité représente le quotidien de la majeure partie de la population, les Haïtiens ont développé des mécanismes collectifs et

¹ Université d'Etat d'Haïti(UEH), Faculté des Sciences Humaines (FASCH), département de Psychologie, étudiante finissante. ithamarjean0@gmail.com.

individuels à travers les rituels festifs pour faire face à l'adversité. Ces rituels joueraient un rôle primordial dans la reconstruction et la régulation des liens collectifs. La fête de Noël, plus précisément, se distingue par son rôle unificateur et régénérateur.

Dans un contexte où l'accès aux soins de santé mentale reste limité, Noël, en tant que rituel collectif, s'impose comme un moment privilégié pour réaffirmer les valeurs de rassemblement, de réconfort, d'unité, de solidarité et d'espoir. Ce rôle dépasse largement la sphère religieuse pour s'inscrire dans une dynamique de résilience culturelle et psychosociale. Cependant, si le rôle des pratiques culturelles dans la résilience des populations a été largement abordé par des auteurs comme Durkheim², 1912 ; Desrosiers et St-Fleur³, 2020, peu sont les travaux (études) qui se sont concentrées exclusivement aux effets de Noël en tant que rituel sur la santé mentale en Haïti.

Cet article se propose de participer à combler cette lacune en examinant les pratiques et les significations associées à Noël en Haïti. Il met en évidence, comment les pratiques culturelles associées à Noël, les réunions familiales, les chants traditionnels, et les repas festifs, contribuent au renforcement de la santé mentale et de la résilience collective. À travers une approche multidisciplinaire et une méthodologie qualitative rigoureuse, l'étude interroge le rôle de cette fête dans la gestion des tensions psychosociales et met en lumière les effets psychologiques et sociaux de cette fête sur les individus et les communautés.

Contexte socioculturel de Noël en Haïti

Noël en Haïti est une célébration incarnant influences catholiques, héritages africains et traditions locales. Elle a été introduite par les colons français et a été adaptée au fur et à mesure par la population haïtienne qui a donné naissance à des coutumes uniques. Claude Moïse, écrivain Haïtien souligne que « les traditions festives en Haïti sont le reflet d'un syncrétisme culturel où se côtoient les traditions européennes et les héritages Africains » (Moïse, Claude⁴, 2009). Cette tradition a été

2 Durkheim, E. (1912). *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris : Felix Alcan.

3 Desrosiers, M., & St-Fleur, P. (2020). *Rituels sociaux et résilience en Haïti*. Port-Au-Prince : Edition Kiskeya.

4 Moïse, C. *Histoire et culture en Haïti*, 2009.

démarquée par les chants traditionnels de Noël en créole (*Chante Nwèl*), les décorations artisanales et les plats traditionnels qui apportent une marque identitaire se distinguant dans le paysage haïtien.

Rituel et résilience

Le rituel et la résilience du fait de leur usage multidisciplinaire, sont des concepts polysémiques souvent interrogés suivant des approches ou bases théoriques différentes. En ce qui concerne le rituel, parmi toutes les définitions cinq éléments sont toujours présents et ne changent pas. Cinq constantes observées par Jeffrey⁵ qui peuvent être considérées comme éléments de définition. Ce sont : 1. *La répétition d'une performance corporelle pratiquée individuellement ou collectivement.* 2. *Une référence à des représentations symboliques porteuses de significations conscientes et inconscientes.* 3) *scénarisation, une théâtralisation ou une mise en scène plus ou moins formalisée des représentations symboliques.* 4). *La régulation de charges émotives ou de violence.* 5. *Son efficacité.*

Quant à la résilience, En Sciences Humaines (psychologie, sociologie...) elle peut être considérée comme un processus dynamique qui implique l'adaptation positive dans le cadre d'une adversité significative (Le concept de résilience et ses applications cliniques, Marie Anaut⁶, 2014). D'une manière plus globale nous pouvons le voir comme la capacité que possède un individu, un groupe ou une communauté à résister et/ou s'adapter aux situations difficiles et même menaçantes de la vie et à rebondir malgré les contextes ou les situations déstabilisantes. En psychologie clinique, c'est une approche beaucoup plus restrictive. Sa définition tourne autour de trois (3) grands points : a) *ressaisissement de soi après un traumatisme.* B) *La (re) construction ou le développement normal en dépit des risques.* C) *Un rebond psychologique avec une force mobilisable dans d'autres circonstances.* (Marie Anaut, *Concept de résilience et ses applications cliniques*, 2014).

Les rituels jouent un rôle clé dans la construction et le maintien de la résilience. Qu'ils soient religieux ou sociaux, depuis longtemps les rituels sont reconnus pour leur capacité à renforcer la cohésion commu-

5 Jeffrey, D. ritualisation et régulation des émotions.

6 Anaut, M. (2014). Le concept de résilience et ses applications cliniques. Article publié dans la revue *Recherche en soins infirmières*, la résilience, septembre 2008, No 82.

nautaire et à offrir un cadre symbolique pour surmonter les difficultés (Durkheim, 1912). Plus récemment, Ungar (2011) a souligné que les rituels culturels peuvent servir de mécanismes d'adaptation dans des environnements hostiles, en offrant des opportunités de soutien collectif et d'expression émotionnelle.

Importance du rituel dans un contexte de crise

Les rituels fournissent un cadre stable et symbolique qui permet à une communauté de se réunir et de surmonter les pressions internes. En effet, les rituels ne tiennent pas à cibler directement la gestion des problèmes pratiques mais de préférence, ils offrent un espace où l'énergie collective se mobilise pour créer du lien social. Avec ses composants, ils permettent aux individus de se sentir unis face aux défis ce qui favorise l'intégration du groupe. C'est un processus symbolique qui favorise la canalisation de la violence et la frustration ou encore les tensions sociales susceptibles de fragmenter la communauté (Wulf, 2005,) ⁷.

En Haïti, où les traumatismes collectifs sont fréquents, l'insécurité, le chômage et la pauvreté pèsent lourdement sur le moral des Haïtiens. Le moment de Noël offre un espace de refuge et d'apaisement contre les aléas de la vie, un espace de répit pour oublier les défis du quotidien le temps de quelques jours. Les célébrations telles que Noël jouent un rôle thérapeutique en fournissant un espace de partage et de réaffirmation des liens sociaux (Desrosiers & St-Fleur, 2020). Il est constaté que, malgré le vague d'insécurité qui plane sur Haïti plus précisément à Port-au-Prince, les pratiques culturelles, y compris les rituels religieux, ont historiquement servi de refuge face à l'instabilité. Noël, en particulier, incarne une dynamique de pause symbolique où les individus se retrouvent autour de valeurs partagées.

Méthodologie

Ce présent article a pour objectif d'étaler à travers différents points, les dimensions thérapeutiques de Noël en Haïti. La présente recherche repose sur une approche qualitative fondée sur des entretiens semi-directifs. Huit (8) participants, âgés de 18 à 35 ans, ont été sélectionnés selon une logique d'échantillonnage raisonné afin de croiser les regards profes-

⁷ Wulf, C. (2005). Les rituels, performativité et dynamique des pratiques sociales. In " *le rituel*" (pp.127-146). Paris : CNRS Editions.

sionnels et expérientiels sur la fête de Noël en Haïti. Il s'agit notamment d'un psychologue résidant à Mirebalais, d'un anthropo-sociologue basé à Hinche, de deux étudiantes en psychologie vivant à Pétion-Ville et à Turgeau, d'une étudiante finissante en droit à Delmas, ainsi que de trois écoliers. Tous ont en commun une expérience directe ou indirecte des effets psychologiques et sociaux liés aux crises que traverse le pays. Cette diversité de profils a permis de recueillir des données riches, à la fois sur les fonctions symboliques, émotionnelles et sociales des rituels de Noël, et sur leur potentiel en matière de résilience communautaire. Les données recueillies ont été complétées par une analyse documentaire portant sur des études antérieures relatives aux pratiques culturelles et à la santé mentale en Haïti. L'analyse des entretiens a été réalisée selon la méthode de l'analyse thématique telle que décrite par Braun et Clarke (2006). Cette approche a permis de dégager les principaux thèmes traversant les discours des participants. Cette méthode a facilité une interprétation en profondeur des dimensions psychologiques, sociales et culturelles associées à la célébration de Noël en Haïti.

Il est à préciser que l'analyse ne repose pas sur la totalité des entretiens, c'est pour cela que seulement quelques petits extraits de certains entretiens ont été présentés.

Analyse, résultats et discussion

Noël comme espace de reconnexion sociale

Les entretiens ont révélé que pour de nombreuses familles haïtiennes, Noël représente une occasion unique de renouer les liens familiaux souvent fragilisés par les pressions économiques et les migrations internes. Comme l'a noté un participant :

"Noël, c'est le seul moment où tout le monde fait un effort pour être ensemble, malgré les difficultés. Cela nous rappelle qu'on n'est pas seuls."

"Durant ce moment, on cherche à entrer en contact avec des proches qui sont très loin de nous."

Un moment de retrouvaille et de solidarité

En dépit des situations difficiles, Noël reste une occasion pour les familles de se réunir. Les gens qui se sont éloignés de leur ville natale reviennent chez eux, se rassemblent entre familles, voisins et amis. C'est

une période où l'on partage le peu de ce qu'on a, ce qui resserre les liens familiaux et communautaires.

Cette reconnexion sociale agit comme un amortisseur face aux sentiments d'isolement, un facteur de risque pour la santé mentale, selon les recherches de Charles et Pierre (2015).

La symbolique des repas festifs

Selon Denis Jeffrey (2011) « Le niveau d'élaboration de la ritualisation ne dépend pas comme tel de l'activité, mais de la charge émotive engagée dans une activité. Un repas qui souligne un événement marquant pourra être plus formalisé, c'est-à-dire ritualisé avec un degré supérieur d'organisation parce qu'on s'attend à des expressions émotives plus grandes. » (*Ritualisation et régulation des émotions*, Jeffrey Denis, 2011). A cet effet, il est important de souligner que le repas de Noël ne résume pas en une simple activité du quotidien pour satisfaire un besoin primaire. Mais il faut voir le sens qui se cache derrière, les représentations et les valeurs symboliques attribuées à ce type de repas dans ce contexte précis de ritualisation.

Le partage des repas, bien que inégal selon les moyens économiques des familles, demeure un élément essentiel de Noël en Haïti. Les plats traditionnels, comme le riz collé et le ragoût de dinde, griot, « *Kremas* », gâteau véhiculent une symbolique de générosité et d'abondance, même dans un contexte de rareté. Selon Jean-Baptiste (2019), ces moments de partage renforcent les valeurs de solidarité et de soutien communautaire, réduisant ainsi le stress lié à l'insécurité alimentaire.

L'impact psychologique des festivités sur la santé mentale

Les musiques ou chants de Noël : Une catharsis émotionnelle

Dès le début du mois d'octobre jusqu'au mois de décembre les chants de Noël sont diffusés sur les ondes de la radio et télévisions à travers le pays. Ces chants vont au-delà des simples chansons festives, elles sont porteuses d'émotions profondes et jouent un rôle cathartique. Les chants, les messes de minuit ainsi que les réveillons sont non seulement un moment de recharge spirituelle mais apporte du réconfort et de l'espérance. Ces derniers ont un effet apaisant et occupent une fonction thérapeutique la dans la vie des individus.

Les chants traditionnels “*chante Nwèl*”, ces réunions communautaires où l’on chante des cantiques traditionnels, occupent une place centrale dans les pratiques de Noël en Haïti. Selon les recherches liées à la neuroscience. Les rituels festifs contribuent grandement au bien-être émotionnel dans la mesure où ils réduisent le stress en stimulant des hormones comme la dopamine et l’ocytocine. Dans notre pays, ces bienfaits se transmettent à travers la musique, la danse, les échanges chaleureux. Les participants ont décrit ces moments comme profondément libérateurs, permettant une expression collective des émotions souvent réprimées. Comme l’a souligné un psychologue interrogé :

“Ces pratiques sont un excellent moyen pour la libération des hormones du bonheur et l’expression des émotions positives. Elles favorisent la cohésion le sentiment d’appartenance, le partage et le bien-être.”

Par son effet thérapeutique, les chants traditionnels, surtout ceux liés à Noël, créent un espace de guérison collective. Paul et Joseph (2022) ont également démontré que les chants de Noël favorisent la diminution des symptômes d’anxiété en Haïti, confirmant leur rôle psycho-social.

Même ceux qui ne fêtent pas Noël ont pu ressentir la joie et la bonne humeur que cette période procure, car elle est contagieuse pour tout le monde. C’est un moment où s’échangent les sourires, où la générosité devient plus grande, où l’esprit de cette fête réchauffe les cœurs peu importe les croyances. L’une de nos participants nous raconte :

“Ma famille ne fête pas Noël, on ne décore pas la maison, ni ne prévoit de dîner de Noël. Cependant les chants de Noël ont une importance particulière pour moi parce que ça apporte de la bonne humeur et de la gaieté.”

Initiative solidaire et impact sur la communauté

Plusieurs organisations locales et institutions régionales comme l’église ont apporté leur soutien au plus démunis. Bon nombre d’associations et groupes s’arrangent pour aider ceux qui n’ont pas les moyens, en distribuant des repas et en faisant des fêtes pour les enfants, des actions caritatives afin de les supporter matériellement mais aussi psychologiquement. C’est un moyen qui leur permet de se sentir supportés, aimés et qu’ils ne sont pas seuls dans la communauté. Quant aux églises, elles contribuent grandement dans la transmission de l’espoir pendant cette période.

Les défis des rituels dans un contexte de précarité

Malgré leurs bienfaits, les célébrations de Noël en Haïti peuvent également devenir une source de stress pour les familles les plus démunies. La pression sociale pour offrir des cadeaux ou organiser des repas festifs engendre parfois un sentiment d'insuffisance. Comme l'ont noté Charles et Pierre (2015), cette dissonance entre les attentes culturelles et les moyens réels peut aggraver les sentiments de désespoir. Selon le psychologue interrogé :

“ La Noël est un moment de partage, de joie et d'amour. Mais, en raison de la crise profonde et multidimensionnelle que traverse le pays, la fête de Noël a perdu de son sens et son éclat. Pendant la période, certains essaient tant bien que mal de sourire et de se rappeler de l'esprit de Noël, en revanche, la plupart des Haïtiens vivent dans le chagrin, la tristesse et la peur. Ils pensent à ce qu'ils ont perdu, des êtres chers et des biens. Ils ressassent le souvenir de ce qu'était Noël avant. Ils ont peur durant cette période de la remontée de la criminalité et de l'attaque des bandits qui continuent à appauvrir les familles haïtiennes.”

Comme le souligne Jeffrey (2011), de même que les rituels peuvent réduire les émotions comme la peur, la panique, l'angoisse, la souffrance, ils peuvent à contrario induire une décharge émotionnelle forte et même violente selon les besoins et les circonstances.

Implications pour la santé publique en Haïti

L'impact positif de Noël sur la santé mentale souligne l'importance d'intégrer ces traditions dans les initiatives locales en santé publique. Des programmes communautaires pourraient être développés pour :

- Renforcer l'accès aux activités collectives, telles que les chants traditionnels « Chante Nwèl », afin de maximiser leur portée.
- Alléger la pression financière liée aux célébrations en promouvant des pratiques simples et accessibles.
- Sensibiliser les familles à l'importance de ces rituels pour le bien-être émotionnel, même en période de crise.

Conclusion

En somme, les entretiens menés auprès de huit (8) participants ont mis en lumière l'importance des rituels de Noël comme leviers de soutien psychosocial. Leurs vécus, marqués par les effets de l'instabilité nationale, illustrent comment ces pratiques traditionnelles contribuent à maintenir un sentiment d'ancrage, de lien social et d'espoir. La fête de Noël en Haïti est bien plus qu'un simple événement religieux. Elle constitue un mécanisme essentiel de résilience, un rituel permettant aux individus et aux communautés de gérer les défis psychologiques et sociaux liés à un environnement instable, de se reconnecter à la joie, de retrouver un sentiment d'appartenance et de préserver leur santé mentale face à l'adversité. Ce moment de partage et d'espérance montre que même dans les moments les plus difficiles, les contextes les plus sombres, les rituels culturels comme Noël peuvent être un levier de bien-être et de résistance. C'est une leçon de vie, une démonstration de la capacité de résilience de la population haïtienne à célébrer la lumière et l'espoir, même au cœur de la tempête. De ce fait, il est dans le devoir de tous de préserver les valeurs des rituels culturels, précisément celui de Noël qui tente de disparaître aujourd'hui. En valorisant ces pratiques et en les intégrant dans des stratégies de santé publique, Haïti pourrait exploiter pleinement le potentiel thérapeutique de ses traditions culturelles, offrant ainsi une voie vers un mieux-être collectif.

Bibliographie

ANAUT, M. Le concept de résilience et ses applications cliniques. **Recherche en soins infirmiers**, n. 82, sept. 2008. (Réédité en 2014).

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, Abingdon, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.

CHARLES, L. ; PIERRE, M. Les célébrations festives dans un contexte de pauvreté : pressions économiques et bien-être en Haïti. **Revue Caribéenne de Sociologie**, v. 10, n. 2, p. 54-67, 2015.

DESROSIERS, M. ; ST-FLEUR, P. **Rituels sociaux et résilience en Haïti**. Port-au-Prince : Éditions Kiskeya, 2020.

DURKHEIM, É. **Les formes élémentaires de la vie religieuse**. Paris : Félix Alcan, 1912.

JEAN-BAPTISTE, N. La décoration de Noël : une thérapie non conventionnelle. **Journal Haïtien de Psychologie**, v. 8, n. 2, p. 14-29, 2019.

MOÏSE, C. **Histoire et culture en Haïti**. [S.l. : s.n.], 2009.

PAUL, E. ; JOSEPH, T. La musique et le bien-être émotionnel en Haïti. **Études Caribéennes**, v. 18, n. 4, p. 78-92, 2022.

WULF, C. **Rituels, performativité et dynamique des pratiques sociales**. [S.l. : s.n.], 2005.



Les couleurs de Noël en Haïti: un langage universel, un outil puissant de renforcement des liens sociaux

RONISE DUPUY¹

Résumé: En Haïti, les couleurs de Noël: rouge, vert et blanc transcendent leur fonction décorative pour constituer un véritable langage universel de cohésion sociale. Cet article examine comment ces couleurs, porteuses de significations symboliques multiples, fonctionnent comme un outil puissant de renforcement des liens communautaires. À travers le syncrétisme religieux caractéristique de la société haïtienne et l'expression artistique naïve incarnée par des maîtres comme Robert Saint-Brice, André Pierre, Lafortune Félix, Joseph Jasmin, Gérard Fortuné, Philomé Obin et Pierre Augustin, ces couleurs créent un système de communication visuelle qui unit les communautés au-delà des clivages sociaux et religieux. L'analyse révèle comment ce langage chromatique, ancré dans les croyances voodoo et l'art populaire, participe activement à la construction de l'identité collective haïtienne et au maintien de la cohésion sociale.

Mots clés: Noël; couleur; culture; art naïf; Syncrétisme religieux

¹ Etablissement: Campus Henry Christophe de Limonade, Université d'Etat d'Haïti. Email: Dupuyronise99@gmail.com



Figure 1- <https://fr.123rf.com/free-images/?r=d>

Introduction

La couleur c'est la vie, un monde sans couleur nous paraît mort. » - Johannes Itten

« La couleur, c'est l'émotion. » - Karen Hallera

Fermons les yeux un instant et imaginons une célébration de Noël dépourvue de ses couleurs emblématiques : le rouge, le vert et le blanc. Serait-il encore possible de ressentir pleinement l'esprit de Noël ? Pourrions-nous toujours l'identifier comme tel sans ces nuances symboliques ? Ces questionnements révèlent l'importance fondamentale des couleurs dans notre perception et notre attachement à cette fête, particulièrement dans le contexte haïtien où elles acquièrent une dimension supplémentaire à travers le prisme du syncrétisme religieux.

En Haïti, les couleurs de Noël ne se limitent pas à leur fonction décorative universelle. Elles s'inscrivent dans un système symbolique complexe qui entremêle traditions chrétiennes et héritages africains, créant ainsi un langage visuel unique qui participe activement au renforcement des liens communautaires. Cette recherche se propose d'analyser comment les couleurs de Noël participent-elles au renforcement de la

cohésion sociale dans la société haïtienne, à travers leur intégration dans les pratiques religieuses syncrétiques et l'expression artistique naïve.

Cadre théorique

L'approche psychologique et symbolique des couleurs

Notre analyse s'appuie sur les travaux fondamentaux de Karen Haller concernant l'impact psychologique des couleurs. Haller démontre que bien que certaines couleurs de Noël puissent sembler universelles, leur symbolique varie considérablement selon les cultures et les traditions. Elle souligne que la couleur, à l'instar de la musique, est omniprésente dans nos sociétés : nous vivons et respirons en couleur. Les couleurs renforcent les traditions et les rituels, tout en étant intimement liées aux grandes sphères de la vie que sont la politique, la religion et l'histoire.

Cette perspective trouve son prolongement théorique dans l'approche de l'historien Michel Pastoureau, qui considère que les couleurs, avant même d'être des phénomènes lumineux ou des matières, avant d'être des sensations ou des perceptions, constituent avant tout des catégories mentales. Ces dernières s'apparentent à des structures cognitives préconçues, prêtes à être activées, remplies, mises en œuvre, pensées, nommées, classées, sémantisées et organisées (Pastoureau, 2017).

La couleur participe donc aux récits que nous construisons sur notre identité, nos croyances et notre place dans le monde, portant systématiquement un message destiné à notre inconscient ou semi-conscient.

Le syncrétisme religieux haïtien

Le syncrétisme religieux haïtien, analysé notamment par Laënnec Hurbon et Michel Laguerre, constitue un processus d'hybridation culturelle où les éléments chrétiens et africains se mélangent pour créer un système symbolique unique. Cette approche théorique permet de comprendre comment les couleurs de Noël s'intègrent dans ce système syncrétique, dépassant la seule dimension chrétienne pour incorporer des significations issues des traditions vodou et des cosmogonies africaines.

Ces conceptualisations théoriques nous permettent de comprendre comment les couleurs participent à la construction et au maintien des identités collectives, dépassant la seule approche du phénomène physique pour appréhender leur dimension sociale et culturelle. Dans le

contexte haïtien, cette dimension prend une importance particulière, les couleurs deviennent des vecteurs de résistance culturelle et d'affirmation identitaire.

La symbolique universelle et culturelle des couleurs de Noël

Tout comme les autres couleurs, les couleurs de Noël ont chacune une signification propre, derrière chacune se cache une émotion, un sentiment, chacune transmet un message dans l'esprit de Noël. Un message d'unité et d'amour, un message de partage et de joie.

Rouge

Le rouge nous affecte physiquement et socialement. Il a la plus grande longueur d'onde et donne l'impression d'être plus près qu'il ne l'est en réalité, créant ainsi un sentiment de proximité émotionnelle entre les individus. Le rouge est la couleur de l'énergie, du dynamisme et de l'activité collective. Dans l'esprit de Noël haïtien, le rouge vif constitue une marque de puissance communautaire qui évoque la chaleur humaine, le désir de partage et les passions collectives. Cette couleur décrit l'amour dans ses deux dimensions : le divin et l'humain, créant un langage émotionnel partagé qui unit la communauté dans une même ferveur festive.

Vert

Le vert se situe au centre du spectre de la couleur et l'œil le perçoit sans effort, créant naturellement un sentiment de confort collectif. Le vert nous rassure socialement. Cette couleur froide évoque instinctivement la vie, la nourriture, l'eau des éléments essentiels à la survie collective. Elle symbolise l'équilibre, l'harmonie et la stabilité communautaire. Dans le contexte haïtien, le vert de Noël représente l'espoir collectif et la renaissance, créant un langage d'unité qui rassure et apaise les tensions sociales.

Blanc

« Le blanc, sur notre âme, agit comme le silence absolu ; ce silence n'est pas la mort, il regorge de possibilités vivantes » (Kandinsky). Le blanc représente la perfection collective et l'innocence partagée. Il procure un sentiment de paix communautaire, de tranquillité sociale, de simplicité et de clarté dans les relations humaines. Le blanc peut éclair-

cir les conflits et procurer une sécurité émotionnelle collective, agissant comme un nettoyage social et psychologique de la communauté.

Les couleurs de Noël dans le panthéon vodou haïtien

Dans la culture haïtienne, les trois couleurs emblématiques de Noël – le rouge, le vert et le blanc sont omniprésentes et revêtent une signification particulière. Elles ne se limitent pas aux décorations festives, mais se retrouvent également dans les arts, notamment la peinture, ainsi que dans les cultes vaudous.

Il est fascinant de constater que chaque couleur de Noël porte une signification symbolique et qu'elle est associée à un lwa (esprit ou divinité du panthéon vaudou). Depuis des générations, les peintres haïtiens intègrent ces teintes dans leurs œuvres pour représenter ces esprits et leur rendre hommage, perpétuant ainsi un dialogue artistique entre spiritualité et culture.

Dans le vaudou haïtien, on classe les lwa en deux grandes catégories (Rada et Pedro) et chacune de ces catégories a une couleur correspondante; la couleur blanche est associée aux esprits du rite Rada, perçus comme bienveillants, observateurs et guides spirituels. À l'inverse, la couleur rouge représente les esprits du rite Péto, connus pour leur nature fougueuse et leur puissance, intervenant activement dans les conflits humains.

Le Rouge

Ogou, Erzulie Dantor préfère le Rouge ou le Bleu royal,

Blanc

Maîtresse La Sirène (Notre Dame de l'assomption), Aizan, Grann (Grand-mère) Brigitte (Sainte- Brigitte), épouse de Baron Samedi

Le blanc associé à d'autres couleurs; le blanc et le vert (Danballah) blanc et noir (Legba), noir, blanc, violet (Guédé)

Le vert

Badè (vert pois) ; Lenglensou, le vert pois ou le jaune foncé

Les trois couleurs (le blanc, vert et rouge)

Ogou Saint-Jean, le blanc, vert ou rouge

Cette codification chromatique crée un langage spirituel accessible qui permet à tous les membres de la communauté, qu'ils soient lettrés ou non, de participer pleinement aux rituels et de renforcer leurs liens sociaux à travers une compréhension partagée des symboles.

L'expression artistique des couleurs sacrées

Les peintres naïfs comptent parmi les pionniers de la peinture haïtienne. À partir de 1944, ils ont émergé comme un groupe d'artistes autodidactes pratiquant une peinture de rue d'une richesse exceptionnelle. Leur talent brut et authentique a convaincu DeWitt Peters qu'au-delà des techniques académiques, il existait, dans les rues d'Haïti, des artistes au potentiel remarquable. C'est dans ce contexte que plusieurs d'entre eux ont été accueillis à l'école d'art du Centre d'Art de Port-au-Prince.

Parmi ces figures emblématiques, on distingue Hector Hyppolite, Rigaud Benoît, Castera Bazile, Wilson Bigaud, Robert Saint-Brice, André Pierre, Lafortune Félix, Joseph Jasmin et Gérard Fortuné. Leur notoriété grandiose a marqué le début du mouvement des « naïfs haïtiens ».

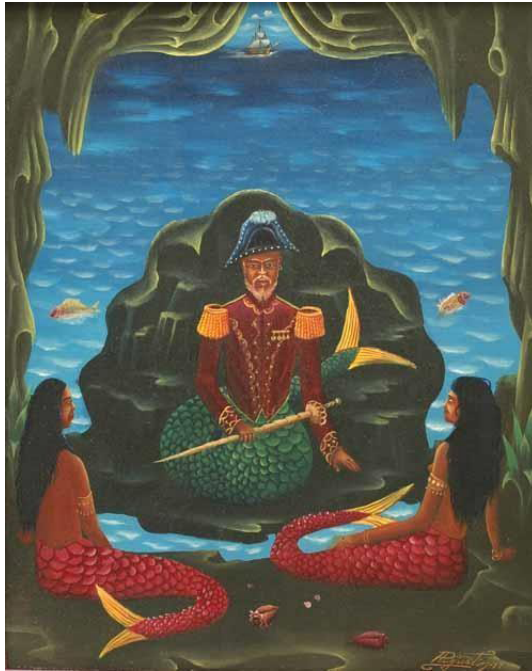


FIGURE 2: Ogou et sa cour par Pierre Augustin

Le terme « naïf » désigne un style pictural figuratif où dominent les couleurs vives appliquées en aplats et des scènes inspirées du quotidien : marchés animés, fêtes populaires, scènes rurales ou encore combats d'animaux. Ce style, qui incarne avec force les traditions et coutumes haïtiennes, exalte la couleur comme un élément central de la composition.

Selon Carlo A. Célius, l'art haïtien qualifié de « naïf » s'ancre profondément dans les traditions locales et les croyances vodou pour représenter la société haïtienne. Cette perspective théorique éclaire l'usage des couleurs dans la production artistique haïtienne comme moyen d'expression de l'identité collective.

Les peintres naïfs intègrent fréquemment des teintes éclatantes, notamment celles associées aux célébrations et aux rites communautaires; la célébration de Noël. Les couleurs de Noël, comme le vert, le rouge et le blanc, revêtent une signification symbolique : elles évoquent tantôt la nature, tantôt les esprits ou encore des éléments de la culture vaudou. Toutefois, contrairement aux artistes du mouvement Saint-Soleil, les peintres naïfs ne font pas de la spiritualité leur sujet principal, privilégiant plutôt une représentation sincère et vivante de la société haïtienne.



Figure 3- huile sur carton de l'artiste André PIERRE, 24»36». <https://www.naderhaitianart.com>

Le rôle de ces couleurs dans le renforcement des liens communautaires.

La couleur n'est pas qu'une question de perception visuelle, de souvenirs personnels et de symbolique. Elle a aussi un puissant impact psychologique; elle a la capacité d'influencer profondément nos sentiments, nos pensées et notre comportement. Et c'est vrai dans le monde entier. Quelles que soient les significations culturelles ou personnelles que nous donnons à la couleur, quand il est question de notre vie intérieure, son impact est universel.

Quand la lumière frappe l'œil, elle se transforme en impulsions électriques, et ces impulsions électriques traversent la partie de notre cerveau qui traite nos émotions. Les chercheurs nous ont montré que chaque couleur, chaque teinte, chaque ton et chaque nuance de couleur ont des effets psychologiques précis. Pendant la période de Noël en Haïti, l'omniprésence des couleurs (Rouge, vert, Blanc) témoigne de l'importance et de la grandeur de cette célébration dans le pays.

Mécanismes de renforcement social

Ces couleurs fonctionnent comme des catalyseurs sociaux qui :

- Créent une reconnaissance immédiate et partagée de l'esprit festif
- Génèrent des émotions collectives positives qui rapprochent les individus
- Établissent un terrain commun de compréhension au-delà des différences sociales
- Facilitent l'inclusion des membres de la communauté dans la célébration collective
- Renforcent le sentiment d'appartenance à travers des références visuelles communes

Malgré l'ancienneté de cette tradition et l'habitude ancrée dans la culture haïtienne, la magie sociale de ces couleurs demeure intacte. Elles continuent de créer des ponts entre les générations, éveillant un sentiment de proximité non seulement avec nos proches mais aussi avec des étrangers qui partagent la même compréhension de ce langage chroma-

tique. Grâce à leur impact visuel et émotionnel universel, elles renforcent notre sentiment d'unité et d'harmonie communautaire, transformant une simple période festive en moment de cohésion sociale intense.

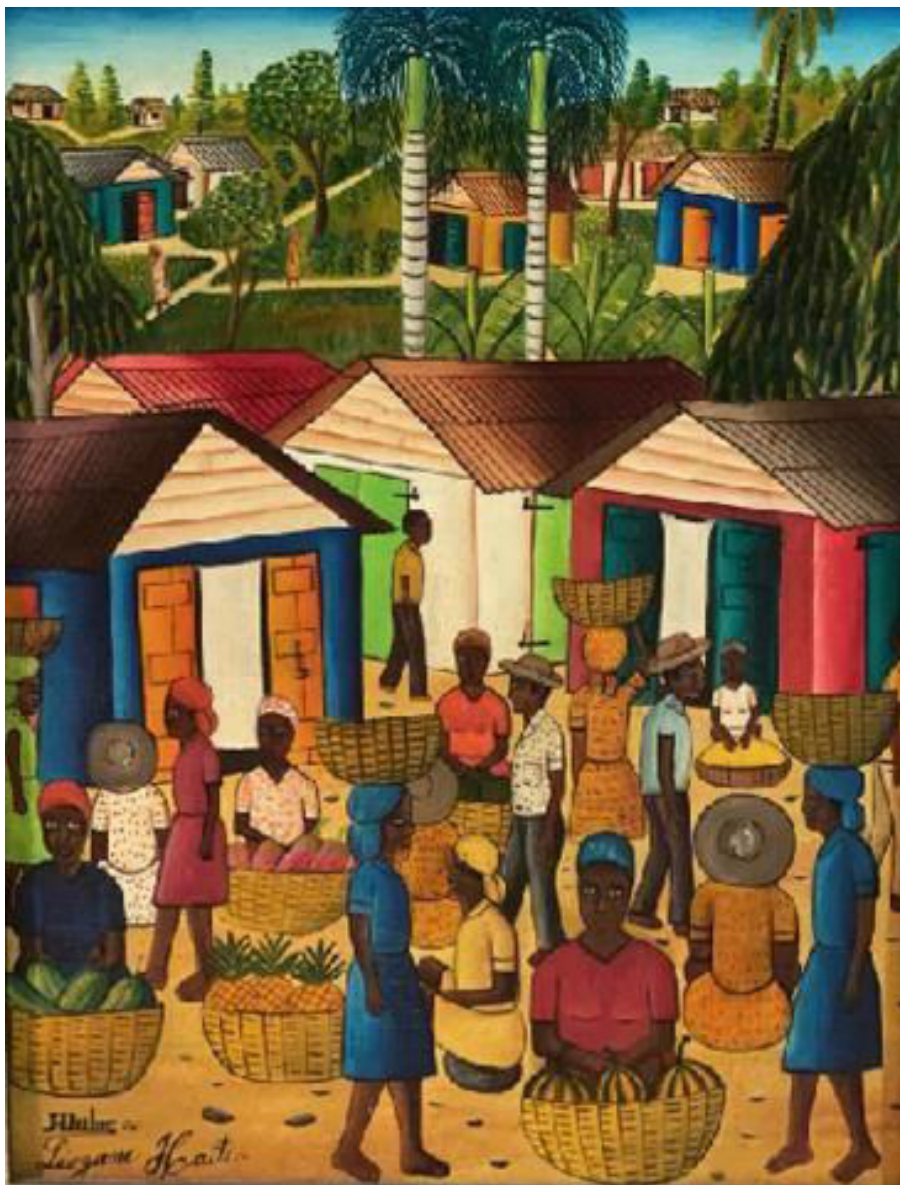


Figure 4 - Huile sur toile, village, Jean Dubuc, 16X12, Gallery Nader

Conclusion

Les couleurs de Noël en Haïti constituent bien plus qu'une tradition esthétique : elles forment un langage universel sophistiqué et un outil puissant de renforcement des liens sociaux. Le rouge, le vert et le blanc fonctionnent comme la quintessence communicationnelle de cette fête, créant un système de signes immédiatement compréhensible par tous les membres de la société haïtienne, quelles que soient leurs origines sociales, leur niveau d'éducation ou leurs convictions religieuses.

En Haïti, ces couleurs dépassent leurs effets psychologiques individuels pour créer des effets sociaux collectifs remarquables. Elles renforcent les liens communautaires grâce à leurs connotations religieuses syncrétiques et leur importance dans la culture populaire. Ces couleurs réussissent à faire ressentir l'esprit de Noël collectif au-delà de la fête elle-même : elles réchauffent les cœurs de manière simultanée, stimulent l'esprit de partage communautaire et transmettent des messages universels de paix, de joie et d'amour qui créent une communion sociale intense.

L'exploration de la place qu'occupent ces couleurs au sein de la société haïtienne révèle leur utilisation constante comme outil de communication et de cohésion. Durant Noël et même au-delà de cette période, chrétiens et vodouisants, artistes et citoyens ordinaires, jeunes et anciens partagent ce langage chromatique commun. Les couleurs de Noël constituent ainsi un patrimoine social immatériel qui unit la nation haïtienne dans une compréhension partagée, démontrant le pouvoir extraordinaire de la couleur comme créatrice de liens humains durables.

Cet article confirme que dans le contexte haïtien, les couleurs de Noël transcendent leur simple fonction décorative pour devenir un véritable ciment social, un langage universel qui parle à tous et un outil puissant de renforcement des liens communautaires qui perdure bien au-delà de la période festive.

BIBLIOGRAPHIE

Encyclopédie des symboles. Le livre de poche. p.83

Johannes Itten. Art de la couleur. Édition Abrégée. Allemagne: 2004 Karen haller. Le pouvoir des couleurs. Éditions First. Paris: 2019

Michel Pastoureau; Dominique Simonnet. Le petit livre des couleurs. Éditions du Panama, paris: 2005

Michel Pastoureau. Une couleur ne vient jamais seul. Éditions du Seuil, Paris: Maurice Olender, octobre 2017

Alexis Corre, Peinture haïtienne, ne étude anthropologique en Haïti, 2020/2021, Projet de Master en Architecture, Ecole Polytechnique Fédérale de Lausanne

Théo Gimbels. Le pouvoir de la couleur. Éditions sand. Paris: 1987

Sandra et Olivier Stettler. Respirez pour mieux vivre. Éditions Jouvence. Genève: 2003

Légendes des figures et des tableaux

FIGURE 1 - <https://fr.123rf.com/free-images/?r=d>

FIGURE 2 - <https://www.potomitan.info/kauss/symbolisme.php>

FIGURE 3 - publié par la collection d'art Georges S. Nader à New York, l'huile sur carton de l'artiste André PIERRE, 24»36». <https://www.naderhaitianart.com>

FIGURE 4 - <https://www.naderhaitianart.com/fr/blogs/news/unique-gifts-under-500>

<https://www.haitiinter.com/wilson-bigaud-un-geant-de-lart-naif/>



De la diosa madre a la navidad: la influencia de las deidades femeninas en la mitología solar y la celebración de la natividad

MARYELING PÉREZ YACOTT¹

Resumen: Las antiguas deidades femeninas han estado vinculadas a la fertilidad y, en algunos casos, al solsticio de invierno. Figuras como Isis en Egipto y Amaterasu en Japón simbolizaban la luz y el renacimiento cíclico del sol, reflejando la conexión entre maternidad, fertilidad y renovación (Kawano, 2005; Frazer, 1922). Este estudio explora cómo el sincretismo religioso incorporó elementos de la Diosa Madre en el cristianismo, particularmente en la figura de la Virgen María. Asimismo, analiza la influencia del culto al Sol en la elección del 25 de diciembre como celebración de la Navidad. De esta manera, la festividad cristiana mantiene un trasfondo de fertilidad y esperanza, resonando con antiguas figuras femeninas de la mitología (Miles, 2005).

Palabras clave: Madre Tierra; sincretismo; solsticio; fertilidad; Navidad

Introducción

El comportamiento de los astros en las culturas humanas siempre ha tenido una importancia fundamental. Desde la antigüedad, el hombre se ha cuestionado sobre el funcionamiento de la naturaleza y la influencia que esta ejerce en su existencia. Los fenómenos naturales, y en especial aquellos que obedecen a las leyes del cielo, han sido

¹ Profesora en Artes y Magíster en Artes Plásticas, egresada de la Universidad Pedagógica Experimental Libertador - Instituto Pedagógico de Caracas, Venezuela. Estudiante del Doctorado en estudios romanísticos de la Facultad de Filología en la Universidad de Heidelberg, Alemania. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8887-8659>. E-mail: cultivo.academico@gmail.com

de gran relevancia a lo largo de nuestro desarrollo evolutivo. En torno a ellos se han tejido una serie de rituales y celebraciones con connotaciones simbólicas y religiosas, creados para explicar acontecimientos que en su momento carecían de una explicación racional.

Desde tiempos remotos, se han propagado numerosos mitos y cultos en veneración a la Luna, las estrellas, los eclipses, las alineaciones planetarias y los solsticios. Estos últimos gozaron de gran popularidad en casi todas las civilizaciones antiguas, siendo asociados a relatos mitológicos que describían eventos vinculados con alguna divinidad importante.

Una de las celebraciones más interesantes gira en torno al solsticio de invierno. El Sol, como astro rey, representa en los arquetipos colectivos el poder fertilizador de la vida y, por ende, el aspecto masculino y luminoso de la divinidad. Tanto en las culturas de África central como en Asia y América, las celebraciones y rituales en torno a él están ligadas a alguna deidad representativa que, generalmente, se convierte en la figura central de la mitología de su pueblo.

De esta manera, podemos encontrar tanto al dios solar Horus en Egipto como a Huitzilopochtli (“colibrí zurdo”) en la mitología azteca. Ambos comparten una característica particular: su nacimiento ocurre durante el solsticio de invierno, de acuerdo con su respectiva ubicación geográfica. Esto sugiere que la veneración al Sol ha sido una constante en las sociedades humanas desde tiempos inmemoriales.

Sin embargo, estas divinidades solares suelen estar estrechamente vinculadas con alguna deidad femenina cuya influencia es trascendental. En algunas culturas, la divinidad solar es femenina; en otras, ha sido reemplazada por un dios masculino debido a cambios en las dinámicas de poder social. En un tercer caso, la figura femenina adopta el rol de madre creadora, portadora de la luz, que la ofrece al mundo a través de un hijo solar.

En los siguientes apartados, exploraremos con mayor profundidad estas figuras femeninas, su importancia en el tejido místico-espiritual que rodea al Sol desde la antigüedad y la influencia que dicha tradición ha tenido en la celebración actual de la Navidad, introducida en Occidente por la religión judeocristiana.

Deidades Femeninas y el Solsticio de Invierno, Simbolismo y Ritos

El solsticio de invierno significa mucho más que un fenómeno de la naturaleza. En las culturas humanas el solsticio de invierno es desde la antigüedad motivo de celebración y culto espiritual ya que representa el avance de la luz sobre la sombra. Desde este punto, es lógico pensar que la relación con este fenómeno haya tenido representaciones de la divinidad de ambos géneros tanto masculinas como femeninas. Sin embargo, la dualidad arquetípica que existe en las estructuras mentales humanas, tiene que ver con la asociación del principio masculino hacia el Sol y la asociación del principio femenino hacia la luna, lo que implica que el solsticio de invierno haya sido concebido como una representación alegórica del triunfo de la luz (o del sol) sobre la sombra (en este caso la luna) es decir, lo masculino sobre lo femenino.

Esta percepción de la naturaleza bajo una concepción dual, desemboca en la dinámica entre lo femenino y masculino como generadores de la vida. Dicho aspecto cobra gran importancia para poder entender los ciclos de regeneración de la tierra, los procesos normales de la producción de la cosecha y por supuesto las fases naturales de la luna que influyen en la producción del alimento.

Por ello, si bien el proceso de la construcción de la vida depende de lo femenino y lo masculino, el resultado desemboca en el nacimiento, que simbólicamente va a estar representado por una deidad asociada con los ciclos de regeneración y muerte, que tiene que ver con los solsticios del año.

Esta es la razón por la que las deidades asociadas con el sol generalmente tienen marcado su nacimiento con el inicio del solsticio de invierno y en gran medida están asociados a algún tipo de muerte (a veces traumática) que marca la dinámica de la vida y la muerte, es decir la generación-degeneración-regeneración. Está triada expresada básicamente en los dioses solares, implica los procesos por los que pasa la naturaleza para la producción de la cosecha y bajo los cuales los hombres creían o entendían que el Sol nacía, moría y revivía a través del tiempo en una constante cíclica, que permitía la consecución del proceso de la siembra, crecimiento y cosecha de los alimentos.

Esta dinámica de culto al Sol, como entidad masculina data de la época neolítica, donde aparece la revolución agrícola como medio de sustento de las colonias humanas. Su generación coincide con el inicio de las sociedades patriarcales y es posiblemente la razón por la que se haya asociado con el poder. Sin embargo, una excepción a esta regla la encontramos en Asia, en una cultura muy particular, la nipona, donde la representación del Sol es esencia femenina y acoge en su historia todo el poder de la vida a partir de la luz.

Amaterasu, la luz en el orden cósmico

En la tierra del sol naciente (Japón) es absolutamente lógico pensar que exista una deidad de grado mayor que represente a este Astro. Y en efecto así es, con la particularidad de que es femenina, una Diosa solar que custodia el regreso de la luz cada 21 de diciembre, fecha donde se gesta la noche más corta del año y trae consigo un nuevo amanecer de luz entre los días 23 y 24 del mismo.

La leyenda de Amaterasu nos cuenta el poder de lo femenino y su importancia en los ciclos de regeneración y vida, fundamentales para llevar a cabo la sostenibilidad humana. Según Cartwright (2012):

"Amaterasu Omikami ("la gran divinidad que ilumina el cielo") es la diosa del sol, la deidad más importante de la religión Shinto. Amaterasu es la soberana del Takama no Hara (el Alto Plano Celestial), el dominio de los kami o espíritus. El santuario shinto más importante de Japón, el Gran Santuario Ise de Jingu, está dedicado a Amaterasu." (Cartwright, 2012, p.s/n)

La leyenda nos cuenta, que Amaterasu se ocultó en una cueva producto del agravio de su hermano, simbolizando el camino que recorre el Sol en su viaje a la oscuridad que inicia en el solsticio de verano, generalmente en los países del norte del globo. Si bien este recorrido toma varios meses llega a su expresion mas marcada de oscuridad, durante finales del mes de noviembre y diciembre, tiempo en que los días llegan a tener una duración entre 4 y 6 horas en los países mas al norte, alcanzando su punto máximo de oscuridad el día 21 del mismo mes, dependiendo de la ubicación de cada región.

En este contexto el mito de Amaterasu en Japón, se teje en medio de una asociación astro-religiosa *divinidad-sol* haciendo énfasis en la reclusión voluntaria del Astro en la oscuridad durante estas fechas. En todos

los pueblos de influencia polar, estas temporadas de oscuridad remiten al recogimiento espiritual, la reflexión y la introspección.

Amaterasu es una muestra de ello, oculta en su cueva simbólica no conoce su propia belleza, siendo asimismo incapaz de entender su propia importancia en el equilibrio de la vida. Su introspección es interpretada como una catástrofe potencial, pues de su luz depende la vida por venir.

Iconografía de Amaterasu como madre del imperio japonés

Si bien, la diosa no cuenta con muchos registros iconográficos antiguos, la encontramos en multiplicidad de representaciones actuales, que afirman su importancia cultural.

Amaterasu, no solo constituye una Diosa solar, sino que al mismo tiempo refuerza su poder al ser relacionada con la descendencia real nipona, lo que le convierte en una *Diosa madre*.

En la imagen 1 la podemos observar Apostada en lo alto, emergiendo de las montañas. Su cabeza irradia una corona dorada de rayos solares que la afirman como deidad solar suprema, lo que enfatiza su función de restauradora de la armonía. Asimismo, se puede apreciar su carácter protector en custodia de sus hijos, que según narran la leyenda se convirtieron en los emperadores de Japón, y de cuya descendencia fue toda la casta real emergiendo.

Su asociación con la casa imperial refuerza su papel como símbolo del orden cósmico. En sus manos resguarda con celo los regalos dados a la nación para su grandeza. Hoy día se dice que la representación del círculo naranja solar en la bandera del país, es una forma simbólica de venerar esta deidad de la que descienden los líderes que la gobiernan.

Esto deja muy claro el papel de la divinidad femenina durante generaciones. Desde las mitologías antiguas emergen a través de sus historias significados profundos con respecto al delicado balance natural del cual dependemos como humanidad, exponen nuestra vulnerabilidad y con esto la necesidad de protección que generalmente se clama a la deidad. En la cultura Japonesa el equilibrio y la protección de la vida se encuentra como se encontró durante la antigüedad paleolítica en el principio femenino, manteniéndose hasta hoy.



FIGURA 1- Amaterasu. Ilustración por Timoty Takemato, publicada en 2012.
Fuente: <https://www.worldhistory.org/trans/es/1-11635/amaterasu/>

Isis, La Madre Universal y el Renacimiento Solar

La figura de Isis, diosa madre egipcia, es uno de los ejemplos más representativos de la asociación de deidades femeninas con el solsticio de invierno y la regeneración de la vida. Isis no solo encarna la fertilidad, sino también la luz cósmica que renace, a través de su hijo Horus cada día. En la mitología egipcia, Horus, el dios solar, es considerado la figura protectora y revitalizadora del mundo, siendo su madre el símbolo femenino de mayor poder en el culto egipcio. Según Monika Soni 2023:

“Isis is not just a deity but also a symbol of divine feminine power, magic, and wisdom. She was known as the mother of Horus, the falcon-headed God associated with kingship and protection. As the Great Mother

Goddess, she was revered for her nurturing and protective qualities. Worshiped by both royalty and commoners alike, the Egyptian Goddess Isis held a special place in the hearts of the Egyptians.” (Soni 2023. p s/n)

La figura maternal y divina de Isis la proyecta como la protectora de la vida, no solo de la humanidad, sino también del cosmos mismo. Este simbolismo se refleja en las prácticas religiosas de la antigua Egipto, donde se realizaban ritos en honor al solsticio de invierno, esperando el renacer de la luz con la intervención divina de Isis (Griffiths, 1970).

Durante el solsticio de invierno, se realizaban ceremonias en honor a Horus, en las que se exhibía una imagen suya como un niño recién nacido, acostado en un pesebre, con cabello dorado, un dedo en la boca y un disco solar sobre su cabeza. Esta representación simbolizaba su nacimiento y el renacer del sol, marcando el fin de los días más cortos y el inicio del alargamiento de las jornadas, lo que traía esperanza y renovación. (Hammer, 2015. Pa s/n).

Isis, la madre de Horus, era venerada como la “*Reina Virgen del Cielo*”. Se creía que había concebido a Horus en marzo y lo daba a luz en diciembre, reflejando los ciclos solares y agrícolas. Esta narrativa tenía un profundo significado dentro de la religión egipcia, ya que Horus representaba la luz y el orden en contraste con las fuerzas del caos. (Rodríguez, 2013. P. s/n)

Además Isis es también una diosa asociada a la fertilidad de la tierra, un símbolo de la renovación y regeneración cíclica. A lo largo de los siglos, su culto se extendió más allá de Egipto, siendo venerada en diversas culturas del Mediterráneo y el Medio Oriente, lo que permitió la integración de sus símbolos en otras religiones y rituales, incluida la festividad cristiana de la Navidad. Como una figura maternal y protectora, Isis representa el poder divino que da vida, siendo un arquetipo central para las deidades femeninas asociadas con la luz y la fertilidad en el solsticio.

La iconografía de la madre divina

Siendo Isis poseedora de una variedad de una gran variedad de atributos su alcance pasa por ser madre cósmica; Diosa de la magia, la sabiduría, la curación y como es de esperar la fertilidad. Entre sus responsabilidades más importantes estaba mediar entre Dioses y humanos siendo un puente entre lo divino y lo mortal. Ello contribuyó a ser una

de las figuras más representadas iconográficamente en la cultura egipcia, dejando influencia en otros pueblos como los griegos, romanos y hebreos. (Soni,2023)

En la imagen 2, a continuación la observamos en su faceta de madre, amamantando. Lo curioso de esta imagen es como el personaje divino cambia según la interpretación cultural.



FIGURA 2- Isis amamantando a Horus. (izquierda) Templo de Philae. Isis Lactans,(centro) encontrada en Pompeya, circa Siglo I d.C . Isis Lactans, (derecha) siglo IV. Egipto, probablemente una de las últimas representaciones de Isis y Horus. Fuente: <https://www.findingdulcinea.com/egyptian-goddess-isis/>

La imagen del templo de Philae, tradicional egipcia, nos presenta una Isis con los atributos propios de su cultura de origen: el tocado en relieve, la corona de buitre, la posición hierática (extremo izquierdo). La segunda imagen corresponde a la Isis Lactante, encontrada en Pompeya, probablemente del siglo I d.C, destacando la importancia de su culto durante el imperio romano, con la representación propia de estilo romano. Hasta llegar a la Isis Lactantus del siglo IV d.C, con marcados atributos del estilo precristiano propio de la época (extremo derecho). Esta iconografía la vamos a percibir de forma muy parecida en las posteriores imágenes de María y el niño en sus acepciones más antiguas.

Esta secuencia de imágenes es interesante porque plantea la evolución de la imagen y su sincretización a medida que se transculturiza.

observamos como en su versión de madre, *el ankh* o llave de la vida no está visible, siendo de mayor importancia el *tocado de relieve* y la *corona de buitres*, muy marcada en la representación más antigua, la cual se va volviendo más tímida hasta desaparecer. El indicio que conserva es el uso del *trono* que la relaciona con el poder y la autoridad que la convirtió en la Reina de los Dioses y los cielos.

El estudio de Isis, permite asociar claramente los elementos estereotípicos que sobrevivieron en torno a la divinidad femenina en occidente, siendo asociables con las imágenes más modernas de la religión cristiana. Una impresionante secuela de coincidencias entre Isis y su Hijo Horus con María y su hijo Jesús, deja sobreentendido la cercanía de ambos mitos en la cultura occidental moderna.

El Sincretismo Religioso y la Virgen María

Debido a la expansión del cristianismo, muchas festividades paganas fueron reinterpretadas dentro de la nueva religión. Una de las más significativas fue la adopción del 25 de diciembre como la fecha de la Navidad, coincidiendo con las festividades del Sol Invictus en Roma. Este culto solar celebraba el renacimiento del sol tras el solsticio de invierno, y su fusión con la historia de Cristo permitió mantener vivo el simbolismo de la luz y la renovación.

En este contexto, la figura de la Virgen María adquirió un rol central como madre del Salvador. La iconografía cristiana reforzó la imagen de María como protectora y dadora de vida, en una continuidad con las deidades femeninas de tradiciones anteriores. Su representación con el niño en brazos, similar a la de Isis y Horus, evidencia la integración de estos arquetipos en la simbología cristiana (Miles, 2005).

La figura de la Virgen María, reconocida como la Madre de Cristo y por tanto, madre universal refleja un proceso de apropiación cultural a través del tiempo. La incorporación de elementos solares y maternos en torno a María y Jesús pone en evidencia la negativa teológica moderna de desprenderse de los mitos en torno al Sol y la perpetuación del simbolismo de la luz y la renovación, que se había asociado a las deidades femeninas en muchas culturas durante la antigüedad.

Una manera clara de evidenciarlo, es la imagen de la Virgen de la leche, una de las representaciones iconográficas de María Lactante que

tiene un notable parecido con las versiones de Isis analizadas previamente. La Virgen de la leche fue reducida iconográficamente, debido a lo explícito de su representación, no apropiada para la religión cristiana, sin embargo es un claro ejemplo de la adopción de imágenes, que se dio durante la dinámica de transición entre el antiguo y el nuevo culto a la Diosa.

En la imágenes 3 y 4, observamos dos representaciones de la Virgen de la leche, que si bien cambian en estilo y forma no lo hacen en contenido. La Diosa en forma de mujer amamanta al niño sol mientras está envuelta de rayos luminosos y tonos dorados que mantienen psicológicamente la estructura del arquetipo a través del tiempo.

Esta relación de “figuras” durante el desarrollo de las culturas pre-cristianas es un claro ejemplo de cómo las creencias anteriores se fusionaron con las nuevas. Según el historiador de la religión, Robert Miles (2005), el culto a la Virgen María como una madre divina se vinculó a las celebraciones del solsticio de invierno, especialmente después de la adopción del 25 de diciembre como fecha para conmemorar el nacimiento de Cristo. Fecha que como hemos mencionado, coincidía con las celebraciones romanas del Sol Invictus y su culto al Sol.

Este sincretismo religioso, no solo fortaleció el papel de la Virgen María en la tradición cristiana, sino que también consolidó el simbolismo del solsticio de invierno como un momento de renacimiento y esperanza, similar a las antiguas creencias de la fertilidad y la luz asociadas a deidades femeninas. En este sentido, la Navidad no solo es una celebración del nacimiento de Cristo, sino también de la restauración de la luz, un simbolismo compartido por muchas culturas que celebraban el solsticio como el retorno de la luz en el corazón del invierno (Frazer, 1922).



FIGURA 3- Virgen de la leche. Venerada en belén, Palestina.(izquierda). Patrona de los matrimonios que quieren hijos Fuente: https://es.wikipedia.org/wiki/Virgen_de_la_Leche

FIGURA 4- Virgen de la Leche (derecha). Representación Bizantina de Ramón de Mur, 1415.

Fuente: https://es.wikipedia.org/wiki/Ramon_de_Mur

Tradiciones Modernas y el Simbolismo Compartido, El Legado Universal de la Navidad

En la actualidad, la Navidad se celebra en una diversidad de contextos culturales y espirituales que reflejan esta universalidad. En un mundo marcado por desafíos globales, el mensaje de la Navidad resuena con una vigencia renovada. Más allá de su contexto cristiano, la festividad recuerda la importancia de la esperanza, la resiliencia y la renovación. Este legado, construido a partir del sincretismo religioso y cultural, refuerza su capacidad para unir a personas de diversas tradiciones en torno a valores compartidos.

La asimilación del arquetipo de la Diosa en la figura de la Virgen María, heredera de atributos ancestrales relacionados con la luz, la maternidad y el renacimiento espiritual ha permitido mantener la vigencia de la espiritualidad moderna, uniendo pasado y presente en la celebración de la Navidad.

Así, la Navidad no solo celebra un evento histórico o religioso, sino que encarna un simbolismo que ha trascendido los siglos, conectando a la humanidad con sus raíces espirituales y con su anhelo colectivo de luz y renovación.

Conclusión

El solsticio de invierno, no solo sigue siendo un evento astronómico de gran trascendencia, sino también una conmemoración profundamente espiritual. Su simbolismo refleja los arquetipos universales de la humanidad, donde la luz triunfa sobre la oscuridad y la maternidad divina protege y renueva la existencia.

El análisis de las deidades femeninas en relación con el solsticio de invierno y su integración en el cristianismo demuestra cómo las festividades evolucionan adaptándose a las necesidades espirituales y culturales de cada época. Figuras como Isis y Amaterasu, vinculadas al renacimiento, la fertilidad y la luz, establecieron un marco simbólico que permitió que el mensaje cristiano de la Navidad se conectara con tradiciones preexistentes.

La figura de la Virgen María, como madre protectora y símbolo de esperanza, sirvió de puente entre las antiguas creencias y la nueva fe cristiana. Este proceso de sincretismo no sólo aseguró la continuidad de ciertos valores y símbolos esenciales para la humanidad, sino que también permitió que la Navidad se convirtiera en una festividad universal que trasciende las barreras religiosas.

Referencias

Cartwright, M. . **Amaterasu** (R. Castillo, Trad.). World History Encyclopedia.(2012, 17 de diciembre) Disponible en <<https://www.worldhistory.org/trans/es/1-11635/amaterasu/>>. Fecha de acceso: 22 octubre de 2024

Frazer, J. G. **The Golden Bough: A Study in Magic and Religion**. Londres: Macmillan. (1922)

Finding Dulcinea/Soni, M. **Egyptian Goddess Isis | Life, Power, Stories, Myth & Facts**. (2023)Disponible en <<https://www.findingdulcinea.com/egyptian-goddess-isis/>> Fecha de acceso: 02 noviembre de 2024

Griffiths, J. **The Isis-Osiris Myth and Its Significance**. Leiden: Brill. (1970)

Kawano, S. *Ritual Practice in Japanese Mythology: Amaterasu and the Cycles of Light*. Journal of Japanese Studies, 31(2), 347-365.(2005).

Laicismos.org. **¿Qué sabe realmente de la Navidad?** (2015, 21 de diciembre). Disponible en <https://laicismo.org/que-sabe-realmente-de-la-navidad/139405?utm_source=chatgpt.com>. Fecha de acceso: 02 noviembre de 2024

Miles, M. R. *The Word Made Flesh: A History of Christian Thought*. Oxford: Blackwell. (2005).

Nabarralde, Rodríguez, P. **Los antiguos cultos agrarios del solsticio de invierno**. (2013, 20 de diciembre). Disponible en <https://nabarralde.eus/los-antiguos-cultos-agrarios-del-solsticio-de-invierno/?utm_source=chatgpt.com>. Fecha de acceso: 15 octubre de 2024

Pilar, C. M. **El Nilo en Pompeya: Una exposición en el Museo Egipcio de Turín**.(2016, 9 de mayo). Amigos de la Egiptología. Disponible en <<https://egiptologia.com/el-nilo-en-pompeya-una-exposicion-en-el-museo-egipcio-de-turin/>>. Fecha de acceso: 16 noviembre de 2024

Polos Vieros da Arte. **Lactatio y Cáritas**. (2016, 4 de diciembre). Disponible en <<https://vieirosdaarte.blogspot.com/2016/12/lactatio-y-caritas.html>>.Fecha de acceso: 15 noviembre de 2024

Wikipedia. **Virgen de la Leche**. (2014). Disponible en <https://es.wikipedia.org/wiki/Virgen_de_la_Leche>.Fecha de acceso: 02 noviembre de 2024

Wikipedia. **Ramón de Mur**. (2023). Disponible en <https://es.wikipedia.org/wiki/Ramon_de_Mur>Fecha de acceso: 16 noviembre de 2024



Una aproximación a la noción de tiempo en algunas canciones de navidad en Venezuela

NORMA GONZÁLEZ DE ZAMBRANO¹

Resumen: En el II Encuentro Internacional y Multilingüe de Perspectivas Plurales se presentó una investigación vinculada a la acepción tiempo de Navidad, para el III Encuentro se prosigue la indagación del sintagma en estudio y se examinan algunas letras de canciones de Navidad para determinar cómo la noción de este tiempo es proyectada en ellas. El tiempo es considerado desde la dimensión de la narrativa un establecimiento del momento histórico en el cual ocurren los hechos de la Natividad de forma progresiva, lineal y cronológica. Se indica el tiempo verbal como evidencia del pasado, pero con el agregado del tiempo externo o histórico y reafirmación del tiempo interno. Con la selección de tres canciones de Navidad (*Noche de Paz*, *El Tamborilero* y *Niño Lindo*) se investiga con enfoque cualitativo y paradigma interpretativo en torno a la dimensión temporal de los participantes en Venezuela, ante el gran suceso, la Natividad del Menino.

Palabras clave: tiempo de Navidad, canción de Navidad, Natividad, Navidad en Venezuela

Introducción

En una investigación anterior dedicada a la aproximación de la noción de tiempo de Navidad desde una realidad institucional en el Instituto Pedagógico de Caracas, Decanato de la Universidad Pedagógica Experimental Libertador, se concluyó que: a) conceptual-

1 Profesora adscrita a la Universidad Pedagógica Experimental Libertador en el Instituto Pedagógico de Caracas. Profesora en Lengua Castellana y Literatura (IUPC), Magíster en Lingüística, estudiante del Doctorado en Teoría de la Educación y Pedagogía Social (UNED), investigadora activa en el Instituto Venezolano de Investigaciones Lingüísticas y Literarias "Andrés Bello" (IVILLAB) y en el Centro de Investigación Mariano Picón Salas (CIMAPISA), <https://orcid.org/0000-0002-2618-7980>, E-mail: ipclecesc@gmail.com

mente, el *tiempo de Navidad* lo establece la comunidad que festeja ese período a partir de los fundamentos religiosos y sociales establecidos previamente; b) procedimentalmente, la dinámica social y religiosa prevalece en la determinación del período navideño y c) actitudinalmente, hay una manifestación de respeto y custodia por las tradiciones navideñas en ese tiempo (González, 2024).

Se precisó, además, un significado enmarcado en la fe de la religiosidad popular venezolana cuando para definir este período se recurre a la devoción mariana desde el inicio, bien sea con la bajada de La Chinita o con la cercanía a otra advocación mariana antes del 25 de diciembre, hasta el final de la época, el día 2 de febrero con la celebración de Nuestra Señora de La Candelaria y la Paradura del Niño Jesús. Los señalamientos anteriores son fundamentales en la delimitación del tratamiento del tiempo en algunas canciones de Navidad, tópico que nos ocupa en esta disertación.

Se indica que el tiempo verbal es una evidencia de que algo ocurre, sucede o pasa, se manifiesta este caso en el pasado simple, pasado continuo, pasado perfecto o pasado perfecto continuo, pero además con el agregado de convocatoria para el tiempo externo o histórico en el cual se sitúa la narración y la reafirmación del tiempo interno que abarca la duración de los acontecimientos, en este caso el leitmotiv para escribir canciones relacionadas con el gran suceso, el nacimiento del Menino. Las canciones elegidas como referentes para este seguimiento fueron tres. La selección de las primeras dos canciones se estableció, en primer lugar, por la significatividad de ellas en la vida de la investigadora tanto en la referencia universal (*Noche de paz*), como en la referencia hispana (*El tamborilero*), la elección posterior de las canciones (*Niño lindo*, *Aguinaldo criollo* u otra escogencia) responde a la referencia identitaria con el país, la venezolanidad, la región o la zona, derivada de la consulta a personas cercanas al círculo familiar y académico de quien realiza el estudio. Metodológicamente se enmarca en el enfoque cualitativo, con paradigma interpretativo para dar cuenta de la selección establecida en la determinación de las canciones de Navidad y su relación con ese tiempo. Como aspecto significativo del estudio se deriva la perspectiva axiológica del suceso, el nacimiento del Niño Jesús.

Tiempo

La acepción de esta palabra varía según el contexto del área disciplinar que se asuma. Del estudio mencionado se precisó un significado enmarcado en la fe y la tradición venezolana, derivado de la magnitud o dimensión física para ordenar secuencialmente los acontecimientos en un antes, durante o después, equivalente a un pasado, un presente y un porvenir. La línea de temporalidad permite incluir la progresión de los acontecimientos implícitos en el suceso de estudio, en este caso, se corresponde con el nacimiento del Niño Jesús, pero también se debe incorporar la carga emotiva y religiosa que acompaña a ese período navideño. El tiempo es un período determinado, propicio para un asunto específico, intangible, constante, con percepción subjetiva e interna. Esa temporalidad es la que permite recordar, vivir el presente e imaginar el futuro. Es de hacer notar que se asume una proyección de tiempo internalizada desde los Objetivos del Desarrollo Sostenible (ONU, 2018) para justificar y proteger la custodia y preservación de las costumbres y tradiciones del período navideño, en protección del planeta, además del alcance y disfrute de la paz.

El Objetivo 4. Educación de calidad ofrece perspectivas de atención desde la educación primaria y el proceso alfabetizador, sin obviar los accesos difíciles en zonas de pobreza, conflictos o emergencias. La intención fundamental radica en la mayor continuidad y prosecución de estudios de niños y adolescentes para que obtengan una formación técnica o universitaria de calidad. La gran aspiración para el 2030 es educación gratuita y de calidad con aprendizajes relevantes. Asimismo, se estima:

garantizar que todos los alumnos adquieran los conocimientos y las habilidades necesarios para promover el desarrollo sostenible, lo que incluye, entre otros, la educación para el desarrollo sostenible y estilos de vida sostenibles, los derechos humanos, la igualdad de género, la promoción de una cultura de paz y no violencia, ciudadanía y valoración de la diversidad cultural y de la contribución de la cultura al desarrollo sostenible. (Objetivo 4, p. 1).

Desde el ambiente ipecista, nos hemos propuesto con la alfabetización cultural aproximar a los estudiantes al saber tradicional desde las

vivencias y prácticas extensionistas vinculadas con el área sociocultural, en concordancia con el Objetivo 4 de los Desarrollos del Objetivo Sostenible. Se muestran contenidos que propicien la adquisición de conocimientos y habilidades para propiciar y garantizar la pervivencia de las tradiciones decembrinas. En esta oportunidad, la búsqueda gira en torno al tiempo, como magnitud física, como tiempo del verbo, como manifestación en la narrativa, como referente en canciones.

El tema del tiempo es amplio, para André Comte-Sponville (2001), el tiempo puede ser sucesión de pasado, presente y porvenir, es filosofía, pero también es historia, es cambio, porque indudablemente el tiempo pasa, huye. Sin embargo, el tratamiento del tiempo desde este enfoque está impregnado de un tono filosófico, pero no es el foco de esta disertación.

En la investigación actual se incluye la proyección de tiempo, en la época navideña, desde la narrativa para indicar el ritmo de las acciones. Se estima que es el momento histórico en el cual ocurren los hechos de forma progresiva, acontecimiento que genera acciones a su alrededor en el período definido o connotado lineal y cronológicamente. Se indica con el tiempo verbal como evidencia en el pasado o pretérito simple, pasado continuo, pasado perfecto o pasado perfecto continuo, definido o indefinido, pero además con el agregado de convocatoria para el tiempo externo o histórico en el cual se sitúa la narración y la reafirmación del tiempo interno que abarca la duración de los acontecimientos, leitmotiv para escribir canciones relacionadas con el gran suceso, el nacimiento del Niño Dios. Además, ese tiempo se manifiesta en el presente cuando se escucha o entona la canción y se proyecta en el futuro cuando se dispone en otro momento volver a escuchar o cantar la canción.

Narrativa

El *Diccionario de la Lengua Española* (Real Academia Española, 2014) se aproxima a la acepción del término al vincularla con la narración, con el género literario que incorpora el arte de contar, el relato, la asocia con prosa, como el cuento, la novela. En la narrativa alguien (el narrador) cuenta una historia con trama, protagonistas y antagonistas, con acciones que se ejecutan en un tiempo y un espacio. Desde esta perspectiva, se hace énfasis en el tiempo, en el momento en el cual se

realiza el suceso, real o recordado. En ella no se percibe aproximación a la palabra canción. Esta aparece en la misma obra como una palabra derivada del latín tardío *cantio* –*onis*, “encantamiento”, palabra femenina presentada como una “composición que se canta o hecha a propósito para que se le pueda poner música” (ibid). En los sinónimos de dicha palabra se incluye la palabra melodía, voz significativa para atribuirle el significado. Se registran otras voces como canción de cuna, canción de gesta, canción de trilla, pero no se incorpora canción de Navidad, estructura que se tiene presente en esta investigación porque en ellas se relata la gran historia de la humanidad, el nacimiento de Jesús.

Se destaca que en la narrativa se hace énfasis en el eje temporal, pues el eje cronológico es un referente imprescindible, porque en ella se haya el tiempo de la *historia*, período en el cual ocurren los acontecimientos en la delimitación de temporalidad pasado, presente y futuro en correspondencia con la realidad. Además, se encuentra el tiempo del *relato* que se presenta o el tiempo de la *narración*, referido específicamente al momento en el cual ocurren las acciones desde la perspectiva del autor o compositor, quien cuenta el relato desde el momento de inicio de la historia hasta el momento de desenlace, corresponde a una temporalidad ficticia porque contextualiza la obra en un momento histórico determinado. Y el tiempo *referencial* o tiempo *histórico*, que se concibe como el tiempo de una época para contextualizar la historia, define la cronología del relato o sucesión cronológica. La sucesión de acciones le aporta flexibilidad a la historia, le imprime sensación de movimiento al relato a partir de la organización y continuidad de los eventos que se manifiestan a la largo de la historia narrada según la perspectiva de quien narra. Por supuesto que la temporalidad se manifiesta en un orden que puede o no coincidir con las leyes del tiempo, de la cronología lineal o de las anacronías.

Gramaticalmente, según la Real Academia Española (2019) el tiempo es una categoría que proyecta la localización de los sucesos en relación con el momento en que se comunica el mensaje. El tiempo verbal incluye un patrón de información. Es cierto que, en la narrativa, prevalece el tiempo verbal pasado para reportar las acciones ocurridas, en las modalidades de tiempo simple y tiempo compuesto. Este tiempo recibe el nombre de:

- pretérito simple en el tiempo simple (ejemplo: nací, crecí, estudié);
- pasado continuo o copretérito en el tiempo simple (nacía, crecía, estudiaba);
- pasado perfecto (nació, creció, estudió);
- pasado o pretérito anterior en el tiempo compuesto (hube nacido, hube crecido, hube estudiado) y
- pasado perfecto continuo o pluscuamperfecto en el tiempo compuesto: había nacido, había crecido, había estudiado).

Pero también existen otras representaciones del tiempo en este momento de realización y en el momento por venir:

- presente del indicativo (nazco, crezco, estudio),
- presente subjuntivo (nazca, crezca, estudie),
- imperativo (nace o nacé, crezca o crecé, estudia o estudiá)
- futuro simple (naceré, creceré, estudiaré),
- futuro subjuntivo (naciere, estudiare)

Metodología

Con la intención de indagar cómo se manifiesta la noción de tiempo en algunas canciones de Navidad se propuso consultar cuál es el aguinaldo más representativo de la Navidad en Venezuela. La respuesta a esta pregunta se delimita en un recorrido orientado desde el ángulo del enfoque cualitativo para la consideración de la investigación en los aspectos y dimensiones que surjan en el proceso, lo cual permite que el diseño sea emergente, abierto y flexible, para insertar en la dinámica las directrices que emanan en el seguimiento de la indagación. El paradigma interpretativo permite describir los detalles que aparecen en el camino de la consulta para comprender el significado de la mirada social y cultural de los sujetos participantes del proceso de investigación. El propósito es dar cuenta de la selección, descripción y explicación en la elección de las canciones de Navidad y su relación con ese tiempo. El leitmotiv de la propuesta investigativa era dar cuenta de las canciones relacionadas con el gran suceso, el nacimiento del Menino y su referencia de temporalidad.

La selección de las canciones consideradas como punto de partida son de alta significatividad en la vida de la investigadora, tanto en

la referencia de orden global como en la popularidad expresada en los medios (*Noche de paz*²), en la referencia hispana y en la referencia familiar (*El tamborilero*³), mientras que en la referencia nacional (*Niño lindo*⁴), en la escogencia posterior consultada a los informantes es relativa (*Niño lindo, Aguinaldo criollo* u otra selección), depende de la tradición familiar o comunitaria para dar cuenta de la referencia identitaria con el país, la venezolanidad, la región o la zona de origen. La consulta se realizó a personas cercanas al círculo familiar y académico de quien realiza el estudio, aspecto que conjugó respuestas muy variadas. Esa amplitud permitió la diversidad de respuestas que propician la continuidad del proceso de búsqueda de información. La escogencia responde a una canción de Navidad que cada participante vinculó con el conocimiento previo de esta época del año.

A continuación, se incluye una tabla de organización de contenido, con las cuatro canciones más coincidentes en la consulta. Está constituida por cinco (5) columnas y tres (3) filas. Las columnas corresponden a cada una de las canciones y a sus características, mientras que las filas se vinculan con la **categoría Canción** y al título de cada canción seleccionada (*Noche de paz, El tamborilero, Niño lindo, Aguinaldo Criollo*⁵), con la **categoría Tiempo verbal** se ejemplifica con la primera estrofa de cada canción y en ella se resalta en color (verde para el tiempo presente, rojo para el tiempo pretérito y rosa para el tiempo futuro) el tiempo verbal en la primera estrofa de cada canción. En la **categoría Tema** se incluye un breve comentario relacionado con la canción asignada en cada columna y el tiempo verbal contenido en ella.

2 Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=HR1wvwm9mLE>

3 Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=sljRW60Fqyc>

4 Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=PIEZCULRPBE>

5 Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=RVVC5b2uoYc>

Canción	Tiempo verbal	Tema
Noche de paz	Noche de paz, noche de amor Todo duerme en derredor Entre los astros que esparcen su luz Brilla anunciando al niño Jesús Brilla la estrella de paz Brilla la estrella de paz	El tema original fue escrito en alemán, la traducción al castellano nos reporta un ambiente psicológico sereno, sublime, especial, acorde con el gran suceso el nacimiento del Niño Jesús y el anuncio de un mundo de amor, de esperanza y de paz. Mensaje que es recordado cada vez que se entona la canción. El uso de los verbos se inicia con el tiempo presente del modo indicativo, pero además se incorpora en otra estrofa, la segunda, “nace” en tiempo presente del modo indicativo, “llene” en presente del modo subjuntivo para expresar el deseo de quietud y bienestar que se anhela para todo el mundo. De igual modo, se incorpora “nació” en el tiempo pretérito perfecto simple o pretérito indefinido. En la tercera estrofa, “canta, escucha y ofrece” en tiempo presente del modo indicativo. Se evoca el nacimiento del Redentor en el tiempo presente para acercarlo al eje temporal del momento en que se entona la canción.
El tamborilero	El camino que lleva a Belén Baja hasta el valle que la nieve cubrió Los pastorcillos quieren ver a su rey Le traen regalos en su humilde zurrón Ropoponpon, ropoponpon Ha nacido en un portal de Belén El niño Dios	Hay muchas versiones en torno al origen de esta canción. La versión hispana de este villancico, en la primera estrofa ofrece el tiempo presente, con los verbos “lleva” y “baja”, “cubrió” en tiempo pasado simple y “ha nacido” en el tiempo pretérito pluscuamperfecto compuesto para dar cuenta del gran suceso. En la segunda estrofa aparece “quisiera” en el tiempo pretérito imperfecto de subjuntivo y “agrade” en el tiempo presente del modo subjuntivo, “tocaré” en futuro simple, como un elemento de ofrenda sencilla, humilde. En la tercera estrofa, el tiempo presente con el verbo “lleva”, “voy marcando” y “hay”, el presente del subjuntivo con “pueda ofrecer”, el pretérito simple con los verbos “vio” y “sonrió”. Con estos usos se manifiesta la evocación y el acercamiento del Niño Jesús al momento de la entonación del canto. El recuerdo en el tiempo pasado, la vigencia del suceso en el presente y la reiteración en el futuro para seguir la ofrenda. El modo subjuntivo expresa el deseo de bienestar que se anhela.

Niño lindo	Niño lindo, ante ti me rindo Niño lindo, eres tú mi Dios Niño lindo, ante ti me rindo Niño lindo, eres tú mi Dios Niño lindo, ante ti me rindo Niño lindo, eres tú mi Dios	Este aguinaldo registra en la primera estrofa la exaltación del hecho con los deicticos de pronombre personal yo y tú, con la referencia de quien canta y a quien le canta en el tiempo presente del modo indicativo, mediante el uso de los verbos "rindo" y "eres". En la segunda estrofa, se mantiene el uso del tiempo presente, evidenciado en el verbo "roba". Se repite la primera estrofa (coro) con el tiempo presente mencionado, se incorpora el verbo "ofrezco". En la tercera estrofa, la forma imperativa "mírame", "consolaré" futuro simple del indicativo y se incorpora el verbo "ofrezco". En la cuarta estrofa, no hay verbo conjugado y se repite el coro. Resalta el uso del tiempo presente para mantener viva la adoración al Niño Dios. Incorpora el modo imperativo para exhortar y llamar la atención y el tiempo futuro para alertar a próximas acciones.
Aguinaldo criollo	Si la Virgen fuera andina y San José de los llanos el Niño Jesús sería un niño venezolano	En el coro, los verbos "fuera", tiempo imperfecto del subjuntivo, y "sería" en el tiempo condicional simple. En la estrofa primera, el verbo "sería" se repite. En la estrofa segunda, los verbos "tendría" y "sabe". El primero, condicional simple y el segundo, en tiempo presente del modo indicativo. En la estrofa tercera, los verbos "tendría" y "mecería", ambos en el tiempo condicional simple o pospretérito. En la estrofa cuarta, los verbos "crecería", "cabalgaría" y "cantándole", el primero y el segundo se registran en tiempo condicional simple del modo indicativo y el tercero en gerundio progresivo. En la estrofa quinta, los verbos "vendrían", en tiempo condicional del presente en el modo indicativo y el gerundio "trayendo" en presente progresivo. En la estrofa sexta, el verbo "cantarían", en tiempo condicional simple o pospretérito del modo indicativo. En este aguinaldo prevalece el tiempo condicional al hipotetizar al Niño Jesús con identidad venezolana. El gerundio emerge para traer al presente la acción.

TABLA 1: esquematiza las cuatro canciones más nombradas con el ejemplo de una estrofa y la reflexión derivada del uso del tiempo verbal. Fuente: construcción personal.

Al formularse la interrogante se asumía que, al preguntar por una canción de Navidad, esta podría situarse entre villancico y aguinaldo, pero resultó que, si bien algunos los reconocen, los participantes más jóvenes no se aproximaron a ellas. A pesar de que el villancico según

el *Diccionario de la Lengua Española* (Real Academia de España, 2014) presenta tres acepciones fundamentales, la mayoría no conocía su significado. Los sentidos que incluye el referido diccionario son: 1. Canción popular, principalmente de asunto religioso, que se canta en Navidad. 2. Canción popular breve que frecuentemente servía de estribillo. 3. Cierro género de composición poética con estribillo. Alegaban que en su contexto cercano no eran común escucharlos. Algo similar ocurrió con el aguinaldo, conocido por algunos, pero desconocido por otros. Según la obra referida (2014) el aguinaldo incluye cuatro acepciones, las cuales son 1. Regalo que se da en Navidad o en la fiesta de Epifanía. 2. Regalo que se da en cualquier ocasión. 3. Villancico de Navidad. 4. Planta tropical silvestre de la familia de las convolvuláceas, muy común en Cuba y que florece por Pascua de Navidad. Es de hacer notar que para otros informantes no hay diferencias entre los géneros musicales navideños y para otros una canción de Navidad es cualquier gaita o canción que se pueda bailar, vinculada o no con el nacimiento del Niño Jesús.

Otros informantes vinculados con la música lograron expresar que la pregunta era muy difícil porque cuando un músico tiene la oportunidad de celebrar la Navidad viajando por el país se identifica con muchas canciones y con sus diferentes formas de manifestación, el aguinaldo a lo profano, el aguinaldo a lo divino, los aguinaldos de Luis Mariano Rivera, los de La Verde Clarita, los aguinaldos del estado Cojedes. Un cantante de aguinaldo respondió *Aguinaldo Criollo*. Un director de orquesta respondió que la pregunta era compleja, porque en el repertorio musical venezolano existen muchas canciones que son muy especiales como *El Ángel tuvo razón* de Antonio Lauro y *Aguinaldo Margariteño*.

El aguinaldo más nombrado fue *Niño lindo*, quienes dieron esta respuesta coincidieron en expresar que este es el primer aguinaldo que se aprende en familia y en la escuela, pero además es el más cantado en el país. El segundo aguinaldo más nombrado fue *Aguinaldo criollo* (*Si la Virgen fuera andina*). A estos nombres se incluye *El Ángel Gabriel*, *La jornada*, *Niño Jesús llanero*, *Aguinaldo margariteño*, *Espléndida noche*, Aguinaldos a lo divino, Aguinaldos a lo profano, unos pocos mencionaron *Noche de Paz* y *El tamborilero*, entre otros géneros musicales como la gaita y la músicaailable, con especial mención a la de Billo Frómata. Quienes mencionaron algún aguinaldo reconocieron la identificación

con el gran suceso, la Sagrada Familia, la mula, el buey y por supuesto, el Niño Jesús.

Desde una perspectiva lingüística, la dimensión funcional para la construcción del significado del tiempo de Navidad en las canciones, se puede explicitar según el lingüista M.A.K. Halliday (2001, p. 164):

-en el nivel ideacional (se proyectan y concretan el conocimiento previo y el conocimiento nuevo en las ideas de esa noción en el período decembrino y en las canciones de Navidad, se evidencia que algunos participantes se identifican y reconocen ese tiempo y los temas pero otros desconocen los temas y los géneros propios de esta época); - en el nivel interpersonal (la interacción social en la universidad y en la familia son determinantes para el reconocimiento de este tiempo en las canciones en estudio) y - en el nivel textual (los modos de interacción social establecen y sugieren una enunciación específica en cada acto comunicativo, se desconoce la temática en los más jóvenes y no nombran adecuadamente las canciones y los géneros musicales).

Conclusión

La construcción del significado del sintagma tiempo de Navidad no es sencilla, depende de las experiencias de vida. En el imaginario colectivo las acepciones rondan en torno a la familia, los ambientes de aprendizaje y las interacciones sociales para asumir y celebrar, o no, este período del año. Como aspecto significativo del estudio se deriva la perspectiva axiológica del suceso, el nacimiento del Niño Jesús se reconoce, aunque no se festeje por algunos motivos vinculados con la separación familiar. Desde la valoración personal hay una apreciación en torno a la Natividad pero pareciese que no existiera esa conciencia para proteger, difundir y mostrar a las nuevas generaciones y a la comunidad las tradiciones navideñas venezolanas. Es indispensable generar acciones para a través de las diversas manifestaciones de la cultura en general promoverlas. Es importante delimitar este aspecto por cuanto es la dinámica social quien genera la preparación y el desarrollo de la festividad. La noción de tiempo de Navidad varía en los participantes, hay quienes lo identifican, hay quienes se aproximan y hay quienes son indiferentes por distintas razones. Sin embargo, se precisa que a pesar de que las canciones de Navidad relatan el gran suceso, la narrativa no es determinante para indicar el sentimiento que aflora en ese tiempo ni especificar el tiempo predominante en las canciones de Navidad, porque en muchos participantes

lo define el ritmo de la melodía que escuchan. Y no, la emoción sentida. En los adultos hay mayor conciencia de canciones de Navidad (villancico, aguinaldo). El tiempo en la letra de las canciones trae al presente el nacimiento del Niño Jesús. El tiempo y el modo verbal comunican, a diferencia del tiempo y ritmo musical, que en algunos participantes sí es reconocido, pero en otros es el agregado del tiempo externo o histórico y la reafirmación del tiempo interno. Se sugiere seguir investigando: tiempo de Navidad, canción de Navidad, Navidad en Venezuela, para dar atención al Objetivo 4 de los Objetivos del Desarrollo Sostenible y capacitar docentes que puedan orientar a la población estudiantil en el cuidado, preservación y custodia de las tradiciones venezolanas, con especial atención a las vinculadas con el tiempo de Navidad.

Referencias

COMTE-SPONVILLE, A. ¿Qué es el tiempo? Reflexiones sobre el presente, el pasado y el futuro. Editorial Andrés Bello. (2001). (Trad. Pierre de Jacomet)

GONZÁLEZ de Z., N. Tiempo de Navidad: Una experiencia universitaria en Venezuela. (44-56). En: VALLEJO I., H.; POLONI, R. y PERERA, L. (Organizadores). **II Encuentro Internacional O Natal Nos Une**. Curitiba: Casalettras. (2024).

HALLIDAY, M.A.K. **El lenguaje como semiótica social**. La interpretación social del lenguaje y del significado. México: Fondo de Cultura Económica. 2001.

ORGANIZACIÓN DE LA NACIONES UNIDAS - PROGRAMA DE LAS NACIONES UNIDAS PARA EL DESARROLLO. (PNUD). **Objetivos del Desarrollo Sostenible**. <https://www.undp.org/es/sustainable-development-goals/educacion-calidad> (2018).

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **El buen uso del español**. <https://www.rae.es/buen-uso-espa%C3%B1ol/los-tiempos-verbales> Recuperado en: 5 nov. 2024. (2023).

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. (**Diccionario de Lengua Española**. 23ª. ed., [versión 23.7 en línea].< <https://dle.rae.es>>. Recuperado en: 5 nov. 2024. (2014; 2019).



La Hallaca Venezolana, Perennidad y Símbolo de Unión Familiar

SANDRA MARINA VALERO LÓPEZ¹

SERGIA CADENAS UZCÁTEGUI²

Resumen: Diciembre es reconocido a nivel mundial como el mes de la Navidad. Es para los venezolanos el mes más alegre y significativo del año. Algunas religiones cristianas como la católica, conmemora, con gran júbilo y, en unión familiar, el nacimiento de Jesús. Ese día, algunas familias se reencuentran, comparten, intercambian regalos con: amigos, vecinos, conocidos, compañeros de trabajo, en fin. También, como parte de esta maravillosa fiesta decembrina, se realizan diversas actividades que giran en torno a la noche de Navidad o Noche Buena. Una de ellas es la elaboración del plato navideño, considerado como uno de los más completos, sabrosos, exquisitos y emblemáticos de la gastronomía venezolana. Por ello, en esta investigación nos propusimos como objetivo: analizar en el marco de las tradiciones venezolanas, la elaboración del plato navideño como símbolo de unión familiar, arraigo ancestral y patrimonio inmaterial de tradición culinaria. En cuanto a la metodología utilizada, bajo la mirada del paradigma cualitativo, se aplicó el enfoque socioconstruccionista y el método etnográfico. Se utilizó para la recolección de datos, la entrevista en profundidad, seleccionando tres familias con quienes se

1 Mgtr. en Lectura y Escritura (UPEL-IPC) Prof. de Castellano, Literatura y Latín (UPEL-IPC). Lic. en Letras Mención: Lengua y Literatura Hispanoamericana y Venezolana (ULA) Doctoranda en Cultura y Arte para América Latina y el Caribe (UPEL-IPC). Personal ordinario de la Universidad Simón Bolívar desde el año 2018, realizando funciones como Coordinadora del Ciclo Básico, docente, investigadora y extensionista. Profesora del Departamento de Formación General. Universidad Simón Bolívar. Sede del Litoral. La Guaira. Venezuela. E-mail: savalero@usb.ve ORCID: 0009-0008-9518-0150

2 Dra. en Cultura y Arte para América Latina y el Caribe (UPEL-IPC). Mgtr. en Literatura Latinoamericana (UPEL-IPC) Prof. de Castellano y Literatura (UPEL-IPC). Personal ordinario de la Universidad Simón Bolívar desde el año 2009. Actualmente es Subdirectora Académica. Además, ejerce la docencia, investigación y extensión. Profesora del Departamento de Formación General. Universidad Simón Bolívar. Sede del Litoral. La Guaira. Venezuela. E-mail: scadenas@usb.ve ORCID: 0000-0003-3877-7491

conversó respecto al tema en estudio. Ellos aportaron valiosas referencias sobre el significado de la hallaca tanto en el núcleo familiar como en su comunidad, resaltando que no solo el hacer, sino el compartir un plato tan cargado de ingredientes y rebozado de sentimientos arraigados, honra a nuestros antepasados, manteniéndose por siempre como parte de nuestro acervo cultural.

Palabras clave: Hallaca, Compartir, Unión familiar, Navidad, Nacimiento

Introducción

La hallaca es un manjar venezolano envuelto en hojas de plátano o cambur que, trasciende su exquisito sabor para convertirse en un símbolo de unión familiar y tradición, especialmente, durante la época navideña. Más que un plato, es un lazo que conecta generaciones y hace honor a nuestras raíces ancestrales recordándonos siempre que, como parte del patrimonio inmaterial, se mantiene viva perennemente acompañando el tradicional plato navideño y en cualquier celebración durante los meses del año en que se desee degustar. Por ello, esta investigación pretende develar el significado de la hallaca como símbolo de unión familiar, desentrañando su historia, su preparación y el significado que encierra, no solo como alimento, sino como una expresión de amor y arraigo cultural.

La hallaca es elaborada en todas las regiones de Venezuela, resaltando las características particulares que posee de acuerdo a la idiosincrasia de cada persona, grupo familiar o entorno en el que se elabora. Vale resaltar que este succulento plato, se suele preparar y consumir en cualquier mes del año. No obstante, es en la época decembrina cuando, en unión familiar, cada integrante desempeña un papel indispensable en la elaboración de la misma.

La Hallaca venezolana



Figura N. 1. Cena navideña: Hallaca, perril, ensalada y pan de Jamón.
Fuente: colección del autor.

La hallaca, más que un plato, es el alma misma de la Navidad venezolana, un legado culinario que trasciende generaciones y fortalece los lazos familiares. Como bien lo expresó el poeta Aquiles Nazoa en su “Elogio Informal de la Hallaca”, este manjar encapsula la esencia de nuestra identidad. Y, como lo describió Andrés Cardinale (2007), “comerse una hallaca es, siempre, llevarse al corazón y al alma ese paquete que, en el fondo es Venezuela”, una mezcla de sabores y emociones que reflejan la complejidad y la riqueza de nuestra cultura. Esta tradición culinaria, arraigada en la memoria colectiva, se manifiesta en la diversidad de variaciones regionales que enriquecen su preparación.

La elaboración de la hallaca es un ritual que se extiende durante varios días. Involucra a todos los miembros de la familia creando un espacio de encuentro y colaboración. Es precisamente este carácter colectivo lo que la hace única y especial en cada hogar con un sabor que se nutre del amor y la unión familiar.

La versatilidad de la hallaca la convierte en un plato omnipresente en la mesa venezolana durante la época navideña. Desde el desayuno hasta la sobrecena, su sabor reconfortante y su fácil preparación la hacen indispensable en cualquier celebración. Cada etapa de su elaboración, desde la preparación del guiso hasta el delicado proceso de envolverla en hojas de plátano, está impregnada de secretos y tradiciones transmitidas de generación en generación.

El tratamiento de las hojas, la mezcla de más de cuarenta ingredientes y el cuidadoso proceso de armado, son testimonios de la dedicación y el amor que se invierten en cada hallaca. Las hojas de plátano o cambur, untadas con onoto y aceite, sirven de lienzo para la masa y el guiso, una combinación de sabores que se entrelazan con pasas, almendras, aceitunas y alcaparras. Cada hallaca es un símbolo de amor familiar, un lazo que une tanto a quienes la preparan con a quienes la disfrutan.

La cocción final, acompañada de gaitas, villancicos, aguinaldos y parrandas navideñas, marca el cierre de este ritual culinario, un momento de celebración y unión. Por ello, sin lugar a dudas, la hallaca, en su esencia, es un reflejo de nuestra identidad, un legado de amor y tradición que se perpetúa en cada Navidad.



Figura N.2. Preparación de la hallaca.

Fuente: colección del autor.

La mejor hallaca es la que hace mi mamá, frase tradicionalísima en Venezuela, en este sentido, Rafael Cartay (1998), indica en su artículo “Elogio y nostalgia de la cocina venezolana” que:

La única explicación de esta excelencia familiar es la de que el gusto es un sentido fisiológico, pero también cultural, histórico. El gusto se forma en el hogar, desde la infancia, al calor del afecto materno y de la unión familiar. Más que cualquier otro plato venezolano, la hallaca está cargada de símbolos: es el símbolo de la navidad, de la alegría compartida, de la solidaridad, del orgullo de la venezolanidad y de la nostalgia de la patria perdida, cuando las circunstancias de la vida nos lanzan al exilio (p. 59).

La cita expuesta anteriormente, resalta el valor emocional y cultural de la hallaca. Tanto es así, que los venezolanos que están fuera de su país, lejos de la tierra que los vio nacer, elaboran la hallaca para compartirla con quienes se encuentren en navidad. No solamente lo hacen para que otras culturas degusten el plato, sino que les explican con detalle, el significado que la misma tiene, de dónde viene y como es parte indispensable para los venezolanos.

La hallaca es mucho más que un plato. Es una joya de la gastronomía venezolana, símbolo de unión familiar y diversidad cultural. Cada estado, región, lugar, terruño, entorno familiar, aporta su toque único a esta tradición culinaria, creando un mosaico de sabores que refleja la riqueza de nuestra cultura. Desde las hallacas con masa de plátano hasta las que incorporan caraotas negras, garbanzos, huevos sancochados o atún, cada variante cuenta una historia, un legado familiar transmitido de generación en generación. Estas recetas, celosamente guardadas y compartidas, son el corazón de nuestras celebraciones navideñas, uniendo a abuelos, padres, hijos y nietos en torno a la mesa. Además, la preparación de la hallaca es un ritual colectivo, un momento para compartir anécdotas, risas y secretos culinarios. Cada ingrediente, cada paso, es un eslabón en la cadena de nuestra identidad, un vínculo que nos une a nuestras raíces y a nuestros seres queridos.



Figura N.3. Familia venezolana compartiendo y mostrando las hallacas recién preparadas.
Fuente: colección del autor.

La hallaca es reconocida como patrimonio inmaterial de tradición culinaria por el Instituto de Patrimonio Cultural (IPC). Es un tesoro que debemos preservar y celebrar. Es un recordatorio de que, a pesar de nuestras diferencias, compartimos un legado común, un amor por la familia y por nuestras tradiciones.

La Hallaca, Vínculo Perenne de Unión Familiar y Tradición Venezolana

La hallaca trasciende su condición de plato navideño para convertirse en un símbolo de identidad y unión familiar en Venezuela. Su elaboración, un ritual que se repite año tras año, fortalece los lazos entre generaciones y preserva las tradiciones culinarias que nos definen.

El investigador gastronómico Miró Popic (2013), expresa que la hallaca, es la muestra evidente del proceso de mestizaje. En ella están: "...la pasa y la aceituna de romanos y griegos, la alcaparra y la almendra

de los árabes, la carne del ganado de los capitanes pobladores de Castilla, el maíz y la hoja del bananero de los indios”. Esta mezcla de ingredientes y culturas se refleja en la diversidad de hallacas que se preparan en todo el país, cada una con su toque único y su historia familiar.



Figura N.4. La hallaca lista para degustar.
Fuente: colección del autor.

La socióloga Valentina Quintero, en sus escritos sobre la cultura venezolana, destaca el papel de la hallaca como elemento cohesionador: “La hallaca es el centro de la Navidad venezolana, el plato que reúne a la familia alrededor de la mesa y que nos conecta con nuestras raíces”. La preparación de la hallaca, un proceso laborioso y colectivo, se convierte en un espacio para compartir anécdotas, transmitir conocimientos y fortalecer los vínculos afectivos.

La hallaca, con sus infinitas variaciones regionales, es un testimonio de la creatividad y la diversidad culinaria de Venezuela. Desde las hallacas andinas con su guiso crudo hasta las hallacas orientales con pescado, cada región aporta su sello distintivo a esta tradición.

En definitiva, la hallaca es mucho más que un plato; es un legado de amor, tradición y unión familiar que se transmite de generación en ge-

neración, un símbolo de nuestra identidad y un recordatorio de nuestras raíces.

Es por esta razón, que, durante la época decembrina, en Venezuela, como parte de los villancicos, aguinaldos y parrandas, desde los más pequeños, hasta los adultos, cantan y repiten a viva voz, la siguiente copla que ha trascendido de generación en generación.

*Dame mi aguinaldo
Aunque sea poquito
25 hallacas
Y un marrano frito³*

Resultados

Según la primera Informante, oriunda de Valera estado Trujillo, la hallaca es un plato que simboliza la época navideña en Venezuela. La misma, se realiza en familia. Allí participan todos: elaborando el guiso, lavando las hojas, cortando el pabito, amarrando, cocinando y degustándolas la noche de navidad y año nuevo. Ella recuerda que, desde muy temprana edad, observaba a su mamá y a sus tías quienes se reunían, días antes del 24 y el 31 para preparar las hallacas y los bollos. Estaban todos muy alegres ese día, escuchando gaitas y villancicos. Recuerda que su tía Berta, quien sabía cocinar muy bien, dirigía la elaboración del guiso que, según ella, era lo más laborioso y delicado. A cada quien le asignaban una tarea. Lilian, con sus 8 años de edad, cortaba el hilo de acuerdo a una medida que le daban. Los adultos, hacían lo demás. Continúa expresando la informante que, aunque más adelante se radicó en Caracas, volvía religiosamente, en diciembre, para disfrutar de ese maravilloso ritual que formaba parte de su identidad trujillana. Sin embargo, con el transcurso del tiempo, no pudo viajar más para su lugar de origen, pero, afortunadamente, su hija, heredó de sus tías y abuelas, la costumbre de realizar las hallacas. Entonces las siguieron haciendo en la capital durante la época decembrina, en familia, involucrando también a sus nietos. Vale resaltar que, aún en la actualidad, mantienen esta tradición, en honor a sus ancestros, preparando y degustando la típica hallaca de la región andina.

3 Copla de aguinaldo venezolano de autor desconocido.

En cuanto al segundo actor social entrevistado, identificado como informante 2, en sus remembranzas respecto al tema, evocó lo siguiente: “Para mí diciembre es música navideña, fiesta familiar, de preparación espiritual para recibir al Niño Dios. Recuerdo a mi mamá quien hacía muchísimas hallacas para compartir en familia y entre los vecinos y amigos. En esa época, se hacía intercambio de hallacas entre los más cercanos y era enriquecedor porque cada familia, al hacerlas, le ponían su toque personal”

Seguidamente, el tercer informante, además de expresar que es un plato típico que engalana la navidad y el año nuevo, hizo énfasis en los ingredientes con que se elabora el guiso de la hallaca. A saber: carne, cochino, gallina o pavo y, aliños como: ajo, cebolla, pimentón, cebollín, entre otros. Esa mezcla se pone sobre la masa coloreada con onoto a la cual también, en algunos casos le agregan ají dulce y pimentón licuado para darle sabor. La masa se extiende, previamente, en hojas de plátano o cambur. Luego, se envuelve y amarra con pabilo. Finalmente, dependiendo de la costumbre de las familias, se cocinan o se refrigeran para cocinarlas el día en que se vayan a degustar.

Hallazgos

Podemos expresar que la hibridación cultural manifiesta en la hallaca venezolana, hace que en cada ser humano aflore, un cúmulo de sentimientos, pensamientos y valores, inculcados generación tras generación que muy difícilmente, desaparecerán con el paso de los años. De allí que todos los venezolanos, con el arraigo y sentido de pertenencia que nos caracteriza, debemos ser garantes de la elaboración, difusión y disfrute de la hallaca como parte del sentimiento más hermoso que emerge en cualquier momento del año, pero con más ahínco, durante la época navideña.

Debemos recordar siempre que La hallaca, más que un plato, es el corazón palpitante de la Navidad venezolana, un símbolo de amor, unión familiar y arraigado sentido de pertenencia. Esta tradición ancestral transmitida de generación en generación, constituye un valioso patrimonio cultural inmaterial de la humanidad.

Discusión

La hallaca es un plato central en nuestro régimen alimentario, que está vinculado estrechamente a la festividad decembrina, cargada de religiosidad. La hallaca, por ser un elemento central en nuestro régimen alimentario ligado a la espiritualidad religiosa, a la madre, a la familia, a la patria y a su lejanía, establece una relación de identidad con la realidad, intermediada por la madre, viva o muerta, creando memoria afectiva, y con la alimentación, lo que refuerza su connotación simbólica (Sequera 2012; Finol, Pérez 2016; Cartay 2021).

Según Landaeta, (2021) La hallaca es un plato nacional que admite las variaciones regionales; tanto en la elaboración colectiva, donde participan los miembros de la familia, unidos esta vez por el vínculo de la tradición; de confección minuciosa y larga, que demora al menos dos días. Es un plato completo y compuesto, con muchos ingredientes y nutriente.

Afirmando lo expuesto anteriormente, la hallaca no solo está ligada a la espiritualidad, a la unión familiar, sino también muestra la diversidad cultural del país y su historia. Se ha mantenido a través de los años como elemento ancestral en las celebraciones navideñas, igualmente, se ha adaptado a las nuevas generaciones sin perder su esencia.

Para finalizar, la hallaca es un testimonio de la perennidad de las tradiciones venezolanas y además es un símbolo poderoso de unión familiar. La preparación y consumo no solo se celebra en la gastronomía del país, sino que también reafirma los vínculos afectivos y la identidad colectiva que presentan los venezolanos. Esta costumbre se convierte en un legado que se transmite de generación en generación.

Referencias

CARDINALE, A. **Hallaca, tremendo paquete**. *Revista Estampas*. Diario El Universal, 11 de noviembre. Caracas. Venezuela, 2007.

CARTAY, R. **Breve reseña histórica de la Hallaca en Venezuela, con especial referencia a la hallaca Merideña**. <https://orcid.org/000-002-5870-5658> Universidad técnica de Manabí Portoviejo, Manabí Ecuador, 2021.

CARTAY, R. **Diccionario de Cocina Venezolana**. Primera Edición. Caracas. Venezuela. Alfadil Ediciones. 2005.

FINOL, J; y BEATRIZ, P. **Semiotic food, semiotic cooking:** The ritual of preparation and consumption of hallacas in Venezuela en: *Semiótica*, Issue 211: 271-291. Doi: <https://doi.org/10.1515/sem.2016-0088>. LANDAETA; y JIMENEZ. **La hallaca tradición y nutrición.** <http://doi.org/10.54624/2021.34.2.005>. 2021 LEON, R. D. **Geografía Gastronómica Venezolana.** Primera Edición. Caracas, Venezuela. Línea Editores.

Colección Yantares, 1984.

POPIC, M. **Comer en Venezuela.** Caracas. Venezuela. Editorial: Autor. 2013

SCANNONE A. **Mi Cocina.** A la manera de Caracas. Segunda Edición de Bolsillo. Barcelona, España. General Grafic, S.A. 1984.

SEQUERA, J. **El gusto lo dan las manos.** Carmen Luisa Rivero, Maestra de la Culinaria Popular Venezolana en: *Revista de Pedagogía* Vol. 33 (93) (julio-diciembre de 2012), pp. 121-126.



Gastronomía Navideña Venezolana

CARMEN CECILIA GONZÁLEZ VILORIA¹

Resumen: En Venezuela hay muchas tradiciones con las comidas navideñas. Es común en el país compartir la elaboración de todas ellas, entre los miembros de la familia, amigos y hasta con vecinos. La *hallaca* constituye el principal componente de la cena navideña. La acompaña un delicioso *pernil*, una rica *Ensalada de gallina* y *Pan de jamón*. También disfrutan de preparaciones dulces: la *Torta Negra*, *dulce de lechosa verde en almíbar*, *dulce de Cabello de Ángel* y otros. En el Fin de Año consumimos *hallacas*, otra ensalada, *Pan de Jamón* y *Asado Negro*. Para la despedida de la Noche Vieja, comen las 12 uvas del tiempo, pidiéndose un deseo con cada uva que representa un mes del nuevo año. Después de las 12 campanadas, comen lentejas que promueven la abundancia para el futuro inmediato. El 6 de enero tienen la *Rosca de Reyes*, que se comparte con amigos y familiares.

Palabras claves: Hallaca; Pan de Jamón; Navidad

Introducción

Como en la gran mayoría de todos los rincones del mundo, la Navidad es una fecha de celebración, estos días nos permiten estar juntos, compartir, participar de distintas actividades para alegrarnos y recordar el Nacimiento del Niño Jesús. Lo hacemos poniendo en práctica una gran cantidad de tradiciones, las cuales nos unen y la rutina se transforma para convertirse en quehaceres hermosos que nos ocupan durante varias semanas previas a esa festividad.

1 Profesora del Departamento de Tecnología de Servicios de la Universidad Simón Bolívar. Sede El Litoral. La Guaira. Venezuela.
Profesora del Instituto Superior de Gastronomía "Mariano Moreno"
E-mail: cecilin2008@gmail.com
ORCID 0009-0006-0313-2959

Lo primero que celebramos es el Tiempo de Adviento, más que una celebración, es una preparación espiritual para el gran evento: el nacimiento del Niño Dios. Se trata de un tiempo de recogimiento antes de la Navidad, incluye los cuatro domingos previos, en que la tradición nos indica preparar una Corona de Adviento y prender una vela en cada domingo de diferente color: los tres primeros domingos serán de color morado y el último, de color rosado. Simbolizan la esperanza, la paz, el amor y la alegría, respectivamente. La Iglesia invita a los feligreses a participar en esta tradición como la oportunidad para prepararnos en la ilusión de la llegada del Niño Bendito. Con cada encendido de las velas, la familia se reúne alrededor de la Corona para orar y solicitar favores a ese Niño que está por nacer en Belén.

Todo este tiempo promueve la paz, el amor, la reconciliación hasta llegar a la fecha cumbre, el 24 de diciembre en que recibimos al Hijo de Dios, sinónimo de confianza y esperanza. La Navidad es una fiesta cristiana. En este día, hay una enorme alegría y satisfacción. A la semana despedimos el año viejo y nos preparamos para recibir el nuevo con el sentimiento de las promesas y deseos para los próximos 365 días.

Estas fechas son muy particulares, están llenas de tradiciones, costumbres de distinta naturaleza, muchas de ellas son religiosas como las Misas de Aguinaldos, por ejemplo, las cuales se llevan a cabo desde el 16 hasta el 24 de diciembre, nueve días que representan los nueve meses de gestación de la Virgen María. La puesta del pesebre en las casas y en las Iglesias es otra tradición muy hermosa en que se representa a la Sagrada Familia en Belén con figuras elaboradas para la ocasión, se escenifica el pueblo completo, con la llegada de pastores con ofrendas para el Niño Dios, incluyendo a los Reyes Magos que se presentan portando presentes al recién nacido.

Otras tradiciones muy hermosas las constituyen los patinadores, ellos también anuncian la Navidad. La tradición la mantenían los jóvenes con esos patines de cuatro ruedas. Salían en grupos a muy tempranas horas del día, cantando, riendo, escogiendo las calles más empinadas de Caracas, con curvas cerradas, haciendo de esta actividad verdaderamente algo muy emocionante; otras veces patinaban en parques, en plazas, especialmente aquellos patinadores que no se arriesgaban con las calles peligrosas. Todos iban muy abrigados por el frío reinante a esas horas de

la mañana. Y una *tremendura* característica de esos jóvenes, era “robarse” el pan y la leche que los productores portugueses preparaban y entregaban en esos momentos. Por supuesto, ese “robo” era permitido por sus dueños. Lamentablemente, esa tradición se perdió, los robos mañaneros y los maleantes nos robaron la oportunidad de seguir patinando y desde hace años ya, se acabó.

En la ocasión de este Congreso, vamos a referirnos a las costumbres gastronómicas de Venezuela. Comentar sobre las preparaciones de esta época y la gran variedad que existe en Venezuela, lo que permite disfrutar de verdaderas exquisiteces culinarias.

La celebración del Nacimiento del Niño Jesús, propiamente la Navidad, está repleta de tradiciones, tanto es así que, para la elaboración del condumio navideño, la hallaca, el plato principal de la Cena de Navidad, reúne a diferentes personas para su realización. De esta manera, se convoca a varios miembros de la familia, se invitan a los amigos, inclusive a algunos vecinos para cocinar, cada uno de ellos tendrá una tarea en particular por ejecutar en la realización de este plato.

Al revisar el Menú para la celebración de la Navidad y posteriormente, la despedida del Año Viejo junto con la llegada del Año Nuevo, el listado de platillos es muy variado; se mantienen en general las preparaciones básicas de estos encuentros pero hay que señalar, antes de continuar, que en Venezuela existen diversas regiones gastronómicas que, aunque no se va a hablar sobre ellas en particular, es necesario y obligatorio decir que cada una de ellas tiene su propia tradición, lo que influye directamente en el tipo de comida que presenta como típica, muy suya y particular.

Sin embargo, se mantienen algunas características que se encuentran en todas estas regiones. Retomando el menú para la ocasión, primero que todo hay que mencionar **la Hallaca**, es la reina en la mesa decembrina, un producto que ha traspasado las fronteras del país con creces; posteriormente, viene el **Pan de Jamón**, creación original de nuestro país que también forma parte de las comidas típicas de este tiempo; luego viene la **Ensalada de Gallina** y por último, una proteína fuerte, **el Pernil**, ese corte extraordinario de carne magra del cerdo, la pierna, constituye el acompañamiento proteico por excelencia, la carne para la ocasión; en algunas mesas decembrinas puede servirse pavo o carne de

res, va a depender un poco también de los recursos económicos de cada familia para la compra de la carne.

En relación al postre, la parte dulce venezolana que corona la cena de Navidad y de Año Nuevo, es la **Torta Negra**, deleite que se hace con frutillas maceradas en alcohol desde al año anterior, el famoso **Dulce de lechosa verde en almíbar**, una deliciosa confitura en que la fruta se cocina hasta ablandar, por fuera se mantiene turgente y suavcita por dentro. En el interior del país se degustan otros dulces como **Huevos Chimbos** en el Zulia, el **dulce de Semeruco** en la región centro-oriental, entre otros.

Un compañero en estas comidas es el Pannetone, si bien es una preparación típicamente italiana, desde hace un buen tiempo se ha adueñado de nuestra mesa. A finales de los años cuarenta y durante los cincuenta, el gobierno venezolano facilita la inmigración europea. Venezuela recibió más de 300.000 italianos, quienes trajeron sus costumbres gastronómicas y las posicionaron en nuestro país, fortaleciéndose con la segunda generación en la década de 1970. Una de esas costumbres fue el Pannetone que llegó para quedarse. Es tan natural esta preparación en nuestras mesas decembrinas, que los panaderos y cocineros venezolanos han dominado la técnica de su elaboración y podemos adquirirlos ya venezolanizados de tanta calidad como los propios, traídos de Italia.

El menú de la Cena de Año Nuevo es prácticamente el mismo de la Cena Navideña, con alguna que otra variación cultural debido a la tradición, de la que se hablará más adelante. En estos dos eventos, las preparaciones descritas anteriormente no pueden faltar, son un rasgo importante de nuestra identidad gastronómica y cada año, todos los venezolanos nos esforzamos por mantener. Veamos algunos detalles importantes y particulares de estos platos que integran nuestro menú navideño.

La Hallaca

En este producto, al igual que en una gran cantidad de platos venezolanos, reconocemos una influencia española, originada durante el proceso de la conquista y colonización; una influencia africana, cuando llegaron los negros esclavos para los trabajos duros, especialmente para las siembras de caña de azúcar, cuando se necesitó la mano de obra y adi-

cionalmente, la influencia indígena, como aporte a la actividad culinaria que tenían los habitantes del territorio conquistado en esos tiempos.

Y así, la hallaca nos recuerda a los tamales mexicanos, bollos de maíz envueltos en hojas de plátano. Sin embargo, estos bollos no llevan relleno ni tienen la importancia en el Menú navideño que tiene nuestra hallaca. Pues su elaboración y transformación hasta convertirse en la protagonista de la gastronomía navideña y el Año Nuevo, data de muchos años. Este protagonismo continúa igual, hoy día, en los hogares venezolanos, inclusive, fuera de nuestras fronteras.

La hallaca, tal y como la describe nuestro historiador en alimentación Rafael Cartay (2005) en su *Diccionario de Cocina Venezolana*, es un bollo rectangular de maíz, elaborado con masa de maíz cocida o con la harina de maíz precocida, como se hace actualmente; la masa que se obtiene debe hacerse de un grosor y consistencia suficientes para que soporte el relleno que se le añade. Según la costumbre, se colorea con onoto (achiote).

Este relleno, llamado “guiso”, es el que le confiere ese sabor tan exclusivo, dándole características especiales y particulares. En el guiso vamos a encontrar una variedad de carnes: cerdo, pollo, res y gallina, a las que se les añaden los llamados “aliños”: cebolla, cebollín, ajo porro, celery, ajo, pimentón, ají dulce, entre otros.

Finalmente, el relleno se corona con los “adornos”, estos son otros ingredientes tales como aros de cebolla cruda, julianas de pimentón, pasitas, alcaparras, aceitunas rellenas, como lo describe nuestro gastrónomo Armando Scannone (2008). Atendiendo a las costumbres de ciertas hallacas elaboradas en otras regiones del país, los adornos pueden contener hasta ruedas de papas y ruedas de huevos sancochados.

Una vez que la masa está lista, se toma una porción, del tamaño de la mano, y se coloca una bola de esa masa en el centro de la hoja de plátano engrasada con manteca de cerdo. Esta bola se extiende sobre la hoja de plátano, bien sea con los dedos, con el rodillo o con una prensa, obteniéndose un círculo de masa, delgado pero consistente, al cual se le pone en el centro una o dos cucharadas de guiso para posteriormente coronarla con los “adornos”.

Finalmente, esta preparación se envuelve con la hoja de plátano, para que se contenga el relleno y los adornos dentro. Se le colocarán otras

hojas para terminar con el envoltorio. Luego se amarra con un hilo fuerte de cocina, “el pabilo”, haciendo una cuadrícula con este amarre para proteger la masa con su relleno, y evitar que se derrame. De esta manera se forma el bollo rectangular de maíz, denominado “**hallaca**”.

Por lo general, la elaboración de las hallacas se lleva entre dos y tres días, son muchas las tareas que se realizan, de ahí la necesidad del trabajo en conjunto de cada uno de los miembros de la familia. Lavar las hojas de plátano, tener disponible la manteca de cerdo y aceitarlas para que la masa se desplace mejor, preparar la masa con el maíz y darle color con onoto (achiote), preparar el guiso, realizar el relleno, envolverla en la hoja de plátano y luego cerrarla y “amarrarla” para contener la masa y el relleno, siendo todas éstas, tareas que requieren conocimiento y control de los tiempos de cocción para evitar que el producto final pueda contaminarse y así perderlo. Posteriormente, se cocinan a fuego alto y una vez que se refresquen, se suele guardarlas en el congelador hasta el momento de consumirlas en que se sacarán y calentarán en agua hirviendo.

Por lo general, esta preparación se realiza a comienzos del mes de diciembre. Se preparan tantas como sea posible y el presupuesto lo permita: la idea es tener hallacas y que sirvan no solo para el consumo familiar, sino también para regalar. Será el alimento fuerte de los días anteriores al Nacimiento del Niño Dios y los días posteriores también. De hecho, en muchos hogares venezolanos, las hallacas seguirán siendo el alimento protagonista de la Cena de Año Nuevo.

La explicación dada corresponde a la elaboración de las hallacas en forma general, esas son las características y las asociaciones de ingredientes y actividades de nuestras hallacas venezolanas. Sin embargo, en Venezuela se reconocen cinco tipos diferentes de hallacas, oriundas de distintas regiones del país, de esta manera, se tienen las siguientes:

Hallaca caraqueña. Lleva alrededor de 25 ingredientes, con un guiso compuesto por la variedad de carnes ya mencionadas, con suficientes aliños. Se le colocan abundantes “adornos”.

Hallaca llanera. Es muy parecida a la hallaca caraqueña. En algunas regiones el guiso se prepara con caraoatas negras o con quinchonchos.

Hallaca andina. La particularidad de esta hallaca es que el guiso de relleno se le agrega crudo, es decir, las carnes se cocinan junto con la

hallaca para el momento en que se van a consumir. Adicionalmente, se le agregan garbanzos.

Hallaca oriental. Dada la cercanía al Mar Caribe, generalmente se las prepara con pescado y hasta con mariscos. Sin embargo, predominan las ya mencionadas, cuyos adornos se destacan por la presencia de ruedas sancochadas de papas y de huevos.

Hallaca zuliana. Es bastante común en esta región del país, preparar la masa de plátano verde sancochado y majado, esto le proporciona un sabor un poco amargo y oscurece la preparación. Por lo general, el envoltorio de estas hallacas es el mismo que se hace con las otras solo que se usan hojas de bijao, una planta muy parecida a la planta del plátano, ya que también tiene unas hojas grandes. Su sabor es diferente a las hojas de plátano. En el Estado Zulia, cuando se organizan para los preparativos de la Cena de Navidad, incluyen un platillo adicional que se llama “Macarronada”, es un pastel de pasta que acompaña a la hallaca.

Y al referirnos a la hallaca, no podemos dejar de mencionar que este plato decembrino, venezolanísimo, también aparece en las letras de ciertas canciones navideñas:

*Dame mi aguinaldo
Aunque sea poquito
25 hallacas
Y un marrano frito²*

Siguiendo el orden de las demás preparaciones para la cena de Navidad, toca conversar un poco sobre el

Pan de Jamón

Este pan salió a la luz pública a comienzos del Siglo XX, exactamente datado con fecha de 1905, en una panadería caraqueña llamada “Ramella” (Miro Popic, 2013). Todo comenzó elaborando un pan con masa del pan sobado que se rellenaba con las sobras de jamón de otras preparaciones; al principio se llamaba “pan con jamón”. Comenzó la actividad culinaria de otras panaderías en competencia por este pan, se le añadieron aceitunas y pasitas para enrollarlo y hornearlo. En la receta

² (Copla de aguinaldo. Autor desconocido. Se canta durante la Navidad, en la población de Sanare, Estado Lara)

original, el pan llevaba solamente estos tres ingredientes, con el tiempo, el desarrollo y la evolución de las fórmulas panaderas han hecho de este pan una verdadera delicia, en que la masa, elaborada con harina de trigo está saborizada y el jamón es de calidad, cortado en lonjas. En la actualidad hay panaderías en que lo elaboran hasta con masa de hojaldre y en el relleno le colocan tocineta, variando su sabor original totalmente. Es otra receta, pero no por menos, sabrosa y muy original.

Ensalada de Gallina

Otra de las guarniciones fundamentales para las hallacas y con eso, armar el plato navideño venezolano es la Ensalada de Gallina. Es una preparación típica venezolana, cuya aparición data de los años 40 del Siglo XX aproximadamente. Se tiene conocimientos de su aparición en la época de la Caracas de los techos rojos.

Originalmente, se preparaba solamente con papas y zanahorias sancochadas con carne de gallina en trozos pequeños y aderezada con mayonesa; con el tiempo se añadieron otros ingredientes, como manzana verde, guisantes (petit pois), nabos y en el aderezo, además de mayonesa, se le agrega aceite, vinagre y hasta salsa inglesa. A veces se hace difícil conseguir gallina por lo que se sustituye por carne de pollo. Esta preparación se presta para hacer cortes elegantes y similares en forma y tamaño, por lo general, los ingredientes se trocean como dados pequeños, manteniendo ese estilo para todos los demás componentes de la ensalada.

Se acostumbra adornarla con huevo sancochado muy bien cortado con espárragos blancos. Un adorno muy atractivo que no siempre llega al público.

Por último, y no menos importante vamos a comentar sobre la carne.

El perrnil

El perrnil, una pierna del cerdo, es la carne que por lo general acompaña a la hallaca en las festividades navideñas, este corte corresponde a la parte trasera del animal; hay familias que la sustituyen por pavo o por carne de gallina, inclusive; a veces prefieren carne de cerdo pero otro corte diferente a la pierna, como es el lomo, por ejemplo, que es carne magra con muy poca cantidad de grasa que se rellena con vegetales

o con ciruelas pasas, lográndose una combinación de dulce-salado que queda realmente muy sabrosa.

Dependiendo del tipo de carne y de la cantidad se llevará al horno, la cual se ha macerado con suficiente anticipación con condimentos, hierbas aromáticas y aliños. La cocción del pernil, se estima en 40 minutos por cada kilogramo de carne a 180°C, aproximadamente; sin embargo, cada horno es único, se sabrá que la carne está lista cuando los jugos internos de la preparación salgan ligeramente oscuros y un poco espesos.

Por otra parte, también se disfruta de las preparaciones dulces, el postre. Los ya mencionados al comenzar este texto: la Torta Negra, el famoso Dulce de Lechosa verde en almíbar. Otra especialidad también en almíbar es el Dulce de Cabello de Ángel, que se hace de una calabaza de color claro que se deshilacha con tenedor, hay familias que le agregan piña cortada en dados muy pequeños dándole un sabor y consistencia especial. En el interior del país se mencionan entre otros dulces, a los Huevos Chimbos, un dulce típico del Estado Zulia, que ya ha traspasado las fronteras del estado, se encuentra en otras ciudades del país, dándose a conocer preparaciones regionales de otros sitios.

La cena de despedida del año es parecida a la de Navidad. Se consumen de nuevo las hallacas que han permanecido en el congelador, se sacan para la ocasión y se calientan muy bien. Se acompañan con Pan de Jamón y Ensalada de gallina. La proteína, por lo general es carne de res, aunque se puede repetir la carne de la Cena de Navidad. Si es carne de res, se usa un corte muy particular que se llama “Muchacho cuadrado”, especial para asado, que se deja quemar a propósito con papelón y vino. Esta preparación se llama “Asado negro”, al finalizar la cocción, se elabora una salsa con sus jugos y el vino, que queda muy oscura, de ahí su nombre. El emplatado se hace con la hallaca, la ensalada, una o dos ruedas de pan de jamón y dos o tres lonjas de carne con la salsa negra cubriéndola. Presentación muy elegante y apetitosa.

Para la despedida del año que acaba, se acostumbra comer 12 uvas frescas, moradas por lo general, las llamadas “uvas del tiempo”; con cada una se pide un deseo para cada uno de los meses venideros.

Inmediatamente después de las 12 campanadas, en medio de la alegría del Nuevo Año y de los fuegos artificiales y demás efectos pirotéc-

nicos, se acostumbra comer un plato de lentejas; según la tradición, esa ingesta promueve la abundancia para el año que llegó.

Todo esto acompañado de un estreno de ropa para augurar el éxito, la prosperidad y el amor para el próximo año. Se adquieren piezas nuevas para el 31 de diciembre y en especial, la ropa íntima de color amarillo, la cual atrae (según las buenas lenguas) la prosperidad, la abundancia y la fortuna, asumiendo el optimismo y la energía positiva para los siguientes meses.

Lo más interesante es que el desayuno del 1º de enero, se hace con los restos de la carne del perrito que quedó de la Cena de Navidad. Se preparan sandwiches en panes comprados para la ocasión, tipo “baguettes” y se consumen a las 2 o 3 de la tarde, después de superar la resaca del baile y la parranda del año que terminó.

Referencias

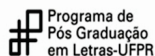
Cartay, R. **Diccionario de Cocina Venezolana**. Primera Edición. Caracas. Venezuela. Alfadil Ediciones. (2005)

León, R. D. **Geografía Gastronómica Venezolana**. Primera Edición. Caracas, Venezuela. Línea Editores. Colección Yantares. (1984)

Popic, M. **Comer en Venezuela**. Caracas. Venezuela. Editorial: Autor. (2013)

Scannone A. **Mi Cocina**. A la manera de Caracas. Segunda Edición de Bolsillo. Barcelona, España. General Gráfico, S.A. (1984)

Esta coletânea interdisciplinar e multilíngue reúne investigações que examinam as manifestações culturais do Natal em contextos latino-americanos e africanos, destacando suas implicações na construção de identidades, nas dinâmicas sociais e nas disputas simbólicas de ordem política. No campo das expressões musicais, a trajetória de Mariíta Ramírez é apresentada como referência viva da “guayanesidade”, enquanto a música natalina em Caracas evidencia vínculos intergeracionais e espirituais, e a análise de canções populares ilumina dimensões temporais da Natividade. A crítica ao Papai Noel, por sua vez, explicita tensões encobertas pela festividade. Em perspectiva comparada, as práticas culinárias natalinas em Angola são interpretadas como formas de resistência diante das heranças coloniais, ao passo que, no Haiti, as celebrações da temporada revelam-se atravessadas pela instabilidade política e pela resiliência, seja por meio de rituais que promovem bem-estar comunitário, seja pela simbologia das cores festivas, associadas à esperança e à alegria coletiva. Outros estudos abordam a influência de antigas divindades femininas na construção da celebração cristã, a *hallaca* venezuelana como impulsora de união familiar e patrimônio cultural, bem como a gastronomia natalina da Venezuela como conexão e solidariedade comunitária. Complementam o livro criações poéticas que tensionam criticamente o consumo e evocam a dimensão íntima do espírito natalino. No conjunto, os textos aqui reunidos revelam uma importante equidade protagonizada por uma maioria de mulheres autoras, assim como por pesquisadores negros e indígenas, que compartilham como diferentes tradições e linguagens — musicais, gastronômicas, rituais e literárias — articulam memória e pertencimento, reafirmando o Natal como campo plural de resistência, solidariedade e renovação.



casalettras.com



9 786552 120031 0

ISBN: 978-65-5220-031-0